UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

Adilson Rodrigues Camacho

A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento.

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

A geografia no nascimento do mundo: existência e conhecimento.

Adilson Rodrigues Camacho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Amália Inês Geraiges de Lemos

São Paulo
2008

Ofereço este trabalho a Ricardo, meu pai, com quem ainda aprendo muito! E a Carolina, minha mãe, com quem aprendi o que é eternidade...

AGRADEÇO

Muito a **Rose**, companheira, que nos deu a *Carolinha* e o *Rafa*, além de muito apoio. A história de agradecer pela paciência é clássica e então, aí vai: obrigado por estar perto.

Muito a *Jéssica*, pela oportunidade de ser seu pai, o que ainda estou aprendendo...

Muito a *Miriam* e a *Cida*, pela companhia sempre tão rica.

Muito as minhas irmãs, *Sônia* e *Nanci*, pelo que já tivemos.

Muito àqueles responsáveis diretamente pela minha vida de estudos; são eles: *Regina Sader*, a primeira oportunidade de pesquisa na graduação, levou-me para os núcleos de estudo no Departamento de Antropologia; *Nicélio César Tonelli*, o *César*, muito estudioso e disciplinado, muito me ensinou sobre conduta acadêmica; a *Helena Kohn* e a *Fani*, pelos convites para estudar; ao *Scarlatto*, pelas proveitosas sugestões no exame de qualificação, ao caríssimo *Eliseu S. Sposito* que me acolheu na UNESP, em sua casa, e que, falando pouco, disse muita coisa importante...; ao amigo *Eduardo Geraldês* com quem venho aprendendo muita coisa, a maior delas disciplina! E disponibilidade: obrigado, amigo, pelo diálogo; a *Ivy*, amiga, pelo estímulo à pesquisa e facilidade de comunicação, que contam muito aqui; ao *Celso*, querido amigo.

Muito a **Inês**, orientadora querida, amiga. Pelo apoio e acolhida nos momentos de maior ansiedade, pois muita gente querida se foi enquanto conversávamos. Obrigado pela liberdade que me vem ensinando a duras penas, a organizar-me.

Muito todos com quem aprendo e aprenderei, meus alunos e meus professores; além dos colegas: *Thaïs*, *Marília*, *Marion*, *Keko*, *Silvio*, *Iole*, *Maria Thereza*, *Maria Aparecida*, *Maria Leopoldina*, *Gil*, *Marisa*, *Bianca*, *Pedro*, *Tainá*, *Claudia*, *Sandra*, *Marina*, *Mônica* e *Silvana*, e muita gente de quem gosto muito, e que não estão nesta página. Obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa vem ao modo de um diálogo ou ponte entre fenomenologia e ciência geográfica. O percurso tem início com o reconhecimento da ontologia comum entre sujeito e mundo, continua com a experiência da percepção com abertura e fechamento das coisas, numa operação constituinte do meio como mundo e lugar, pela atividade humana, diante daquele instituído, passivo, acabado. Das coisas chega-se ao lugar, deste vai-se ao mundo, até que dele se retorna; um ciclo.

A ontologia comum estabelecida como ontologia encarnada permite procurar no recuo ao pré-objetivo, outros atributos normalmente desconsiderados dos lugares, os quais serviram de parâmetro à sugestão de avaliação e prognóstico. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo como oportunidade de aplicação das noções consideradas.

Palavras-chave: diálogo entre filosofia e geografia, ontologia comum, constituição e instituição, experiência e percepção, abertura e fechamento, meio, lugar, mundo.

ABSTRACT

This research is the way of dialogue or a bridge between phenomenology and geographical science. The route begins with the common ontology between subject and world, continues with the experience of perception with opening and closing of things, a constituent of operation as a means world and place for the activity, given that up, liabilities, finished. Of the things you get to the place, this go to the world, even if it returns, is a cycle.

The ontology established as common ontology makes searching in the red throwback to pre-order, the pre-purpose other attributes normally disregarded, the places, thinking on assessment and prognosis of these places. To this end, the field work was conducted as an opportunity for the application of the concepts considered.

Keywords: dialogue between philosophy and geography, common ontology, and institution building, experience and perception, opening and closing, means, place, world.

SUMÁRIO

Prévias ao percurso – o que se quis abrir	8
1 - Geografia e existência: Mundo e Terra como condição do conhecimento.	14
2. Experiência da percepção e sua espacialidade. <i>Das coisas ao lugar.</i>	21
2.1. Coisas e experiência: as raízes e os horizontes de nossa espacialidade e o lugar aberto	28
2.2. Os pactos de confiança: sob as pontes os “ <i>eus</i> ” e seus mundos na base do mundo compartilhado.	41
3. O lugar tem sentido no mundo fechado? <i>Do lugar ao mundo.</i>	53
4. Meio constituído, entre lugar e mundo sendo ambos.	64
4.1. Escala. Movimento no espaço-tempo dos horizontes das coisas	66
4.2. O lugar é já um meio envolvido pelo tecido do mundo.	69
4.3. A carne do meio, armadura e chão do lugar.	78
5. <i>Do mundo ao lugar</i> : uma nova abertura ao vivido, agora científica.	82
5.1. No vivido, a geografia encontra o humano	86
5.2. De volta ao lugar, a estrutura encarnada é condição de coerência.	90
5.3. Espacialidade da forma e formas espaciais: caracterização e apontamentos.	94
5.4. Superando os pactos de confiança. Para onde o trabalho aponta.	101
6. O caminho do mundo pelo abrir e fechar	104
6.1. Grupos e roteiros	106
6.2. Referencia cartográfica e Fotos	120
Referências Bibliográficas	142

Prévias ao percurso – o que se quis abrir

“Num sentido, existe começo, mas, noutro sentido essa imagem nos desnorteia. A verdade é que o autor tenta estabelecer um novo ponto de partida mas ao mesmo tempo se proíbe a busca de um novo ponto de origem que permitiria traçar o caminho do saber absoluto. Talvez nisto sua empresa se distinga mais profundamente da dos seus antecessores. (...). Assim, nos seus primeiros esboços de introdução, partia daquela observação – que não podemos encontrar uma origem em Deus, na natureza ou no homem, que tais tentativas se reúnem no mito de uma explicitação total do mundo, de uma adequação completa do pensamento e do ser, que não leva em linha de conta a nossa inserção no ser de que falamos, que esse mito não sustenta, aliás, no nosso tempo, nenhuma pesquisa fecunda, e que dissipá-lo não é cair no ceticismo e no irracionalismo, mas pela primeira vez conhecer a verdade de nossa situação”. Claude Lefort, acerca de “O visível e o invisível” de Maurice Merleau-Ponty . Maurice Merleau-Ponty (2005: 260).

I - Introdução

A pesquisa nasceu de uma insatisfação inicial com os pontos de partida comumente adotados pelo geógrafo em seu trabalho. Insatisfação que, em sua origem, explica-se por uma dificuldade em partir do lugar dado, abordando-o como se já tudo, assim, estivesse constituído, resolvido; ao menos no que diz respeito ao seu estatuto de realidade. Tinha que fazer uma ponte cujas bases estavam na geografia e na filosofia. O objetivo almejado é o de uma aproximação geográfica, buscando *as próprias coisas*, conduzido inicialmente pela *consciência husserliana*¹ a investigar em meio aos horizontes dessas mesmas coisas, mas, aquém do “já pronto” e determinado sobre o que se discursa as mais das vezes com tanta convicção. E, amparado na advertência de Maurice Merleau-Ponty trazida em epígrafe, o fulcro da tese é: **o que é e qual seria o devir coerente desse lugar de coisas no mundo?** Trata-se de uma “*reflexão operatória*” sobre a coerência geográfica, com seus critérios.

Este trabalho pretende refutar os linhas gerais de uma geografia dividida, manifestantes de afastamentos perigosos daqueles projetos geográficos integrados, como o de C. Sauer, M. Sorre, P. V. De La Blache, somente para citar alguns de intenção evidente. E se é no

¹ Acompanhando algumas das idéias mais importantes de gente tão ilustre, como Ortega y Gasset, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty; este o que me pareceu continuar mais próximo do caminho do mestre, inovando.

espaço vivido que as coisas, os lugares e o que se diz deles têm sentido, nele é que devem estar os fundamentos da abordagem geográfica da Terra e do Mundo, atinentes ao horizonte da teoria, requerendo, portanto, explicitação do formato ou configuração da pesquisa.

É propedêutico ao trabalho do geógrafo traçar a rota dos trajetos. O nosso, quis uma ponte entre os principais cânones do pensamento filosófico e do científico, que está firmada em Maurice Merleau-Ponty, de um lado, e em Milton Santos, de outro²; autores escolhidos pelo potencial e efetivo diálogo com muitos outros e, principalmente pela extensão que suas notas alcançam. E com esse assunto introduzimos a problemática principal.

A reflexão crítica sobre o conhecimento científico e seus prejuízos deve reconhecer o *esquecimento*³. Com o auxílio de instrumentos analíticos e dialéticos, assentados nas atividades instituintes e constituintes dos entornos de que se fala, avistam-se muitos caminhos, porém, o inquérito dá-se com base na geografia que se viu mais nitidamente quando neles nos colocamos; aquela que nos pareceu mais viável. As atividades de que estamos falando evocam o rol infinito de ações a que nos dedicamos no cotidiano, ou melhor, na atitude natural.

O modo encontrado de seguir foi tatear, primeiramente instaurando um diálogo fomentado pelas dúvidas e insatisfações, com pensadores que amparam as idéias aqui sustentadas, e com outros quando isso nos pareceu conveniente. Dúvidas e insatisfações formadoras do binômio operatório do raciocínio desta investigação, cujo intento, aqui, seguindo as teses de Maurice Merleau-Ponty, é o de integrar aquilo que se costumou separar, como as relações entre sujeito e objeto, tratando de abraçar os sentidos, sustentar as tensões [teóricas] e não abrir mão das possibilidades, antes de testá-las. Caminho árido. Contudo, a vida em si mesma implica certo saber, tácito, e o método, construções inacabadas.

O rasto, por onde andei com os pés e com a caneta, movido de insatisfação em insatisfação, é de soluções sempre temporárias. O texto vai, então, ao modo de uma

² Além de Armando Corrêa da Silva, que muito nos ajuda na empreitada.

³ O esquecimento de que fala Maurice Merleau-Ponty é aquele da ciência quanto à origem das coisas de que trata, da entrada das coisas no mundo da objetividade.

aproximação como relação de percepção das coisas, considerando aquilo que me atraía o interesse. Neste momento, as coisas e o lugar que estão postos tanto por um empirismo quanto por um intelectualismo, devem ser perscrutados em suas ligações com o espaço geográfico, a Terra e o mundo. É de um lugar a um só tempo *instituído*, anônimo e *constituído*, pessoal e identitário de que se está tratando, qualidades reunidas na experiência vivida além da posição política.

O rasto resultante da marcação do roteiro é também amparado na ordem no trajeto percorrido com os pés, no trabalho de campo, apresentado no último *capítulo*. O texto é também um rasto deixado em nome da busca das conexões sociais, não sendo apenas físico (pegadas, coisas em que esbarrei, quebradas, consertadas), ou biológico (situação orgânica), ou simbólica (história, cultura, comunicação sobre o caminho), é tudo junto. Então, quando *falo* do trajeto, do que vi, do que sei que sempre estive ali, do que transformei em mim na experiência, de como a relação situada virou lugar, pois espacial originalmente, trago dimensões diferentes da existência. É a expressão *prático-conceitual* da existência. Desdobrar o lugar pelo caminho, mente e membros, um corpo inteiro que se torna sujeito em meio às coisas, é a proposição do *corpo-sujeito* de Maurice Merleau-Ponty.

O texto cambia entre terceira e primeira pessoas, em virtude de minha posição no texto, dissertando sobre as coisas tornadas meio e lugares (terceira pessoa), ou ambigualmente como sujeito que integra os objetos da descrição (primeira pessoa do singular) e integrado neste (primeira pessoa do plural) num meio que me torna visível no lugar como conjunto; desejo geográfico originário. Entretanto, a operação é geradora do esquecimento das coisas na base do lugar, dessa realidade “primeira”, ora se mostrando mais diretamente, ora não aparecendo, como que invisível, o que significa estar presente, “trabalhando” pelo que aparece, como se verá adiante.

Pelos capítulos, disserta-se sobre a *abertura* e a *constituição* do mundo, que implicam seu *fechamento* e *instituição*. Pelos **seis capítulos do texto** disserta-se sobre a *abertura* das coisas, a *instituição* do lugar e minha descrição de percipiente neles intervem ao trazer aspectos do caminho da *constituição* que conforma esse lugar.

Movimentando-nos progressivamente por problemas e soluções, já o dissemos, partimos, no *primeiro capítulo*, do constrangimento com a realidade dada, complementada,

mais que contraposta, pela minha visão de geografia primeira, ontologia.

As restrições quanto a tomarmos o que há de “pronto” nos lugares como se todo ele assim já estivesse, leva-nos, no *segundo capítulo*, a uma primeira solução: a **constituição**, de Maurice Merleau-Ponty. O real começa antes, na atitude natural, como **instituído** que se lança para adiante, impondo-se no vivido. Interpretação que ampara a pergunta, reiterada deste trabalho: **o que é o lugar e, de modo coerente, o que ele pode vir-a-ser?**

Parece que dessa maneira distribuem-se os grandes trechos ou partes do caminho de aproximação da realidade, estando o percurso do raciocínio assim dividido: primeiramente, olhando para o lugar por meio das coisas que lhe dão sentido (“***Das coisas ao lugar***”); em outro trecho estão os lugares que dão sentido ao mundo (“***Do lugar ao mundo***”); e, por fim, outro que leva do espaço geográfico de volta ao lugar, o lugar pelo mundo (“***Do mundo ao lugar***”). Assume-se a “confusão”, a opacidade em seu sentido clássico, resumida na máxima - *não se deve confiar nas aparências* -, ficando de lado neste trabalho, inúmeras relações, mais por não serem vistas que por controle metodológico.

Justifica-se, assim, o recurso à fenomenologia; o que significa que assumimos em consonância com o projeto merleau-pontyano de valorização do indeterminado, o impreciso, o mistério, além do não visto, como valores positivos em ciência.

O roteiro por esses trechos em meio aos capítulos é o seguinte:

Das coisas ao lugar.

Os horizontes no caminhar por entre as coisas que me vêm como meio. Pensar e tocar as coisas foi um começo de resposta às indagações que motivaram este trabalho, a apreensão do mundo em sua dimensão espacial, inicialmente como campo fenomênico. “Ouve-se” o chamamento das coisas, na raiz de nossa espacialidade. Também se percebem as coisas, que me levam ao lugar: abertura, fechamento e coexistência na configuração do mundo em próximo e distante, e sem preconceito com a atitude natural, reconhecemos nas coisas algo que reclama sentido, como lugar pela espacialidade, e como espaço por seus significados sociais. A idéia é aprender mais com Maurice Merleau-Ponty sobre a noção de percepção cotejada à de espacialidade, posta por A. Correia de Silva. O tema da experiência e da percepção é trazido como fundamental à discussão do lugar das coisas e da vida,

relacionadas ao lugar concreto, anterior à “totalização” das experiências do próximo *capítulo*. Entram no raciocínio os pactos de confiança ou as pontes entre mim e as coisas: dos “eus” e seus mundos ao mundo compartilhado. Constitui-se um meio a caminho do lugar e esse momento de experiência, neste caminho, é já pressuposto de sua superação; o mote é o do estabelecimento das relações de confiança e da resposta, no desfecho do trabalho, com base em certa desconfiança ou dúvida com método, com vistas à superação dos aspectos nocivos da atitude dogmática.

Do lugar ao mundo.

Em seguida, no *capítulo três*, são abordadas as insatisfações com os dualismos, desintegração e fragmentação generalizada da modernidade, com unidade abstrata. Discute-se o fechamento dos lugares como o outro lado de sua abertura; é que o mundo não é encontrado do modo como está nos lugares. Há limites na percepção e na imposição das formas que vêm de fora.

No *quarto capítulo*, continua a caminhada para o mundo compartilhado; o que é o mesmo quando mais uma solução é encontrada, e lugar, agora, é tomado em sua abertura para a totalidade, para o mundo, no âmbito do para-si e não é em absoluto, é relação, meio geográfico, e daí com todas as qualidades que se vão agregando. Apresenta-se o meio como categoria existencial e genética dos lugares, envolvido pelo tecido do mundo, considerando as possibilidades de uma correção filosófica dessa reflexão por outra, a da “*carne do mundo*” de Maurice Merleau-Ponty, com a intenção de crivar as práticas e concepções envolvidas nos modos dessa abertura-fechamento.

Do mundo ao lugar.

Estamos numa nova abertura ao vivido, agora científica. No *quinto capítulo*, chegamos ao desafio de esboçar um “modelo” da coerência do ideal científico aplicado ao mundo vida, guiados pelos resultados do trabalho de campo, “sistematizados” no *próximo capítulo*. O lugar toma o sentido de um tipo de atracadouro, terra firme para o viajante, um território qualificado pelas ações dos corpos vivendo; é como que um retorno à procura do mundo nele incrustado, mas nenhuma ponte é perfeita..., embora não possam cair, boquirrotas..., é verdade. Neste *quinto capítulo* é apresentado algo do modo como a geografia encontra o humano, no vivido; a volta ao lugar, com as estruturas encarnadas

balizadas pela experiência; a espacialidade da forma, de Maurice Merleau-Ponty e as formas espaciais, de expressão empírica, como território e paisagem avaliação e proposição numa “reflexão operatória”, com a intenção de superar os pactos de confiança⁴.

No *sexto capítulo* estão a descrição, a cartografia, as fotos e os depoimentos in loco de dois grupos que andaram pelo Centro da cidade de São Paulo-SP⁵. Integra-se o dado às experiências e vice-versa, a partir da correção filosófica inspirada em Maurice Merleau-Ponty, tanto com a idéia de carne do mundo quanto com seus três níveis estruturais física, vital e simbólica⁶. Este *capítulo*, momento de exame do campo, volta-se para o lugar como escala da vivência, existência e conseqüências da implementação de projetos, com seus sentidos tomados das dimensões estruturais das formas espaciais, consideradas nos termos de suas transformações, perguntando-nos a quem estas atenderam, a quem poderiam ter atendido e quem podem atender, num **esboço de avaliação**. É **lugar a um só tempo vivido e objeto da ciência**, âmbito das insatisfações que se tenta vencer, da junção de tudo quanto possível; daí, aborda-se o Centro de São Paulo a partir do aparato merleau-pontyano, confrontando as experiências que dele se venha tendo com as informações recolhidas como dados, tentando “*reativá-las*”⁷, que é para onde o trabalho aponta.

Os níveis em movimento e operados em conjunto devem transformar-se, levando-nos ao conteúdo e ao significado das coisas e dos lugares, portanto, de si mesmos. O processo dialético de superação das ordens física, biológica e simbólica da estrutura considerada é o meio através do qual se percorre o caminho em direção à integração do lugar. Daí, é preciso atentar para que o momento de foco sobre as práticas encerre um trabalho de cunho teórico, algo como uma *conclusão em movimento*, parcial, necessariamente.

⁴ Prosseguiremos no *quinto capítulo*, seção 5.4., com a intenção de superar os referidos pactos de confiança ou “fé perceptiva”; superados pela interrogação e não por novas atitudes dogmáticas. É um momento de **exercício de avaliação, com base na estrutura encarnada** de Maurice Merleau-Ponty. Juntamos à nota referências de Doreen Massey ao estabelecimento de estruturas explicativas com base numa certa confiança na ciência (2005).

⁵ O Centro da metrópole paulistana como um todo, em seu gigantismo, aparece como uma má porta de entrada para a percepção, requerendo, pois, uma porção menor desse espaço, com sentido, contornos oficiais e pessoais, como as áreas do Centro pelas quais o trabalho de campo deu-se; trata-se de um lugar para ensaiar, por dentro, tanto quanto for isso possível. Várias são as razões da escolha: espessura histórica das formas, que daí deriva a miríade de imagens e símbolos a ele associados; ou em referência a O. Mongin sobre o “*paradoxo de um espaço urbano finito que oferece a possibilidade de trajetórias infinitas*” (2005:53ss).

⁶ Que subsume em nossa opinião as demais abordagens estruturais francesas, de geógrafos e sociólogos.

⁷ Sedimentação e reativação de sentido, conforme Maurice Merleau-Ponty.

Capítulo 1 - Geografia e existência: Mundo e Terra como condição do conhecimento.

“Nous coperniciens, nous hommes des temps modernes, nous disons:

La terre n'est pas la 'nature entière', elle est une des étoiles de l'espace infini du monde. La Terre est un corps de forme sphérique qui, certes, n'est pas intégralement perceptible d'un coup et par un seul, mais dans une synthèse primordiale en tant qu'unité d'expériences individuelles, nouées les aux autres. Mais ce n'en est pas moins un corps! Encore qu'il soit pour nous le sol d'expérience de tous les corps dans la genèse empirique de notre représentation du monde. Ce 'sol' n'est pas d'abord expérimenté comme corps, il devient corps-sol à un niveau supérieur de la constitution de monde à partir de l'expérience et cela anule sa forme originare de sol. Il devient le corps total, le support de tous les corps jusqu'à présent pleinement (normalement) expérimentables partout de manière empirique suffisant, sur le mode dont ils sont expérimentés tant que les étoiles ne sont pas encore comptés parmi corps”.

“(…). C'est sur la Terra, à même la Terra, à partir d'elle et en s'en éloignant, que le mouvement a lieu. La Terra elle-même, dans la forme originare de représentation, ne se meut ni n'est en repos, c'est d'abord par rapport à elle que mouvement et repos prennent sens. (…). Comment dans l'‘intuition du monde’ élargie ou reformée, mouvement et repos acquièrent-ils un sens d'être légitime – et leur concevable intuition vérificatrice, évidence? Ce n'est pas un transfert aperceptif voulu mais, comme toujours, l'évidence doit pouvoir se légitimer“ . Edmund Husserl. (1989:12).

“La Terre est pour tous la même, sur elle, en elle, au dessus d'elle régner les mêmes corps, ‘sur elle’, etc., les mêmes sujets incarnés, sujets de chairs qui pour tous et en un sens modifié sont des corps au sens plein. Mais pour tous la Terra est sol et non corps au sens plein“. Edmund Husserl. (1989:19).

“Entre l'Homme et la Terra se noue et demeure une sort de complicité dans l'être“. Eric Dardel. (1990: 8).

Então, o primeiro problema: “A realidade é isso aí”!

Ao trazer as relações entre o ser humano e a Terra, em sua cumplicidade no ser, Eric Dardel na geografia nos aproxima da *ontologia comum* de Maurice Merleau-Ponty, para os mesmos vínculos.

A Terra percebida por todos os seres humanos, tomados como entes, permite questionar o nascimento do mundo para a atitude natural⁸, tirando proveito da genialidade de Edmund

⁸ A crítica da *atitude natural* por Maurice Merleau-Ponty permite desfazer a noção idealizada da natureza, ao expor nossos vínculos históricos e subjetivos envolvidos em sua concepção (SOMBRA, 2006:151-2), tornando possível, como veremos, o meio circundante, e decorrentes territórios e paisagens. Tal empreendimento crítico expõe-na, também, como lugar de confusão, posto que nesse plano a natureza apareça como *humanizada* (assim, subsumida inteiramente ao humano) e como *redução da realidade a ambiente calculável* (razão que leva da natureza ao ambiente das ciências físicas e naturais, como a ecologia e disciplinas da geografia física, por exemplo); nos dois casos um produto simplificado, seja no reino da

Husserl, em epígrafe, quando anuncia que o solo e meio de nossas experiências é muito diferente das observações científicas, no caso, astronômicas. Comentando Maurice Merleau-Ponty, José de Carvalho Sombra, afirmando a importância do corpo toma a corporeidade como existência corporal que me lança em uma natureza, “*visível no centro de minha subjetividade*” (2006:134-5; 153; 156).

Passemos aos constrangimentos do dado tomado como realidade primeira, que requerem uma breve explanação sobre as transformações e reflexões que resultaram na construção da geografia moderna, tal como a entendemos hoje. Os aspectos desse constrangimento que mais interessam a esse trabalho são: a divisão entre natureza e cultura, e o conseqüente dualismo na base da compreensão do real. A seguirmos o pensamento de Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty encontram-se as raízes dessa divisão nas formulações do mundo empreendidas por Galileu Galilei e Descartes, respectivamente calcadas na verdade geométrica e na subjetivação absoluta⁹. De uma ciência capaz de reproduzir fielmente a realidade (ou via dedutiva ou indutiva), parte-se para a ciência capaz de criar modelos explicativos e aproximativos. A busca tem sido a da transparência efetiva do objeto externo e manipulável: a natureza no mundo. Neste trabalho querem-se as *ontologias indiretas* ao modo de Maurice Merleau-Ponty. Haveria, então, a mediação do corpo, segundo J. C. Sombra, “*nosso elo vivo com a natureza*”, que continua explorando o pensamento merleau-pontyano: “*A questão do corpo impõe, portanto, o exame radical de nossa dependência do mundo, antes de toda a ciência*” e ainda: “*não começar pela natureza dos escolásticos ('substância') nem pela dos cientistas ('matéria'), mas abordar a questão da consciência-mundo tomando a natureza como carne e como entrelaço entre homem e animalidade*”¹⁰. Carne, como mote de nossa proposta de visão estruturada e vivida do meio como lugar.

Do ponto de vista epistemológico, o naturalismo a se tornar geografia (Humboldt) vê o mundo dividido em sujeito e objeto, natureza e cultura, e marca presença nos primeiros geógrafos da chamada Geografia Humana, principalmente na figura de Paul Vidal de La Blache; que, segundo M. C. de Castro, reconhecia mais a combinação que a dissociação

economia, seja na teoria do conhecimento. É assim que na *atitude natural ou dogmática* natureza vem como extrínseco ao humano; o que precisa ser revisto.

⁹ Edmund Husserl (1976: 27-8, 33-34; 38-39); Luis D. S. Moutinho (1998:21-3).

¹⁰ J. C. Sombra (2006:156).

entre natureza e a ação humana¹¹.

A geografia e a ciência geográfica de que tratamos devem seu desenvolvimento a essa atmosfera matizada pelas cores da cisão, da vida separada da reflexão que a ela é dirigida. De nossa parte, à tal cisão devemos o constrangimento ao qual se refere este trabalho, que deve ser superada pelas possibilidades das ações humanas a serem reencontradas em sua integridade, na contramão da ciência moderna que as enterrou ou relegou ao plano mítico e mágico, plano de eventos tido como valor negativo nas “explicações científicas” que, portanto, fragmenta o ser humano e até mesmo expurga dimensões inteiras de suas investigações.

Aliás, o mistério e o mito – mito como totalidade vivida – têm seus sentidos resgatados por Maurice Merleau-Ponty¹², colocando-os a serviço da compreensão, num pensamento científico expandido.

E se o lugar é um dado, “*a realidade é isso aí!*”, quando assim imposto como evidência, é obstáculo ao conhecimento, pois como tal deve ser começo e não fim. E o desconforto com a confusão - já para os clássicos não se devia confiar nas aparências -, advinda do lugar tido tão somente como obviedade cognitiva, está na origem da tese. É a geografia como existência, fazendo-se como ontologia¹³ mais apropriada ao pensamento filosófico que está na primeira base da ponte que se quer estender ao pensamento científico (ciência geográfica), numa valorização da complementaridade¹⁴ entre ambos, tendo na própria imagem de ponte o reforço dessa intenção na que é representativa do imperativo anunciado, o de juntar aquilo que o pensamento moderno cindiu e que é fundamental à análise do movimento da geografia como saber mundano, milenar, e como ciência, normalizada em física e humana. No início, a questão é a da divisão do sujeito do qual foi tirado o mundo, bem como deste retirou-se o sujeito; dividindo-se o mundo em natureza de um lado e cultura de outro; o mesmo para filosofia e ciência (sujeito e objeto, corpo e

¹¹ M. C. de Castro (2007f).

¹² Maurice Merleau-Ponty (2005: 88, 206); Marilena Chaui (2002:52-3).

¹³ “*Vale dizer que as perguntas e as posições ontológicas básicas são: o que é o ente como tal? O que significa perguntar-se o que determina o ente como ente, sendo que ele seja o que é, ou seja, qual o ser do ente?*” É. Rodrigues Martins (2007).

¹⁴ Enquanto *nesse capítulo* procuramos a **geografia no mundo, nesse momento inteiro**, é no *quinto capítulo* que **surge o mundo, agora calculável, pela geografia** e se busca a *correção científica* de tal redução às coerções e perdas de sentido nesse mundo determinado, das perdas propiciadas por uma ciência geográfica que toma o mundo por aquilo que pode operar e controlar.

alma, etc.). Separação que está na raiz de nossa perda de sentido do mundo, em prol de sua conquista pelo controle de propriedades dos objetos. Sentido, aqui, evoca a integração das dimensões da realidade: ver, e sentir, tudo ligado, para além da mecânica do mundo, o que Maurice Merleau-Ponty nos ajuda a entender e fazer com a encarnação das estruturas. Logo, a necessidade de pontes, ligando essas terras que ficam cada vez mais distantes...

A geografia veio a este trabalho como o espacial do mundo fundida à “ontogênese” a maneira de Eric Dardel, e a ciência geográfica veio para este trabalho já preocupada em superar o antigo processo dualista da construção do conhecimento moderno.

E. Martins¹⁵ menciona alguns problemas na abordagem ontológica em geografia, além de apontar um caminho para colocar os termos da reflexão nesse âmbito.

A fundação de uma ciência geográfica moderna sobre a divisão do mundo em geografia humana e geografia física tem implicações, conseqüências, propósitos e, conforme adverte Milton Santos deve-se discutir o objeto de uma disciplina, o espaço geográfico, não a geografia enquanto disciplina. Optou-se por segui-lo no que concerne à ciência, não invalidando a tomada da geografia que se vai estabelecendo sobre a relação do pensar e do fazer o mundo de “minha vida”; vida aqui tomada num significado geneticamente espacial, portanto necessariamente objeto de interesse geográfico. Essa geografia, ao modo de Dardel, vai sendo cotejada, nestes primeiros capítulos, ao espacial do vivido, enquanto o foco no objeto da ciência, como determinação¹⁶, virá no *terceiro trecho*. O movimento anunciado, sucessão de problemas e soluções, parte, então, do constrangimento com a realidade dada; complementada, mais que contraposta pela Geografia possível.

O projeto de Maurice Merleau-Ponty é o de integrar na filosofia transcendental o fenômeno do real. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty liga-se estreitamente ao pensamento de Husserl¹⁷:

“A primeira questão apresentada por Merleau-Ponty no *Prefácio* [à

¹⁵ Muito embora a argumentação do autor siga por um outro caminho, não parece haver divergências significativas no que concerne às principais indagações de sua abordagem ontológica, e aliás, a solução textual *deste* trabalho, desde título e subtítulo, vai da geografia existencial ao conhecimento da geografia científica e condiz com sua afirmação da “*necessidade de distinguirmos a ciência geográfica de um lado, e, de outro – podemos por hora assim anunciar –, a Geografia como um fundamento constituinte e presente na realidade que nos cerca.*”. MARTINS (2007:38).

¹⁶ Para Maurice Merleau-Ponty a história da constituição é a história da passagem da multiplicidade à identidade, do **indeterminado** ao **determinado**. Luis Damon S. Moutinho (1998:79-83).

¹⁷ Também em Luis Damon S. Moutinho (1998; 2004: 280), Joel Smith (2005), entre outros.

Fenomenologia da Percepção] refere-se à compreensão da própria fenomenologia, delimitando o método e o território em que suas descrições devem ser compreendidas. Trata-se aí, sobretudo, de um diálogo com Husserl, encarregado de situar a Fenomenologia da percepção diante de sua matriz, mostrando como seu projeto retoma e, em certo sentido, radicaliza essa matriz. À descrição propriamente husserliana, são feitos os acréscimos que agora lhe advirão: 'A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas segundo ela, resumem-se em definir essências (...) Mas (...) é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua 'facticidade'. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre 'ali', antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico". A. C. Moura (2006: 12-3).

Evocando a concepção ontológica já presente no Husserl de "*A terra não se move*" e mais especificamente a de Maurice Merleau-Ponty, calcada na *estrutura encarnada*, tem-se que continua havendo a **Terra**¹⁸ e a **terra**¹⁹ (torrão, terreno, como permanência o rochedo de M. Heidegger) e no que, aqui a **nós** interessa, partimos em busca da mediação "ontogênica" dada pelo ente corpo-sujeito de estrutura homóloga às instâncias **Terra**, **terra**, **nós** (como humanidade e sociedades), relação, ontologia que, na origem, espacializa-se. Tal mediação, para ser redundante, expressa-se no **meio** geográfico assim formado, igualmente homólogo no âmbito de uma geografia existencial, meio esse gerador de lugares e escalas, principalmente sob a forma de *paisagens* e *territórios*, referidos principalmente à participação localizada e socialmente definida dos sujeitos. Áreas, zonas, perímetros estariam noutra categoria de espacializações²⁰. Desse modo, o espacial é próprio

¹⁸ Para além do conceito de Planeta, cabem algumas considerações à matéria do Jornal Folha de S. Paulo - Ciência (15 de agosto de 2006), sobre a deliberação em evento que reuniu astrônomos quanto à imprecisão do termo para a realidade abarcada. Também tomando *a terra e a vida como termos recíprocos* (Sauer, 1998:23). Emmanuel. Levinas (1998).

¹⁹ "Ali de pé repousa o edifício sobre o chão de rocha. Este repousar (*Aufruhen*) da obra faz sobressair do rochedo o obscuro do seu suporte maciço e, todavia, não forçado a nada. Ali de pé, a obra arquitetônica resiste à tempestade que se abate com toda a violência, sendo ela quem mostra a própria tempestade na sua força. O brilho e a luz da sua pedra, que sobressaem graças apenas à mercê do Sol, são o que põe em evidência a claridade do dia, a imensidão do céu, a treva da noite. O seu seguro erguer-se torna assim visível o espaço invisível do ar. A imperturbabilidade da obra contrasta com a ondulação das vagas do mar e faz aparecer, a partir da quietude que é a sua, como ele está bravo. A árvore, a erva, a águia e o touro, a serpente e a cigarra adquirem uma saliência da sua forma, e desse modo aparecem como o que são. A este vir à luz, a este levantar-se ele próprio e na sua totalidade chamavam os gregos, desde muito cedo, a *physis*. Ela abre ao mesmo tempo a clareira daquilo sobre o qual e no qual o homem funda o seu habitar. Chamamos a isso a Terra. Do que esta palavra aqui diz há que excluir não só a imagem de uma massa de matéria depositada, mas também a imagem puramente astronômica de um planeta. A terra é isso onde o erguer alberga tudo o que se ergue e, claro está, enquanto tal. Naquilo que se ergue advém a terra como o que dá guarida". M. Heidegger (22-24).

²⁰ As determinações externas de espacializações envolvem conotações atribuídas aos lugares pelas doutrinas

ao mundo da vida e o espaço geográfico é objeto da disciplina científica geográfica; enquanto este se apresenta como abstração, é aquele, como dito há pouco, essencialmente concreto. Ou seja: é preciso deixar claro que na constituição do mundo e em sua formação espacial, os “eus” dão origem tanto ao “mundo grande” (espaço geográfico) quanto ao “mundo pequeno”²¹.

A relação entre “Terra, terra, nós” é que traz o mundo que nós procuramos instalar na Terra que segundo Eric Dardel²² estabiliza a existência, estando suas afirmações muito próximas daquelas do M. Heidegger da nota.

Alguns autores²³, como Eric Dardel, Milton Santos, Carl Sauer, Armando Correa da Silva, e outros, foram as fontes de idéias mais diretamente buscadas para a sustentação da argumentação, qual seja, a aproximação geográfica da realidade em sua formação institucional e constitucional de lugares, num processo de troca dialética com o “espaço geral do Ser”, com fazeres locais do sujeito privilegiado por Maurice Merleau-Ponty como corpo próprio, e fazeres abstratos (quando de outros lugares), promovendo as variações escalares da realidade. Está-se, assim, em busca do substrato concreto e teórico para se alcançar o lugar em seus **níveis** (normativo, *institucional* ou *anônimo*; além do subversivo, criativo, *constitutivo*) e **dimensões estruturais** que são estreitamente ligadas àqueles (níveis).

Do ponto de vista operacional é a partir das práticas sociais, portanto, de modo indireto, que a perspectiva ontológica deve dar conta da realidade em construção diante de nós. É, então, decorrente que a noção de escala de Maurice Merleau-Ponty, comentada no *quarto capítulo*, enriqueça a abordagem dessa realidade. Também, dentre algumas importantes

das economias de Estado, bem como por seu aparato jurídico e administrativo. Isso, na base do ideário estabelecido pela segregação – a distribuição de pessoas e atividades sob o signo matricial da geometria, aumentando a distância entre as nossas construções intelectuais do mundo real e o mesmo.

²¹ Um desafio seria dar prosseguimento ao texto, remetendo-o à geografia que está referida a esta “cosmologia” / “cosmogonia” cuja dimensão geográfica é evidente, como espacialização da realidade / Ser.

²² Eric Dardel. (1990: 8; 58-9; 140).

²³ Principalmente Milton Santos, no que diz respeito ao diálogo que estabeleceu com os mais diversos pensadores, e às pontes todas que estendeu, servindo-me de exemplo neste aspecto. Eric Dardel é fundamental pelo pioneirismo nesse diálogo com a filosofia, mais estreitamente fenomenológica. Serão, então, comentados mais detidamente neste capítulo e objeto de recorrência ao longo do texto.

contribuições, Milton Santos²⁴ e Benedito Nunes²⁵ ampliam seu sentido. E desse modo, conceitualmente, deve vir antes do tratamento cartográfico, e iconográfico geral, da realidade, no capítulo seis.

A dimensão espacial das relações sociais implica o assentamento da existência sobre relações geradoras de território, paisagem e lugar, que manifestam diferentes sentidos e ordens da realidade; sejam: o vivido, o reflexivo e aquele da reflexão operante. Tais níveis expressam a ordem simbólica, cultural, definida por Maurice Merleau-Ponty, que integra sua visão estrutural do mundo, tratada mais adiante.

O **vivido**, como condição ontológica, será explorado a seguir, lembrando que, para Maurice Merleau-Ponty, numa reflexão radical, a opacidade do real é fática, não havendo a possibilidade da transparência e da inteligibilidade plena, como quer o objetivismo.

²⁴ Discussão inserida no *terceiro capítulo*, sobre os eventos considerados sob a noção de escala nos levariam, então, a uma mais rigorosa abordagem dos processos sociais (1996: 122).

²⁵ B. Nunes (2004:273).

Capítulo 2. Experiência da percepção e sua espacialidade.

“O Ser (...), torna-se um sistema com várias entradas; não pode, portanto, ser contemplado de fora e na simultaneidade, devendo ser efetivamente percorrido; nessa transição as etapas passadas não são simplesmente passadas, como trecho da estrada percorrido, mas chamaram ou exigiram as etapas presentes exatamente no que têm de novo e desconcertante, continuam, pois, a ser nelas, o que quer dizer também que retroativamente são por elas modificadas; aqui não se trata, pois, de um pensamento que segue uma rota preestabelecida, mas de um pensamento que abre seu próprio caminho, que se encontra a si próprio avançando, provando a viabilidade do caminho, percorrendo-o – esse pensamento inteiramente subordinado a seu conteúdo, de quem recebe incentivo, não poderia conceber-se como reflexo ou cópia de um processo exterior, é engendramento de uma relação a partir de outra. De forma que, não sendo testemunha estranha e muito menos agente puro, está implicado no movimento e não o sobrevoa; em particular, não se formula em enunciados sucessivos que haveriam de ser tomados literalmente, e cada enunciado, para ser verdadeiro, deve ser reportado, no conjunto do movimento, à etapa de onde procede, e só atinge sentido pleno quando se considera não apenas o que diz expressamente mas ainda seu lugar no todo que o constitui o conteúdo latente”. Maurice Merleau-Ponty (2005:91-2).

“Assim, o modelo merleau-pontyano não se enquadra no paradigma kantiano nem no paradigma cientificista. não se enquadra neste último porque o cientificismo é ingênuo, partindo de uma objetividade que ele não põe em questão; não se enquadra no paradigma kantiano porque este é levado a afirmar uma subjetividade transcendental que desconhece toda passividade, toda finitude. Se é verdade que, também na terceira Crítica, Kant busca uma redução a um puro sujeito, então é verdade que Merleau-Ponty também se afasta desse projeto, malgrado nele se anuncie a busca da gênese do sentido, pois, para ele, trata-se finalmente disso: de buscar lá na percepção, no mundo percebido, a fonte da inteligibilidade”. Luis Damon S. Moutinho (1998:66-7).

Ao constrangimento proporcionado pelo dado geográfico para um sujeito externo, como fica evidente na epígrafe, deve ser contraposta a abertura das “etapas” da história umas para as outras, mutuamente interferentes, entradas para o Ser que deve ser “*efetivamente percorrido*”, por dentro. Tal constrangimento tornado restrição teórica e prática, leva a uma primeira solução: a **constituição** de Maurice Merleau-Ponty²⁶ como *dimensão ontológica*, tão importante quanto o real que começa antes (temporal e espacialmente), o **instituído**²⁷ que é lançado como “passividade” e “anonimato” no vivido, apanhado e recriado pela constituição, que o antecede no engendramento da objetividade, real para os sujeitos. Este é um esquema simplório do ciclo da criação da realidade.

²⁶ Denominada por ele de redução fenomenológica Luis Damon S. Moutinho (1998:71).

²⁷ É mundo pelo organizacional, normativo, formalmente imposto. Luis Damon S. Moutinho (1998:69ss).

Um ponto importante é que o pensamento de Maurice Merleau-Ponty (devedor de Hegel e de Husserl, deste, “discípulo”), é diretamente tributário da obra de Kant que, embora nos afaste de uma ontologia, seu trabalho oferece possibilidades tais quais portas²⁸, prontas para serem abertas em outras condições, como fez Maurice Merleau-Ponty que viu a “autonomia da percepção” onde aquele encontrou uma “consciência determinante”²⁹. Tal diferença é fundamental no que concerne à importância de Maurice Merleau-Ponty para este trabalho, pois o filósofo vai buscar um “*acordo entre o sensível e o conceito*” no “*mundo percebido*”, fonte de inteligibilidade³⁰, estando o sentido assentado no fato, entrelaçado ao sensível³¹.

Nesse primeiro trecho³² da caminhada “***Das coisas ao lugar***”, motivada pelas referidas coerções e resumida na máxima - *não se deve confiar nas aparências* -, assume-se a confusão clássica, não para repeli-la, mas para utilizá-la numa ciência vigorosa, justificando-se, assim, o recurso à fenomenologia³³.

O primeiro degrau na caminhada inclui no raciocínio a consideração do espaço vivido, a dimensão do sujeito, do Ser e dos outros sujeitos; aliás, estes são os elementos da concepção de dialética do filósofo³⁴.

Vivido³⁵, que é por onde vislumbro minha passagem e entrevejo meu caminho, com a pergunta deste trabalho: *o que é o lugar e, de modo “coerente”, o que ele **deveria vir-a-ser?***

Seguindo Maurice Merleau-Ponty³⁶ no caminhar por entre as coisas, que se põem à percepção ao serem tomadas com seus horizontes, tornam-se **campo** determinado ou

²⁸ Luis Damon S. Moutinho (1998:66-7).

²⁹ Luis Damon S. Moutinho (1998:66)

³⁰ Luis Damon S. Moutinho (1998:66-7; 2004:270-1)

³¹ Luis Damon S. Moutinho (1998:67; 69).

³² Trechos tomados como planos e, em conformidade às proposições de Maurice Merleau-Ponty, em cada um temos as ordens física, vital e simbólica, mais exploradas adiante.

³³ O percurso está amparado no trabalho de campo apresentado, principalmente no *capítulo 6*.

³⁴ Maurice Merleau-Ponty (1989:21).

³⁵ Jean-Michel Salanskis (2006:21-8).

³⁶ Sumariamente, prejuízo da determinação das ciências, junção da idéia e da existência na forma, redução fenomenológica.

meio³⁷ para esse sujeito nelas embrenhado, que passa, então, “*das coisas ao lugar*”, e, nesse primeiro lance, pensar e tocar as coisas foi um começo de resposta às indagações que motivaram este trabalho, a apreensão do mundo em sua dimensão espacial, inicialmente um campo fenomênico, cuja face geográfica emerge na forma de lugar instituído e constituído, e se quisermos entrar, devemos achar as portas, pois lugares são construções habitadas em boa parte, lógicas³⁸. Saímos à sua procura³⁹. Um trecho de A. C. Silva serve de advertência às interpretações dualistas e “separatistas” da realidade, sejam filosóficas ou científicas, e voltando-se para o mundo da vida, com seus perigos, suas faltas, supera-o, conforme nossa intenção.

“A aparência é, assim, o dado primeiro. Mas, como o “ver”.

Desse modo, o ponto de partida do método é, desde logo, a teoria implícita que, num primeiro momento, reconhece a forma. Que ele próprio se expressa como momento de constituição da forma.

No mundo dos fenômenos o aparente é o real apenas como o objeto separado de seu significado para o sujeito, ou seja, como a forma e o conteúdo destituídos de interesse, qualquer que seja este. Ora, o verdadeiro interesse humano é o constituir-se como humanidade, que o domínio da necessidade torna possível. Por isso, dar-se conta dos outros é reconhecer nos artefatos, que auxiliam a vida, o seu ser social. A relação com os objetos da cultura torna-se uma relação que ultrapassa, então, a aparência”. Armando Corrêa da Silva (2000:18-9).

A agudeza da afirmação em epígrafe aproxima-nos ainda mais da noção de atitude natural e traz-nos o espírito da junção, esta baseada na necessidade a serviço da constituição do humano em busca da idéia de humanidade, que permite, assim, o ultrapassamento da forma, considerada junto com seu conteúdo, sendo o mesmo que “*reconhecer nos artefatos, que auxiliam a vida, o seu ser social*”, sua humanidade; eis, “*o verdadeiro interesse*”. Seguindo, os primeiros passos neste trecho dão-se pela **experiência**, atraídos pelo chamamento das **coisas** que estão na raiz de nossa espacialidade; e esta, por meio da **experiência da percepção** das coisas também me leva ao lugar, embora nele já esteja situado⁴⁰: abertura, fechamento e coexistência na configuração do mundo em

³⁷ No *quarto capítulo* a noção de **meio geográfico** vem como descendente direta da física e da biologia, conforme lá é explicitado.

³⁸ As outras partes são ligadas à emoção e ao sentimento.

³⁹ É, também, mais adiante, trazida a confiabilidade tácita como condição não apenas da cotidianidade, como de qualquer conhecimento efetivo, e no quinto capítulo, finalmente, caminha-se para a sua superação no terceiro trecho do percurso, para enfrentar a confusão mencionada.

⁴⁰ O lugar efetivo me permite a experiência de abertura e fechamento, que me conecta e afasta de onde estou – e do que sou.

próximo e distante e, sem preconceito com a atitude natural⁴¹, reconhecemos nas coisas algo que reclama sentido, como **lugar** pela **espacialidade**, e como **espaço** por seus **significados sociais**. A idéia é aprender mais com Maurice Merleau-Ponty sobre a noção de percepção, cotejada à de espacialidade⁴², posta por A. Correia de Silva. O tema da experiência da percepção é trazido como uma reflexão sobre o lugar das coisas e da vida⁴³, lugar anterior à “totalização” das experiências. Aquilo que chamamos **espacialidade** guarda relações com a *géographicité*⁴⁴ de Dardel.

Qualquer discussão séria sobre limites e escalas⁴⁵ requer que se clarifique a concepção de espaço⁴⁶, e isso tanto do ponto de vista existencial quanto científico. A delimitação do espaço em subespaços é um nó teórico, metodológico, técnico e até mesmo fático, e menos discutido do que deveria, ficando na classe do dado. São desse espaço dado (*instituído*), os recortes, limites, extensões formais, também visíveis de modo particular. Daí, seguirmos de modo complementar⁴⁷ o caminho da *constituição*. A intenção é alcançar a unidade formada por ambas as atividades, *instituintes* e *constituintes*.

A constituição propriamente dita, ou redução fenomenológica⁴⁸, “*longe de ser, como se acreditou, a fórmula de uma Filosofia idealista, é a fórmula de uma Filosofia existencial*”⁴⁹. E muito dessa incompreensão vem de preconceito e pressa (e/ou posicionamento político, portanto estratégico), pois não há possibilidade de apreender o teor do pensamento merleau-pontyano em leituras diagonais.

Assim, surgem questões sobre como e quanto sensações e percepções são apenas individuais ou são atributos dos lugares que nos interpelam, principalmente por estarmos

⁴¹ Qualquer começo de discussão sobre o que é trazido quando se trata do mundo, requer discernimento quanto às referências ao vivido, cotidiano, mundo da vida, senso comum, práxis, pois possuem tradições teóricas diferentes.

⁴² A percepção leva-nos ao meio, que é do nosso próprio material, sendo-nos, por isso, inteligível com os olhos do espírito, pela espacialidade.

⁴³ Relacionadas na *próxima seção* mais diretamente a essa constituição do lugar.

⁴⁴ J-M Besse. In: DARDEL, Eric (1990: 2; 42; 147-9).

⁴⁵ B. Nunes (2004:272).

⁴⁶ Espaço, tanto da geografia como espacial da existência, quanto da ciência geográfica, como sistemas de ações e sistemas de objetos, conforme Milton Santos (1996). Se em ambas as concepções há coincidência da vida, a primeira é *locus* do mundo indeterminado enquanto a ciência cuida da determinação da realidade.

⁴⁷ Das etapas históricas interpenetrantes e mutuamente determinantes, de Maurice Merleau-Ponty, já citadas.

⁴⁸ Luis Damon S. Moutinho (1998: 70-1); Joel Smith (2005).

⁴⁹ B. Nunes (2004:272).

nós um pouco neles, sermos parcialmente responsável por eles, embora pouco os controlemos. Maurice Merleau-Ponty conduz-nos pela questão do papel da percepção neste conhecimento.

No vivido ou mundo da vida, as formas espaciais, “aquém” da espacialidade, serão tratadas como manifestações fenomênicas que articulam natureza, vivência e aparência a um só tempo existenciais e ideais, posto que lugares tornem-se mundo, e este dê sentido aos lugares, então, pensados como conjuntos, passando, desse modo, a se comportar, estruturando-se. Estrutura que será tomada como organização intermediária, do sujeito até as coisas, e o que fizer sentido será estrutural; não sendo coisa nem idéia, é ambos e abrange toda a realidade. Merleau-Ponty nos conduz nesse caminho necessário, de uma “estrutura encarnada”, seguindo a idéia de corpo como *Leib* (carne), de Husserl⁵⁰.

O lugar vem primeiramente com a vivência, que é uma certa consciência da existência e, com a pesquisa, transformando-se na passagem do mundo indeterminado para o determinado em objeto empobrecido da ciência; transição da totalidade de possíveis para a totalidade ao modo do *Meio Técnico-científico informacional*, de Milton Santos⁵¹ considerada no seu movimento estrutural e nas intencionalidades; também da vida cotidiana normatizada, estudada por Henri Léfèbvre. Claro que a vida cotidiana dá-se em meio a atavismos, entretanto, é, também, lugar de “evidências”. Para H. Léfèbvre, considerando toda a turbulência factual e cognitiva dos primeiros anos século XX, e a despeito de todas as mudanças da modernidade, haveria continuidades e o cotidiano é tido por ele como lugar das permanências, que reforçariam nossa ênfase na atitude natural ou munda da vida:

“...*Le quotidien se consolide comme lieu du maintien de l'ancienne réalité et des anciennes représentations, privées de repères mais se perpétuant dans la pratique. 'On' continue à vivre dans l'espace euclidien et newtonien, alors que la connaissance se meut dans l'espace de la relativité. (...)*”. (1981:48-9).

⁵⁰ “Em suas definições básicas, Schmitz serve-se da diferenciação entre as palavras alemãs *Körper* [corpo, no sentido físico] e *Leib* [o corpo vivo do ser humano e dos animais superiores] — diferenciação ausente em outras línguas européias modernas. Também o adjetivo *corpóreo* desmembra-se, por conseguinte, em dois: *körperlich*, aquilo que é percebido pelos sentidos, e *leiblich*, aquilo que 'é sentido ou percebido imediatamente (mas não através dos sentidos) na região do próprio corpo, na condição de algo pertencente à sua própria essência'. Tal 'sentir' corpóreo constitui um fenômeno especial que não se esgota no movimento ou na percepção (como para Merleau-Ponty), e ocorre inconfundivelmente nas situações de dor ou de medo. Suas formulações negam tanto o dualismo platônico que dividiu o ser humano em corpo e alma e marcou o desenvolvimento da filosofia ocidental, como também o entendimento positivista da ciência”. Geraldo de Souza Dias (2006). Também Taylor Carman (1999).

⁵¹ Milton Santos (1994; 1996).

Aproximar-se das coisas⁵², divisá-las pessoalmente e com a ajuda de instrumentos, exige que se lhas encontremos em derredor, assim, denominando a relação em que a elas no unimos, primeiramente, como meio que, as mais das vezes tornar-se-á *lugar*: porção do espaço total, caracterizada como **ligação** entre coisas e sujeitos que as tomam, miram e circunstanciam, possibilitando, com isso, tomar também tais horizontes do acontecer, os lugares, como situação a mais concreta e, ainda, a mais simbólica do **vivido**, posto que eu o tome por sede e o carregue comigo. Evoca a experiência ordinária, pois eu o toco e modelo por meio das coisas, sendo também meu mundo, minha abertura para o mundo de todo mundo⁵³.

Há um duplo eixo de realização complementar do mundo, *instituído e constituído*, tomados nesta abordagem ontológica com vistas a compreender a condição existencial do espaço, o lugar.

Procurando o solo comum de nossa existência e interrogações, o meio como circunstância⁵⁴ e *lastro* de nossos saberes, encaramos os caminhos que se abrem para o mundo. Então, a abertura, ela própria, é vislumbrada por Maurice Merleau-Ponty como conquista dialética e superação da visão da “*dicotomia entre o Ser e o Nada*”. Continua numa espécie de correção à reflexão sartriana e sobre a “*implicação dos homens no mundo e dos homens uns nos outros*”, assim se exprimindo:

⁵² Enriquece a discussão a consideração de aspectos da realidade que num primeiro momento não apareceram em minhas formulações nem nos Trabalho de Campos: no reino das coisas não havia tido lugar elementos fundamentais, como ar, temperatura, umidade, insolação, relevo, entre outros menos evidentes no mundo da vida, tais são a pressão, as características do solo, ventos; enquanto outros, como vegetação (jardins e árvores) vieram nas observações dos voluntários do Trabalho de Campo.

⁵³ O mundo virá nos próximos capítulos de modos diferentes. Nos *terceiro* e *quarto capítulos*, como problema e solução na “*carne do mundo*”, enquanto no *quinto* o lugar dado é retomado, “produzido”, determinado, do pensamento técnico, gerencial, mas também científico; aí, mais ou menos como diz Maurice Merleau-Ponty, em posturas adeptas da transparência impossível. Veremos, no *quinto capítulo*, como na ciência podemos corrigir esse modo de conceber a realidade e de nela desse modo interferir.

⁵⁴ No artigo sobre J. Ortega y Gasset e sua razão vital, J. Marías escreve:

“*A realidade radical, aquela com que me encontro independentemente de qualquer interpretação ou teoria, é minha vida. E a vida é o que fazemos e o que acontece conosco. Em outras palavras, encontro-me com as coisas, numa circunstância determinada tendo que fazer algo com elas para viver. Encontro-me, pois, na vida que é anterior às coisas e a mim; a vida me é dada, mas não me é dada feita, e sim como afazer. A vida, com efeito, diz Ortega, dá muito que fazer*”.

“*A fórmula mais sintética da filosofia de Ortega é a frase das Meditaciones del Quijote (...): Eu sou eu e minha circunstância. As coisas aparecem interpretadas como circunstancia, como o que está ao redor do eu, referidas, portanto a ele. Trata-se, portanto, de um mundo, que não é a soma das coisas, mas o horizonte da totalidade sobre as coisas e distinto delas; as coisas estão - como eu - no mundo; mas, esse mundo é meu mundo, ou seja, minha circunstância*”. (2004: 508).

“A abertura a um mundo natural e histórico não é uma ilusão e não é um a priori, é nossa implicação no ser. Sartre o exprimia dizendo que o Para Si é necessariamente perseguido por Em-Si-para-si imaginário. Dizemos somente que o Em-Si-para-si é mais do que um imaginário. O imaginário é sem consistência, é inobservável, desaparece quando se passa à visão”. Maurice Merleau-Ponty (2005:87).

Equiparou-se a constituição do lugar à do organismo, conforme será ainda visto, com desdobramentos importantes para toda a pesquisa. A exposição das características da *instituição-constituição* da realidade, bem como do papel da percepção nesse processo, continua, nas seções seguintes, de modo mais detalhado.

2.1. Coisas e experiência: as raízes e os horizontes de nossa espacialidade e o lugar aberto

“A percepção é pois um paradoxo, e a coisa percebida é em si mesma paradoxal. Ela existe enquanto alguém pode percebê-la. Eu não posso sequer por um instante imaginar um objeto em si. Como dizia Berkley, se tento imaginar algum lugar do mundo que nunca visitei, o próprio fato de ignorá-lo me torna presente a esse lugar; não posso pois conceber um lugar perceptível em que eu próprio não esteja presente. Mas os próprios lugares em que me encontro não me são, contudo, nunca inteiramente dados; as coisas que vejo só são coisas para mim com a condição de desviarem-se sempre além de seus aspectos apreensíveis. Há pois na percepção um paradoxo da imanência e da transcendência. Imanência posto que o percebido não poderia ser estranho à aquele que o percebe; transcendência, posto que comporta sempre um além do que está imediatamente dado”.
Maurice Merleau-Ponty (1990: 48).

“... o mundo percebido não é uma soma de objetos, no sentido que as ciências dão a esta palavra; e nossa relação com ele não é a de um pensador com um objeto de pensamento e que, enfim, a unidade da coisa percebida, a respeito da qual muitas consciências concordam, não é assimilável a de um teorema que muitos pensadores reconhecem, nem a existência percebida à existência ideal”. Maurice Merleau-Ponty (1990: 48).

“A experiência do homem, não a pesquisa do especialista, estabeleceu as divisões primárias do conhecimento”. (Sauer, 1998:15).

O argumento em prol da constituição em relação dialética à instituição baseia-se na crítica⁵⁵ que Maurice Merleau-Ponty faz às vertentes idealista e realista do pensamento, buscando a junção de tudo em sua forma estruturada e por meio de sua reflexão operante.

As noções de “corpo habitual” e “corpo atual”⁵⁶ provêm de um robusto pensamento dialético e significam “a introdução do tempo para pensar a relação entre o inferior e o superior (...). É então que Merleau-Ponty consegue ligar interiormente o ‘psíquico’ e o

⁵⁵ Maurice Merleau-Ponty (1990: 49-50). Também M. Chauí (1997; 2002; 2008).

⁵⁶ “O corpo habitual é essa ‘quase-presença’ do passado; não é uma imagem que podemos evocar, não são traços gravados no corpo, não é, portanto, uma presença objetiva; essa existência habitual, anônima, pré-pessoal, não é uma coisa inerte, como o em si, mas esboça, também ela, o movimento de existência — o que só uma descrição da percepção como forma temporal permite mostrar. O meu presente assume o corpo habitual e o reintegra à existência pessoal, de modo que mesmo os reflexos não estão delineados em um fundo inerte, mas, também eles, ‘têm um sentido’, também eles manifestam ‘o estilo de cada indivíduo’, na medida mesma em que eles se inserem em uma situação presente, ou melhor, em que são retomados por uma situação presente, que, por sua vez, é voltada para o porvir. O meu passado [significado do passado] só é passado porque é ‘retomado em um novo movimento’, porque é assumido pelo presente. E esta relação é de mão dupla. O sedimentado, embora retomado pelo presente, é o solo sobre o qual se estabelece a consciência presente: ‘a consciência conserva atrás de si as sínteses efetuadas, elas ainda estão disponíveis, poderiam ser reativadas’, de modo que ‘a consciência só é consciência de algo arrastando atrás de si seu rasto, [...] para pensar um objeto, é preciso apoiar-se em um ‘mundo de pensamento’ precedentemente construído’”. Luis Damon S. Moutinho (2004:281ss).

‘fisiológico’⁵⁷”. Maurice Merleau-Ponty não admite que o sujeito do conhecimento seja seccionado das coisas; está, sim, permeando-as em vários níveis, indissociado dos objetos integrados em sua existência⁵⁸. Estamos no mundo da vida de Edmund Husserl, básico nas formulações de Maurice Merleau-Ponty sobre o conhecimento. A partir daí, o corpo é o sujeito inteiro, formado pelas dimensões física, vital e simbólica; dimensões às quais a reflexão encaminhada por esta pesquisa adere para entender e intervir na realidade.

Avançando suas reflexões sobre a natureza⁵⁹, Armando Corrêa da Silva afirma que “*o natural não é um dado real*”, sendo alcançado apenas pela consciência epistemológica (...). “*A natureza tornou-se novamente uma referência metafísica, apenas porque sua transformação criou o ser social separado de suas manifestações pré-conscientes*”. (...). “*Não é por acaso que as crianças, os adolescentes, os jovens lidam com tanta naturalidade com os produtos do meio-técnico-científico quanto o índio com a terra, na roça de mandioca*”. (...). “*Portanto o natural se põe como uma relação política...*” Segue afirmando a importância da teoria (mais que da teorização), apontando a solução no projeto, pois “*este não prescinde da pré-ideação e do nascer da consciência via insight*”. Seu raciocínio traz a necessidade de uma geografia cujo “*natural seja social e seu fundamento*”, desembocando no plano geográfico-antropológico, quando a natureza transforma-se em linguagem e discurso, quando não, basicamente, em dados e informações, cujo meio técnico-científico informacional, de Milton Santos exemplifica tal abordagem.

O questionamento da natureza, ou a máxima atenção do estudioso em meio à fé perceptiva, é um passo para a superação das naturalizações do discurso sobre o social e psicológico. Remetemos ao trecho de Luis Damon S. Moutinho que explora o que chama de paradoxo do *em-si-para-nós*:

“...enquanto retrospectiva, a percepção fixa um objeto que já estava ali, um objeto natural, enraizado em um mundo natural. Mas justamente a fixação, a unidade da significação sensível que daí resulta (trata-se de uma unidade aberta), não implica que tal unidade seja, se não nocional, ao menos intencional, e assim correlato de um sujeito? Como então falar de coisa

⁵⁷ Luis Damon S. Moutinho (2004: 281).

⁵⁸ Núcleo da própria definição de natureza, recorrente neste trabalho. Natureza, hoje, para A.C. Silva, colada à experiência cotidiana. (1997). Além da categoria de Meio técnico-científico informacional, Milton Santos (1996) e do cotidiano de H. Lefebvre (1983). O tema da **abertura e do fechamento das coisas** volta ao longo do texto. O. Fontes Filho (2006:2-3, 8-9, 17).

⁵⁹ Armando Corrêa da Silva (1997: 42-5).

natural? Como a coisa pode ser correlata de um sujeito, isto é, para nós, e natural, sempre já ali, isto é, em si? Essa 'contradição' será repostada por Merleau-Ponty em termos temporais, não em termos 'objetivistas'; por isso mesmo, ela poderá ser assumida como 'definitiva', já que o próprio tempo implica uma semelhante 'contradição'”⁶⁰.

Baseamo-nos em que sujeito e mundo têm *estrutura ontológica comum*⁶¹, e ao encontrar o mundo e abrir as coisas⁶², o corpo-sujeito o faz não como um eu autônomo. Essa síntese dá-se pela percepção, que “não é um ato pessoal”, tomando o mundo como saber adquirido⁶³, ou trabalho sedimentado⁶⁴, que a mergulha no anonimato, ou mundo instituído que me antecede, no qual ela não interfere, dada sua ingenuidade.

Ponto forte de seu riquíssimo trabalho é a opção pela sustentação da tensão e da ambigüidade como quesitos inclusive científicos, acrescentando que “*o inferior, a forma física, aquilo sobre o qual a existência pessoal vai se assentar tornar-se-á o passado, o sedimentado, devidamente engrenado à existência pessoal, que é a forma superior, e formando com ela um único ser*”⁶⁵. Nessa forma que, no que tem de essencial, Maurice Merleau-Ponty traz das elaborações de pensadores como C. Lévi-Strauss⁶⁶, entretanto, dirigindo ao estruturalismo as devidas observações quanto à hipóstase da noção de estrutura pelo estruturalismo.

A relação entre sujeito e coisas está na base da abordagem ontológica do espacial, portanto, na base de nosso objetivo: o espaço geográfico⁶⁷. O acercamento que M.

⁶⁰ Luis Damon S. Moutinho (2004: 286).

⁶¹ A. C. Moura (2006: 60).

⁶² Maurice Merleau-Ponty (2005: 137). Estreitando os vínculos entre consciência e lugar, traz-se a noção de paisagem dependente da estesiologia (Maurice Merleau-Ponty), posta como “*conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica*”. “*Ela é, também, o contato de nosso corpo com o corpo orgânico que é a natureza*”. E ainda: “*conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos...*”. Milton Santos (1988: 76-7).

⁶³ A. C. Moura (2006: 119ss).

⁶⁴ A *síntese particular* beneficia-se da *síntese geral*. L. D.S. Moutinho, 2004: 289). Idéia próxima do *trabalho morto* marxista como “camada histórica”.

⁶⁵ Luis Damon S. Moutinho (2004: 281ss).

⁶⁶ Maurice Merleau-Ponty (1989); Marilena Chauí (2002).

⁶⁷ As visões filosófica (ontologia do espacial do Ser) e científica (o estatuto geográfico das formas espaciais) complementam-se, porém são da primeira as premissas do raciocínio que se está desdobrando neste trabalho; premissas corrigidas pelo pensamento e experimento científico, sempre que se achar necessário, conforme orientação dos próprios autores que fundamentam nossa referência teórica. Isto acontece com as adequações operacionais próprias às preocupações do cientista, de noções, como coisa, mundo, corpo, tempo, escala, lugar, fé, etc..

Heidegger⁶⁸ faz da coisa oferece desta uma perspectiva organizada, com base na filosofia clássica e kantiana. Coisa, para o filósofo, a partir das coisas de nosso redor, “esta coisa” (campo dos pronomes demonstrativos, como a proximidade indicada pelo “isto”; a *istidade*), servindo como introdução teórica ao problema. Analisa-a exaustivamente procurando um “*terreno sólido*” de um invariante (o incondicionado), a *coisalidade*. Aqui como na obra de Maurice Merleau-Ponty o pensamento vigoroso de Edmund Husserl⁶⁹ está sempre presente⁷⁰. M. Heidegger trata do papel da ciência na problemática da coisa, principalmente nas suas primeiras lições⁷¹, além do senso comum⁷² considerando espaço e tempo com suas implicações, como condição de estabelecimento real das coisas⁷³. Anunciando, como Maurice Merleau-Ponty⁷⁴, uma ontologia indireta⁷⁵, parece empregar fórmula inversa à nossa ao afirmar que “*espaço e tempo formam um quadro, um domínio-de-ordenação, com a ajuda do qual fixamos e indicamos o espaço e o momento de tempo das coisas individuais*”, propondo ao modo de um pensamento dedutivo⁷⁶ um caminho *do lugar às coisas*⁷⁷. Diferentemente de Maurice Merleau-Ponty, que ajusta sua ontologia também pela via indireta, parece desconfiar da intersubjetividade⁷⁸.

Em nosso trajeto apóia-nos M. Heidegger⁷⁹ ao considerar a *experiência* como primeiro e

⁶⁸ M. Heidegger (2002).

⁶⁹ Maurice Merleau-Ponty aponta a descoberta que Husserl fez do ser bruto, do mundo vertical: “*Husserl, conclui Merleau-Ponty, despertou um mundo selvagem e um espírito selvagem, nos quais as coisas não estão em perspectiva como no espaço euclidiano, mas estão de pé, insistentes e arranhando o olhar, reivindicando uma presença absoluta que só terão juntamente com as outras, em configuração*”. (...). *Mundo no qual o sentido não é concessão do espírito à Natureza, mas está em toda parte e em toda parte pedindo para ser criado*”. Marilena Chauí, (2002: 88).

⁷⁰ Isso é verdadeiro, também, para O. Y Gasset, J. Marías, Emmanuel. Levinas, M. Scheller, entre muitos outros.

⁷¹ M. Heidegger (2002: 13-21).

⁷² M. Heidegger (2002: 22, 25, 41, 47, 51, 56).

⁷³ M. Heidegger (2002: 21-33).

⁷⁴ Não discutiremos os muitos pontos de contato entre Maurice Merleau-Ponty e M. Heidegger, sejam de proximidade ou de afastamento; o que é feito por B. Nunes (2004), entre outros.

⁷⁵ M. Heidegger (2002: 20, 22, 57). Ao que juntaríamos Marilena Chauí, comentando o Maurice Merleau-Ponty de *Le visible e l'invisible*, lembra-nos que este afirma ser impossível uma “ontologia direta” e traça o esboço da ontologia indireta que pretendia escrever.

⁷⁶ E. Martins (1996) demonstra como a tradição geográfica erigiu seus postulados sobre os parâmetros da lógica formal e criticista.

⁷⁷ M. Heidegger (2002: 27).

⁷⁸ M. Heidegger (2002: 22).

⁷⁹ M. Heidegger (2002: 23, 137).

mais importante degrau da inteligibilidade; e fá-lo-á com base em Kant, também ao definir *objeto* como aquilo que se põe para nós⁸⁰.

Contudo, se Edmund Husserl e M. Heidegger no pavimentam o caminho, é Maurice Merleau-Ponty que nos permite aprofundar e estender o raciocínio (nossa ponte) sobre o mundo real, concreto e possível que se vem fazendo.

A percepção, para Maurice Merleau-Ponty, é responsável pela captação do “momento originário”, ainda inteiro, e propõe a retomada radical do “*problema da racionalidade: ‘a percepção como encontro com as coisas naturais está no primeiro plano de nossa pesquisa, não como uma função sensorial simples que explicaria as outras, mas como arquétipo do encontro originário’*”⁸¹. O filósofo convida-nos, aos cientistas principalmente, a lembrar das origens do que se toma por conhecido:

“Ora, a história que o fenomenólogo entende retomar é justamente essa, a que nos leva à objetividade, é a história de sua constituição, objetividade que vem ao mundo quando a percepção ‘refaz os seus passos, os contrai e os fixa em um objeto identificável, passa pouco a pouco do ‘ver’ ao ‘saber’, e obtém a unidade de sua própria vida’, quando ela retoma, ‘a cada instante, sua própria história na unidade de um novo sentido’ — ‘novo’ porque essa unidade idêntica foi constituída, e não dada de início. Justamente aí reside a ‘dimensão constitutiva’ da percepção, constitutiva da objetividade, o que exigirá certamente uma nova intuição do tempo capaz de responder a essa retomada direta do passado que permite constituir uma unidade, uma identidade — retomada que, justamente por concluir aqui em uma objetividade, termina por ‘contrair’ a espessura da duração escoada, por ‘reunir’ o que foi repartido em ‘vários pontos do tempo’, reunião e contração que consistem justamente na passagem à objetividade: (...). A história da constituição é a história da passagem da multiplicidade à identidade. Assim, em vez de dizer que a percepção é uma “ciência iniciante”, o que lança sobre ela objetividades que em verdade ela constitui, será preciso dizer, ao contrário, que a ciência “é uma percepção que esquece suas origens e se crê acabada”, já que não apenas a evidência da idéia tem mesma história que a da percepção, mas é uma história que a ciência ignora. O projeto de Merleau-Ponty é retomar esta história (...)”. L. D.S. Moutinho, 2004:278-9).

Acrescenta L.D.S. Moutinho que “a percepção é a ‘via real’ para o originário, ao primitivo, envolvendo todas as dimensões da experiência; esta, que nos entrega um ‘logos’ em estado nascente... ‘e nos ensina’ as ‘verdadeiras condições da objetividade’⁸²”.

A reflexão de Maurice Merleau-Ponty sobre o corpo-sujeito nos leva por temas os mais

⁸⁰ M. Heidegger (2002: 138ss).

⁸¹ Luis Damon S. Moutinho (2004:276).

⁸² Luis Damon S. Moutinho (2004: 277).

diversos, evocando a organização das estruturas da *Gestalttheorie*⁸³, que ele se propõe superar naquilo que a caracteriza de realista em suas concepções. Pretende o filósofo fundar o conhecimento no mundo percebido, seguindo uma reflexão operatória⁸⁴, move-se de modo *sui generis*, apontando a estrutura da unidade do conhecimento e do conhecido. A noção de estrutura com suas dimensões da realidade é tomada como conjunto em transformação e aplicada às unidades de significado, como *junção de idéia e existência*⁸⁵, em sua extensão e ambigüidade.

A unidade de que fala Maurice Merleau-Ponty nos coloca diante das coisas pela experiência⁸⁶. Essa é a pedra de toque filosófica para chegarmos ao nosso alvo⁸⁷, e um bom exemplo de efetivação de diálogo entre os dois reinos do saber são os “*focos qualitativos*” elaborados por E. G. Simões⁸⁸ para o estudo das apropriações e representações dos lugares feitos *patrimônios culturais* na cidade de São Paulo, retomado mais adiante.

E se as pontes são sempre temerárias, porém, parece-me, somente avançaremos se “profanarmos” algo daqueles “pensamentos perfeitos”, maculando-os, talvez, no afã de aplicá-los, utilizá-los no mundo de toda sorte de desigualdades sociais, não apenas aquelas ligadas à renda.

A experiência de que estamos tratando é a da percepção de coisas e objetos, ocorrendo mediante pacto mais a frente discutido. Percepção que pode ser mais sistematicamente introduzida por um trecho de Luis Damon S. Moutinho:

“Percepção em profundidade não é uma construção do entendimento, não é produto de uma relação de significação. Aqui, é o próprio ‘conjunto do desenho’ que vai buscar ‘seu equilíbrio escavando-se segundo a profundidade’, de modo que ‘é o próprio desenho que tende para a profundidade assim como uma pedra que cai vai para baixo’. Nesse sentido, o ato do olhar aparece como ‘retrospectivo’, pois o sentido do percebido, não

⁸³ A teoria da forma em suas bases nos interessa na definição de configurações formais estabelecidas na relação sensível e sensibilidade. Mônica Botelho Alvim (2007).

⁸⁴ Maurice Merleau-Ponty (2005). E segundo Marilena Chaui “*A estrutura é sentido encarnado: não é natureza em-si, nem sistema de posições da consciência, mas produção de uma inteligibilidade espessa que se realiza por meio das coisas e dos homens, anteriormente À reflexão. Ou melhor, é uma reflexão operante, na qual as distinções entre o objetivo e o subjetivo não são aquelas do em-si e do para-si, e sim manifestações particulares da unidade peculiar de uma forma e de uma significação, unidade que define a diferença e a passagem da ordem física para a vital, e desta para a cultural*”. (2002:228ss).

⁸⁵ Idéia das mais recorrentes em seu trabalho.

⁸⁶ Maurice Merleau-Ponty (1990: 49-50ss).

⁸⁷ A prática científica tratada no quinto capítulo.

⁸⁸ E. G. Simões (2006).

constituído por mim, aparece como ‘instituído nele’, de modo que eu não sou a origem solitária do sentido, mas apenas ‘reúno um sentido esparso por todos os fenômenos, eu apenas digo ‘aquilo que os fenômenos querem dizer de si mesmos’’. (2004:285-6).

Sempre em profundo diálogo com as formulações de Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty tece seu projeto próprio em direção ao mundo da vida, e nele “o *sujeito de percepção é o corpo, não uma consciência [isolada]; daí porque o sensível pode ‘me convidar’ a uma ‘focalização’, a uma ‘fixação’; daí porque ele pode ‘despertar uma certa intenção motora’, e ser ‘uma questão’ à qual nossos sentidos “respondem exatamente”*”⁸⁹.

Como sujeitos, reunimos um sentido “já esparso pelos fenômenos”, não os produzimos pela percepção nem operamos cadeias lógicas correlatas de um sensível portados de toda a objetividade. “A unidade é intersensorial, não nocional”, afirma Maurice Merleau-Ponty⁹⁰.

Se a ontologia do espacial do ser que nos interessa compreende o corpo-sujeito e suas experiências de percepção das coisas, é o pano de fundo das crenças⁹¹ que permite estabelecer a confiança nessas relações e nos instrumentos que as estabelecem, portanto, ancorando o conhecimento, mostrando que Maurice Merleau-Ponty desloca o poder, a inteligibilidade da consciência para o corpo que a integra, transformando-a, convidado pelo sensível “a uma focalização, a uma fixação”. Para Maurice Merleau-Ponty, já o comentamos, o sensível e o corpo não são estranhos, perfazem um entrelaçamento na percepção – sensível e sentidos em diálogo⁹², a tal da ontologia comum. Vem daí que o real se encontre “*carregado de predicados antropológicos*”⁹³. Além de enfrentar as já clássicas barreiras oferecidas a esse nosso acesso às coisas, o filósofo afirma que a

“‘plenitude de ser’, o ‘ser verdadeiro’ será aqui a coisa dada aos meus diferentes sentidos, quando ela chega ao seu ‘máximo de riqueza’, quando os dados dos diferentes sentidos ‘são orientados para o pólo único’, que polariza então nossa existência (...), e, para que o fenômeno se aproxime da existência real, ele precisará tornar-se capaz de ‘falar aos meus outros

⁸⁹ Luis Damon S. Moutinho (2004: 287).

⁹⁰ Luis Damon S. Moutinho (2004: 287).

⁹¹ Abordadas na seção 2.2.

⁹² Com os sentidos “‘eu atravesso as aparências’ e chego à coisa real, o que se evidencia pelo fato de que a síntese, a unificação, motivada pela própria coisa, se faz lá nela mesma, não em um sujeito pensante, o que justamente caracteriza a síntese perceptiva e a distingue da síntese intelectual. E como termo de uma tal síntese, a coisa está aqui no horizonte aberto de uma experiência sinestésica”. L. D.S. Moutinho (2004: 287).

⁹³ L. D.S. Moutinho (2004: 288).

sentidos, como, por exemplo, o vento quando é violento e se faz visível na agitação da paisagem'; é assim que teremos a coisa 'em pessoa', 'em carne e osso'. Luis Damon S. Moutinho (2004:287).

Não estamos juntamente com M. Heidegger, buscando no campo das essências a *coisalidade* das coisas⁹⁴, como citado há pouco, mas parafraseando-o, talvez uma “*lugaridade*”, já um construto; trata-se de metermos-nos na grossa malha urdida por ações, objetos e lutas pelo controle do espaço e tempo socialmente produzidos. Trama espessa e fluxos viscosos, oposto àquela consciência onipresente, que vê o mundo transparente, tão criticada por Maurice Merleau-Ponty⁹⁵.

A síntese que fazemos da realidade parece se fazer na própria coisa, que a nós se impõe, quando vamos diretamente a ela, “*o sentido de uma coisa habita essa coisa como a alma habita o corpo: ele não está atrás das aparências (...), ele se encarna nela*”⁹⁶. Luis Damon S. Moutinho apresenta a definição merleau-pontyana do “*núcleo de realidade*”:

*“uma coisa é coisa porque, o que quer que nos diga, ela o diz pela própria organização de seus aspectos sensíveis. O ‘real’ é este meio em que cada momento é não apenas inseparável dos outros, mas de alguma maneira sinônimo dos outros, em que os ‘aspectos’ se significam uns aos outros em uma equivalência absoluta”*¹¹⁶. Assim, embora a coisa, ao termo da exploração sensorial, esteja carregada de predicados antropológicos, ela não se reduz a um pólo de minha vida corporal, pois ela repousa em si mesma, ela nos ignora, ela está enraizada “em um fundo de natureza inumana”, ela é natural. Eis, enfim, o problema a que nos referíamos, o do “em-si-para-nós”: “como compreender ao mesmo tempo que a coisa seja o correlativo de meu corpo cognoscente e que ela o negue?”. L. D.S. Moutinho 2004:288).

Assumimos, pois que a coisa é junto ao corpo, percebo-a com o corpo em sua atividade e passividade⁹⁷, portanto que eu *não* constituo a coisa, que eu *não* a ponho ativamente. Posso, sim, transfigurá-la, por meio da transformação dos objetos e de suas relações.

Neste momento do texto juntaremos ao mundo, já aberto pela percepção das coisas, a

⁹⁴ Parece uma resposta de Maurice Merleau-Ponty a um debate com Heidegger, principalmente, quando ao apontar o caráter temporal da “*síntese perceptiva*” demonstra a impossibilidade de alcançarmos a *ipseidade* ou *coisalidade* das coisas. L. D.S. Moutinho (2004: 287).

⁹⁵ Sobre suas idéias a extremidade filosófica de nossa ponte está posta; estando a outra ponta na obra de Milton Santos que, especificamente nesse caso, o geógrafo (1996) também dirige duras críticas aos processos cujas expressões maiores são essa velocidade, a transparência, a perda de sentido, com a luminosidade exuberante.

⁹⁶ L. D.S. Moutinho (2004:288).

⁹⁷ Atividade e passividade... movimento de ativação histórica, reativação da sedimentação...

espacialidade como qualidade espacial do ser, um seu atributo, começando por situar⁹⁸ as ações; nosso maior objetivo. E se o **lugar** vem pela abertura direta, *constituído* dialeticamente sobre o *instituído*, a **espacialidade** requer uma aproximação num outro nível de experiência, como muito bem nos ensina Armando Corrêa da Silva:

“A ideologia do cotidiano se forma na vivência do espaço e do tempo que é, antes de tudo, o ‘ver’. Mas, trata-se de um ver com os olhos da teoria, vale dizer, a visão é interior, porque já carregada de significados. A objetificação dos significados transforma o ver interior no olhar que seleciona, classifica, identifica, etc.

***Perceber** o espaço é dar-se conta do opaco, do transparente, do translúcido, do contorno, dos ângulos, da dimensão, da distância, do tamanho, do contínuo, do limitado, do obstáculo, da ausência de obstáculos, etc. No entanto, pensar o espaço defronta-se com a **espacialidade**, da qual tudo o que se disse é aparência. Mas, a **espacialidade** não é apenas dos objetos. Há o espaço do corpo e seus prolongamentos. Há também o espaço da mente. Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir, e, portanto, do pensar. Sendo assim, ele é algo físico, uma “coisa”, e é algo social, algo criado pelo trabalho. O primeiro, precede a existência humana; o segundo, nasce da valorização do natural como fonte de vida. Mas, essa constatação é resultado, desde logo, do pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta.*

*O espaço do cotidiano é, em primeiro lugar, o espaço da **gravitação**, que dá origem ao vertical, ao horizontal, ao plano, ao declive, ao aclave, à postura ereta, ao equilíbrio, ao desequilíbrio. Esse espaço é trabalhado pela cultura. Esta o percebe como agradável, desagradável, onírico, pesado, leve, base, conteúdo, atributo, mágico, feio, bonito, vazio, repleto, ocupado, desocupado, livre, aberto, etc.*

O espaço é o real e o imaginário”. Armando Corrêa da Silva (2000:18).

A citação expõe múltiplas faces da frente que queremos explorar, preparando o terreno para a **abordagem estrutural**⁹⁹ neste estudo geográfico, com vistas a avaliação dos usos dos lugares, no nível operacional. Aí entram espaço, movimento e tempo, que estão na base da existência, e como se está mostrando, do conhecimento. Experiência, percepção e espaço estão atados e se supõem, pois que experienciar é condição e critério de veracidade para o senso comum e em certo sentido, para a ciência. Servir-nos-emos, para confirmar o que precede, de mais um trecho de Armando Corrêa da Silva:

“O ‘ver’ geográfico configura-se principalmente como perceber o espaço em

⁹⁸ A. C. Moura fala em *situação* e *liberdade* na obra de Maurice Merleau-Ponty como condição à ontologia (2006).

⁹⁹ Abordagem estrutural proposta por Maurice Merleau-Ponty que **articula** os campos físico ou material (ordem sincrética), fisiológico ou vital (amovível, sinais), psicossocial (simbólica), como ordens da realidade, consideradas junto ao corpo humano como fundamento da intersubjetividade e da constituição do mundo (2006; 1999; 2005); **relaciona** percepção e teoria, a motivação lógica.

*todas as suas formas e relações. Mas o modo de manifestação do espaço é a **espacialidade**, um seu atributo. Esta, é natural e humana.*

*Não obstante, a **espacialidade** pode ser confundida com sua aparência fenomênica. Só a abstração, como idéia, pode pensá-la como categoria e conceito. Posto isto, é possível o acesso à teoria.*

A importância da percepção, embora seja a orientadora do comportamento humano, reside em seu papel intermediário – em geografia – entre o fenômeno e seu entendimento teórico. Não é preciso o auxílio de outras ciências – como se pensou no passado – para realizar esse entendimento. O espacial possui sua própria ontologia específica.

Cabe revelá-la”. Armando Corrêa da Silva (2000:19).

A abordagem de Armando Corrêa da Silva supõe já a ponte que desejamos construir. Está lá a *ontologia do espacial*, a relação de inteligibilidade, a fenomenologia, a epistemologia da geografia, o comportamento como movimento. É abertura para a teoria, no sentido contemporâneo de teoria. O autor já nos fez pensar sobre o assunto pela via das categorias geográficas, propondo-as como questão ponderada entre lógico-ontológica¹⁰⁰. Com isso e com Milton Santos, a ponte deve passar pelos *modos espaciais do ser*¹⁰¹: território, paisagem, região, lugar, cada um dependente não apenas de sua objetividade concreta, mas da dimensão conceitual, tensa e ambigualmente mantidas; essa a sinalização do caminho.

Nesse primeiro trecho a que nos propusemos, descobrimo-nos atados às **coisas**, que adquirem sentido por meio da relação tornada espacialidade, que dá sentido ao meio. Apercebemo-nos das coisas, que nos levam ao lugar: abertura¹⁰², fechamento e coexistência na configuração do mundo em existente, imaginário próximo e distante ou apenas possível, sem qualquer *preconceito* com a atitude natural (o que seria um contra-senso), sendo preciso reconhecer nas coisas algo que reclama sentido, como **lugar** pela **espacialidade**, e como espaço por seus significados e possibilidades sociais. Maurice Merleau-Ponty nos oferece a noção de percepção, aqui cotejada à de espacialidade, posta por A. Correia de Silva¹⁰³ nas citações de há pouco, que corrobora também nossa reflexão sobre a

¹⁰⁰ Armando Corrêa da Silva (1986).

¹⁰¹ A profundidade da temática está apenas sugerida, e a ela voltaremos em outros momentos do texto, como nas observações sobre os trabalhos de campo, na discussão sobre a geografia como ciência, e nas possibilidades abertas pelo pensamento merleau-pontyano, destarte haja perdas devidas à sua sistematização.

¹⁰² Maurice Merleau-Ponty propõe caminhos de abertura para dar visibilidade ao Ser. (2005:100).

¹⁰³ O tema da experiência e da percepção é trazido como uma discussão do lugar das coisas e da vida, relacionadas no *próximo capítulo* mais diretamente a essa constituição do lugar; um lugar concreto, porém

constituição.

E, de novo nos perguntamos: *Qual é o ser-lugar / ser do lugar e, então, que devir nos é pertinente dele esperar? / e então, o que ele deve ser?* Dever, diretamente ligado a uma questão política, atrelada à estética – evocada em sua organicidade e toda sua plenitude ética.

Prosseguindo no esforço analítico, queremos chegar ao sentido que as coisas fazem ao se mostrarem espacializadas, surgindo, pela experiência, pela percepção, em forma e conteúdo como lugar. Milton Santos¹⁰⁴, falando do “*espaço seria o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e do trabalho vivo (o contexto social)*”, sustenta que “*há, dessa maneira, uma relação entre sociedade e um conjunto de formas – materiais e culturais*”. Também apresenta a espacialização como “*um momento da inserção territorial dos processos sociais*”, e afirma que “*o espaço é mais do que isso, pois funciona como dado do próprio processo social*”. De toda maneira, remete-nos à síntese encontrada por Maurice Merleau-Ponty, apontada há pouco.

Há um papel da intuição¹⁰⁵ na consideração da totalidade do movimento; é possibilidade e é tangível como mundo vivido. O mundo não está no espaço e não há espaço sem mundo. O espaço se afirma no Ser¹⁰⁶, o que subentende a existência, a comunidade; não significando estar junto. O Homem tem uma predisposição, desde que existe, de viver numa certa abertura em relação ao outro¹⁰⁷. Contudo, estar junto é compartilhar o mundo. É, assim, que a solidão, a falta, a ausência existem, pela tomada de consciência do mundo e da modalidade de coexistência¹⁰⁸ em que a vida se realiza.

A experiência que *me* leva às formas espaciais e ao *outro* como fundamento da vida social, segundo Maurice Merleau-Ponty, não é imediata e possui interior; a essência não é síntese acabada e pura interioridade, abre-se para o exterior e para o tempo¹⁰⁹.

anterior à “totalização” das experiências.

¹⁰⁴ Milton Santos (1988: 71-3).

¹⁰⁵ M. A. Souza (anotações de aula, 2005).

¹⁰⁶ O que corrobora a inerência da espacialidade, na apresentação da ontologia espacial do primeiro capítulo.

¹⁰⁷ Tema amplamente tratado na fenomenologia de Edmund Husserl (1962 – A essência da sociedade segundo Husserl).

¹⁰⁸ Espaço do acontecer solidário. M. A. Souza (textos e anotações de aula, 2005).

¹⁰⁹ “*A experiência é o que nos inicia ao que não somos e, assim, é o que se abre também para a essência*”. E: “*...a essência é uma dimensão da experiência*” e “*uma obra de pensamento é uma experiência de pensar*”.

Afirmarmos, então, que as coisas chamam-nos à atenção, indica a comentada unidade do conhecimento, integrando sujeito e mundo que, em tal relação distinguem-se os contornos das entidades e seus horizontes, conformando paisagens. Assim, coisas visadas, juntamente aos que as visam, tornam-se conhecidos, tendo seus sentidos mutuamente referidos e intercambiáveis na “carne” (*leib*)¹¹⁰ que ao envolvê-los como membrura¹¹¹, incorporam-se ao vivido, ganhando o mundo¹¹².

Como bem lembra Milton Santos, embora vislumbre em virtude das conexões geográficas¹¹³ do mundo contemporâneo, a totalidade concreta (um forte possível), que ao interpretarmos o conjunto ideológico que conforma o discurso globalista, corremos o risco de nos afastarmos muito das origens e razões do conhecimento. E aí condizemos com Maurice Merleau-Ponty na crítica à ciência que se esquece de suas origens, contrapondo um caminho da “ontologia que se lembre”.

Ouvimos o chamamento das coisas, por “entendermos” sua “linguagem”, que liga todos os “*eus*” como “*nós*” e como mundo, tudo sendo parte da natureza¹¹⁴, transformada pela percepção (*espacialidade, geograficidade*) e ação humanas (*espaço geográfico, território, paisagem*), estas também em transformação, pois, e aí começa a ficção¹¹⁵, progressivamente enredadas por redes e formas que visam ligar seletivamente os territórios; processo politicamente definido pelos interesses de agentes com finalidades econômicas específicas, constituintes do “mercado”. Essa, a imagem do mundo-planeta... Imagem, pois, como já foi dito em nota¹¹⁶, a ciência degradou desde o termo (Planeta) que

Marilena Chauí, (2002: 41).

¹¹⁰ Conforme à Nota 50, pois Edmund Husserl já se ocupava da coisa e do espaço, desenvolvendo a noção de *Leib*, no livro “*Chose et espace: leçons de 1907*”.

¹¹¹ Luiz Damon Santos Moutinho (2008). Membrura que envolve sensível e sentidos do mesmo jeito que a pele envolve os órgãos e ligações dos corpos dos organismos.

¹¹² Não é a ontologia trazida pela abertura e pelo fechamento propiciados pela experiência. Trata-se aqui de uma referência ao mundo-planeta (ou a tentativa de empiricização deste), objeto da geologia, das disciplinas gerais, universais, com todas as implicações daí decorrentes – generalizações da história, e da geografia, diremos, são duramente criticados por Maurice Merleau-Ponty (1989:). Caberia citar Milton Santos (1996) e H. M. Enzensberger (1995) para entrarmos nas questões da perda de sentido ao tratarmos de significados gerais, que se impõem como *não-significados* para a maioria.

¹¹³ M. A. Souza (2005).

¹¹⁴ Referência à ontologia comum entre o ser humano e o mundo.

¹¹⁵ Milton Santos (1996). Ficção no *capítulo terceiro* equiparada ao *fechamento* das coisas no gigantismo da vida e “perda” da escala humana na vida social.

¹¹⁶ *Capítulo um*.

caiu, então, em desuso.

O reconhecimento de que o pensamento e o “conhecimento” apenas podem se dar de modo indireto, implica aceitação do *mistério* na ontologia como condição de entrada do que Maurice Merleau-Ponty denomina “*reflexão operatória*”¹¹⁷, numa alusão ao vivido, condição ao projeto expresso da existência, em cada vida. Refere-se ao “*mistério do mundo e da razão*”¹¹⁸.

Há um profícuo debate entre Maurice Merleau-Ponty e Sartre¹¹⁹. Em “*O Ser e o Nada*”, Sartre supõe a integração deste ao ser, havendo uma premissa de oposição, segundo Merleau-Ponty que não pensa assim e para quem há “*mistura*”, ou seja, “*quando vemos o ser, logo o nada* [o invisível] *aparece, não na margem, como zona de não-visão em torno de nosso campo de visão, mas em toda a extensão do que vemos, como aquilo que o instala e o monta como espetáculo diante de nós*”¹²⁰. Dessa maneira, Maurice Merleau-Ponty nos oferece uma complexa e *sui generis* ontologia que nos permite entrever algo mais que o gradiente das aproximações exclusivamente lineares, dialogando com grandes filósofos, como já o dissemos.

Maurice Merleau-Ponty fala da vida imersa no mundo (envolvida com os outros, ligada ao ser e ao nada – visível e o invisível), de sua manifestação como carne do mundo, dependentes do espaço e tempo, confrontando-a as idéias puras. Vida com sua atmosfera¹²¹ gerada por percepções e atos excedendo o controle da analítica do ser e do nada, tornando possível a passagem para a estrutura, podendo ser inferida como imaginário operante, ao modo do mito, que é uma totalidade vivida¹²².

Maurice Merleau-Ponty junta, então, experiência e percepção da vida ao espaço do conhecimento abstrato, também da vida – nem sempre da mesma, cabendo aí a crítica. Assim, o termo **mundialização** leva a um processo¹²³ muito extenso e profundo, que não

¹¹⁷ É o modo encontrado por Maurice Merleau-Ponty para abarcar os até então tidos como antípodas (sujeito e objeto, cultura e natureza, por exemplo) em quase todos os pensadores. Maurice Merleau-Ponty (2005:); Marilena Chaui (2002:)

¹¹⁸ Marilena Chaui (2002: 52-3).

¹¹⁹ Marilena Chaui (2002). Também Luiz Damon Santos Moutinho (2008).

¹²⁰ Maurice Merleau-Ponty (2005: 71).

¹²¹ Maurice Merleau-Ponty (2005:87).

¹²² Maurice Merleau-Ponty (2005:88).

¹²³ Milton Santos fala em projeto, com suas possibilidades (1996).

apenas está referido ao corpo celeste Terra, mas remeteria às construções do mundo conhecido, à universalização do lugar, que apresenta os horizontes¹²⁴ conhecidos e desconhecidos, o *mundo determinado* por processos baseados em pressupostos e *a priori*, sobre ideologia e ciência. Daí, a mundialização com um mundo produzido pela técnica, pelas imagens das redes avança a passos largos com crescente exterioridade às pessoas de carne e osso, que habitam os lugares. A imagem do mundo assim tomado fica aquém do fenomênico posto pela ideologia de vetor único, **não enxergando o possível como parte da realidade**; contra isso Milton Santos nos ampara no argumento quando “vê” aquilo que não é manifesto no primeiro plano, como presente: os pobres como agentes revolucionários, com seu tempo lento¹²⁵.

Antecipando a problemática do fechamento das formas à percepção, segue que as formas podem ser produzidas organicamente ou não, na medida em que os lugares existirem para as necessidades dos sujeitos que neles habitarem. No plano da formação dos lugares, bem como de sua transformação, o intangível pode estar à minha frente, sem que seja visto; basta que dele não tenha os códigos. Daí a importância do estudo dos valores éticos e estéticos (reino da política), além das **normas**¹²⁶ (formas disciplinares, determinantes), que se espacializarão mesmo na ausência ou incompletude das ações corporificadas, quer assim pareçam ou não, pois que chegam aos lugares como “ações descarnadas” fantásticas que têm por sujeitos os grandes conglomerados, por exemplo, configurando espaços das verticalidades de Milton Santos, oposto às ações encarnadas do acontecer solidário, de Milton Santos. Mais especificamente tratada no quarto capítulo, **carne**, neste trabalho, será a denominação da relação mais ampla que nos torna parte do mundo ao mesmo tempo em que este, como o conhecemos, apenas é possível como parte de nós; somos, com ele. É uma alusão ao mote desta seção, a outra face da abertura, o *fechamento das coisas* abordado no próximo capítulo.

¹²⁴ Os *horizontes* de Edmund Husserl são idéia cara a Maurice Merleau-Ponty, e assim o vêem Marilena Chauí (2002) e Luis Damon S. Moutinho (1998). São fundamentais para entender a percepção dos fenômenos pelo corpo-sujeito.

¹²⁵ Milton Santos defende em boa parte de sua obra que os pobres como sujeitos em atividade, trazendo novos conteúdos e, portanto, novas dinâmicas imprevisíveis aos objetos no seu fazer costumeiro, representariam algo de revolucionário. (1996).

¹²⁶ “É desse modo (na indissociação de formas geográficas e normas de uso desse território) que se defrontam normas e formas compondo duas situações extremas: uma ação globalizada como norma, um território local como norma e uma variedade de situações intermediárias”. Milton Santos (1996:270-1).

A experiência da **percepção** das coisas leva-nos ao lugar: abertura, fechamento e coexistência na configuração do mundo em próximo e distante¹²⁷; também nos lança para além de onde estamos, física, vital e culturalmente. Maurice Merleau-Ponty esclarece:

*“A relação entre as coisas e meu corpo é decididamente singular: é ela a responsável de que, às vezes, eu permaneça na aparência, e outras, atinja as próprias coisas; ela produz o zumbir das aparências, é ainda ela que o emudece e me lança em pleno mundo. (...). O mundo é o que **percebo**, mas sua proximidade absoluta, desde que examinada e expressa, transforma-se também, inexplicavelmente, em distância irremediável. O homem ‘natural’ segura as duas pontas da corrente, pensa ao mesmo tempo que sua **percepção** penetra nas coisas e que se faz alguém de seu corpo. Se, todavia, na rotina da vida as duas convicções coexistem sem esforço, tão logo reduzidas a teses e enunciados, destroem-se mutuamente, deixando-nos confundidos”.* (Maurice Merleau-Ponty, 2005: 20).

Os sentidos do lugar são intrínsecos à espacialidade advinda de nossa relação com as coisas, possível pela presença e suposta no percurso das aproximações, que apontam para dentro e para fora, confirmando e perdendo horizontes, também uma condição para as noções de estrutura e dimensão, noções instrumentais à avaliação dos lugares e proposição para intervenções. É preciso que se explicita, a espacialidade, reiterando citações de há pouco de Armando Correia da Silva, é o momento que se põe, para o sujeito imerso nas coisas, como condição para a racionalização e produção do espaço.

Maurice Merleau-Ponty adverte que não devo descartar o campo fenomênico, apenas devo tê-lo como tal. Desse modo, **lugar**, na mesma linha de raciocínio de Maurice Merleau-Ponty que coloca **organismo**¹²⁸ e **homem** como fenômenos, é visto como **forma**, *conjunto significativo*, como idéia vivida, com dimensões temporais concretas e também fugidias.

O maior desafio, ao que parece, é o de saber sobre o que se está tratando, para, aí sim, prosseguir, na esteira de possibilidades investigativas embasadas nessa “primeira evidência” que se põe para o sujeito, a ser ajustada cientificamente pelo método. Cidade, bairros e pedaços da cidade que chamamos lugares são como uma formalização discreta de conteúdos: processos socioambientais envolvidos na transformação das paisagens, como

¹²⁷ O distante veio habitar, como as verticalidades de Milton Santos (1996; 1994), em meio conhecido, transformando os objetos e os afastando em função da mobilidade social, relacionada a valores econômico-financeiros, além de culturais, entre outros.

¹²⁸ Maurice Merleau-Ponty (2006: 236-9). Também Luis Damon dos Santos Moutinho (1998:41). O insustentável peso dos genes, de El-Hani. Também Murilo Cardoso de Castro (2007).

aquelas do Centro da cidade de São Paulo, que mais nos chamaram à atenção¹²⁹.

Foi assim que o Centro, como lugares a que remetemos para verificação das formulações teóricas apresentadas, entrou em foco; nesta primeira parte, como campo fenomênico, o que significa que passa de *mundo indeterminado*¹³⁰ que povoa a nossa vida cotidiana, minha e de cada um, de impressões improváveis à palpabilidade obsessiva do fazer científico, logo como reais e existentes: como “*em-si-para-nós*”. Se as coisas me levam ao lugar e o lugar ao mundo; é a experiência deste¹³¹ que me permite o entendimento daquilo que vivo, como referência.

Maurice Merleau-Ponty, inspirado em Hegel, discute a importância ontológica da relação entre espaço e tempo, referindo-se à emergência e imbricamento no vivido das ações que se dão no *lugar e agora, onde e quando*¹³²: atributos da espacialidade.

E o mundo conserva o mesmo estilo para mim porque ele *permanece*, porque ele está aí desde sempre, desde a primeira percepção; essa permanência do mundo é a permanência da generalidade, do horizonte de toda percepção, do fundo de que todo percebido não é senão a figura. O mundo é uma generalidade permanente, um “imenso indivíduo do qual minhas experiências são antecipadamente extraídas.”¹³³

As coisas nos dão o lugar pela experiência, abrindo-se à percepção, entretanto, não são anteriores, são dependentes. E, quando para esta se fecham, abrem-se para o pensamento; no mundo, é o contrário. **Viver no mundo**, portanto, requer a união da percepção ao pensamento. O sentido vem da redução, fenomenológica, e das seguidas **aberturas**.

O lugar evoca uma escala pessoal, mesmo que seja proveniente de uma ordem imposta, exterior à população local.

Seguindo a orientação de Maurice Merleau-Ponty, procuram-se as dimensões estruturais da abordagem espacial: o que é físico/material, fisiológico/vital e simbólico (cultural,

¹²⁹ Aparecem mais a frente com a descrição dos trabalhos de campo e os ensaios cartográficos correspondentes.

¹³⁰ *Mundo indeterminado* de evocação mítica, inteiro, sem padrões, critérios, fragmentos; mas inteiro Maurice Merleau-Ponty, MC. Perde tal status no campo da objetivação científica.

¹³¹ Luis Damon dos Santos Moutinho (1998:28). Experiência num outro nível, agora daquilo que parece estar de fora, vivido pela intrusão, não pela colaboração numa gênese interna; mas a aproximação de “*sujeitos anônimos*” e “*passivos*”..

¹³² Maurice Merleau-Ponty (2005:136).

¹³³ L. D.S. Moutinho 2004:290).

informação, comunicação), o mundo e o lugar em sua reciprocidade que de modos diferentes se espacializa¹³⁴ nos três trechos da pesquisa (*a chegada ao lugar, ao mundo e, ao lugar, de novo*), mais um equipamento para a bagagem é a escala, tomada ontologicamente¹³⁵.

Como mencionado há pouco, aproximar-se é, também, afastar-se; dados os perigos da especialização e desarticulação do olhar daquele que busca as coisas e seus sentidos como lugares e como mundo, como totalidade em sua multitude escalar. Para superar a desarticulação e a unilateralidade, seguir-se-ão as sugestões de Maurice Merleau-Ponty, que preconiza uma dialética como “*reencontro do ser antes da clivagem reflexiva*”¹³⁶.

As escolhas e as referências do sujeito são co-responsáveis pelos resultados da empreitada da pesquisa, pelas características de seu envolvimento: o que quer e pode ver!

É comum que a atitude natural tenha sua importância reduzida no discurso das formações científicas, para as quais o acercamento e convívio tácito com o objeto de interesse não acarretam necessariamente satisfação cognitiva ou metódica, seja na filosofia ou na ciência.

A questão da concretude do mundo implica uma outra: a da possibilidade de pensar matéria e consciência complementarmente. O argumento presente neste trabalho leva a pensar que devemos enxergá-las fundidas na realidade. A geografia, como pensamento científico e seus representantes, deve dizer o que e como vê, antes de sair por aí aplicando fórmulas...

Percepção está na gênese do sentido, é a inteligibilidade em estado nascente. Quer-se, assim, ir além da simples representação (quando exclusivamente subjetiva) e dos objetivismos (do positivismo que toma a coisa por fora). Trata-se, para ele, da **junção** da idéia e da existência¹³⁷. Também referimos o seguinte excerto:

“E é justamente isso o fenômeno: por oposição a esses átomos exteriores entre si e a uma significação vinda de fora, Merleau-Ponty aponta uma totalidade fenomênica onde as partes não são independentes entre si, como por exemplo na percepção de uma figura sobre um fundo. E dessa mútua dependência que vem a significação do percebido; nesse sentido, ela não vem

¹³⁴ São territórios e paisagens.

¹³⁵ Proposto por Maurice Merleau-Ponty (2005:), como “*superação da ontologia do em si*”.

¹³⁶ Maurice Merleau-Ponty (2005: 96).

¹³⁷ Luis Damon dos Santos Moutinho (1998:65).

de fora; assim, por exemplo, o lado do retângulo não é um simples traço; enquanto o lado de um retângulo tem uma face interior e uma face exterior, o traço isolado tem duas faces equivalentes. Isso quer dizer que percebemos conjuntos significativos, não, não uma soma de elementos reais, que seriam sempre os mesmos, independentemente do campo do qual fazem parte. Há uma conexão intrínseca entre as partes, uma totalidade que significa justamente em virtude dessa mútua dependência e não por agregação de partes independentes, exteriores entre si, há uma abertura dos elementos sensíveis uns aos outros da qual vem, afinal, a significação do percebido. Já não estamos mais diante de elementos reais, de propriedades absolutas, mas de uma totalidade significativa, isto é, de um autêntico fenômeno. (...)” (Luís Damon S. Moutinho, 1998:76).

No lugar, assumido também como mundo, eu caminho com os pés e com o método (construído com a experiência pré-reflexiva e sua elaboração, além da ação). Põe-se, desse modo, uma distinção na unidade fundamental entre a vida no lugar e no mundo.

Chego ao **Centro**, o que vejo e o que acontece diante de mim vem em pedaços e fragmentos que adquirem sentido em virtude de operações de que participo física, biológica e simbolicamente, com meu corpo que é sujeito e objeto a um só tempo.

É preciso ficar bem claro que estamos tratando de uma noção de percepção muito mais profunda do que aquela que comumente é alvo de ataques nos textos classificados em geografia da percepção¹³⁸ por geógrafos com receio das construções idealistas.

A questão que se coloca por ora: como nos movimentamos, conhecendo, opinando, pensando, refletindo e concluindo no âmbito da própria existência, senão partindo dos conhecimentos tácitos constituintes do senso comum, da cotidianidade ou mundo da vida, da “práxis”¹³⁹ ou dos simples hábitos. Isso requer que acreditemos num bom punhado de associações, relações causais simples em sua grande maioria, normalmente de encadeamento desconhecido ou descartado, na camada operacional do dia-a-dia. Toda essa ordem de ações ocorre enraizada em pactos condicionantes da própria existência; é o que segue.

¹³⁸ Na França e no Brasil, geralmente fenomênica, imagética, mas que tem elementos importantes.

¹³⁹ Vinculada ao marxismo de Gramsci. Adolfo Sánchez Vázquez define e contextualiza o conceito.

2.2. Os pactos de confiança: sob as pontes os “eus” e seus mundos na base do mundo compartilhado.

“El hombre necesita no tener una total inseguridad; que sea radical es una cosa, que afecte a su raíz misma es inevitable. Que la inseguridad sea total, es otra cosa”. J. Marías (1999).

“Meu corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo. Mas meu corpo vidente subtende esse corpo visível e todos os visíveis com ele. Há recíproca inserção e entrelaçamento de um no outro. Ou melhor, se renunciarmos, como é preciso ainda uma vez, ao pensamento por planos e perspectivas, há dois círculos, ou dois turbilhões, ou duas esferas concêntricas quando vivo ingenuamente e, desde que me interrogo, levemente descentrados um em relação ao outro”. (Sublinhas nossas). Maurice Merleau-Ponty (2005: 134-5).

“O problema, não resolvido, e mal resolvido pelos geógrafos do passado, é o de limitar-se ao visível empiricamente. O problema, não resolvido ou mal resolvido, pelas geografias crítica e radical é, de um lado, rejeitar a pesquisa empírica como um momento do método, e, de outro, rejeitar a investigação concomitante, como procedimento mental. Separar as ‘idéias’ e os ‘fatos’ não conduz a nada, a não ser à repetição de procedimentos que a vida demonstra, mais cedo ou mais tarde, insatisfatórios”. Armando Corrêa da Silva (2000: 21).

As experiências mais primárias, norteadoras de todas as relações psicossociais, pedem agora uma elaboração maior sobre o modo como experimentamos aquilo que percebemos ainda num momento “pré-objetivo”, “pré-reflexivo”¹⁴⁰, cujo esquecimento é o principal aspecto explicativo do desenvolvimento do pensamento científico. Do esquecimento, especificamente, nos ocuparemos na geografia-ciência, para tanto continuemos a preparar a ponte.

Entram no raciocínio os *pactos de confiança*, ou as pontes entre “mim” e as coisas, que tornam o real e o possível em mundo compartilhado. Constitui-se um meio a caminho do lugar e esse momento de experiência é já uma *primeira* superação; o mote é o da confiança¹⁴¹.

¹⁴⁰ Questão fundante do pensamento merleau-pontyano. Luis Damon S. Moutinho (2004:280ss); B. Nunes (2004:275).

¹⁴¹ Assemelhada à atitude natural de Edmund Husserl, à fé perceptiva de Maurice Merleau-Ponty, e ao *dasein* de Martin Heidegger, no mundo da vida, mas também ao cotidiano de H. Lefebvre, e a um tipo de atividade comunicacional do senso comum na esfera pública, de Jürgen Habermas, e em menor grau à fixação da crença, de C. S. Peirce. Esta lista apresenta pensadores cujas idéias provêm de vários contextos teóricos, desde os mais engajados politicamente aos que apresentam a questão com formalismo. Ao que acrescentamos um trecho de Marilena Chauí, afirmando que a atitude natural (...) é “*urglaube* (fé primordial) e *urdoxa* (opinião originária), opondo ao originário da consciência teórica o originário de nossa existência. (...)”. (2002: 81-2).

Aqui é o momento do estabelecimento dos pactos de confiança que fazemos em todas as dimensões da vida.

Falar das pontes estendidas para fora de nós, entre nós, diz respeito a todas as relações entre os seres, envolvidos na tessitura do mundo, alcançando a vida irrefletida, que “sabe sem se saber que sabe!” ou “sabe, mas não sabe explicar!”, cujo entendimento requer mais que reflexão convencional, sendo necessário o *imbricamento* de que fala Maurice Merleau-Ponty¹⁴².

Aprendemos a confiar nos materiais oferecidos pela socialização (cultura), portanto, no que nos disseram escrevendo e falando. Aprendemos, também, a confiar naquilo que “autoridades” anunciam, no caso de não sermos especializados nas modernas tecnologias que necessitam de tradutores, conforme Milton Santos perspicazmente observou¹⁴³, devemos acreditar piamente nos manuais de operação de máquinas e eletro-eletrônicos.

No mundo da vida, cotidiano, nascem a teimosia, os “saberes viciados”, as mitologias esgarçadas pelo mundo moderno; é o espaço das práticas. Daí, cabe perguntar quanto e como acreditamos nas formações sociais filosóficas, científicas, entre as demais?

Antes de continuar, algumas das idéias de Charle Sanders Peirce encaixam-se neste ponto do texto, remetendo aos parágrafos anteriores. A logicidade é a pedra e toque de sua reflexão, e tal ênfase fica bem clara quando afirma que a “*validade do raciocínio*” é um “*questão de fato, não de pensar*”¹⁴⁴. Isso é reforçado por um movimento reflexivo que, de maneira oposta às idéias de Martin Heidegger¹⁴⁵ e de Maurice Merleau-Ponty, sem falar nas de Edmund Husserl, desconfia da concepção de qualidade¹⁴⁶, evidenciando o matiz de pragmatismo que lhe é conferido: há certo comportamentalismo ao depositar boa dose de confiança no hábito¹⁴⁷.

Charles Sanders Peirce organiza seu intento metodológico percorrendo sobre a temática

¹⁴² Maurice Merleau-Ponty (2005: 134-5).

¹⁴³ Milton Santos (1996: 180-1).

¹⁴⁴ Charles Sanders Peirce (2008: 39;41).

¹⁴⁵ Os comentários de seu texto (2002) sobre sua busca pela *coisalidade* da coisa, na seção anterior mostra o contraste do escopo de ambos.

¹⁴⁶ “*Podemos ver que uma coisa é azul ou verde, mas a qualidade de ser azul ou a qualidade de ser verde não são coisas que vemos. São produtos de reflexões lógicas*”. Charle Sanders Peirce (2008: 41-2).

¹⁴⁷ Charles Sanders Peirce (2008: 40, 45).

da crença, especialmente no que diz respeito ao seu papel na investigação científica. Para tanto desenvolve a argumentação calcada na relação entre *duvidar* e *acreditar*. Duvidar, representado pela pergunta, geraria o movimento e a descoberta, todavia acompanharia desequilíbrio, desorganização, enfim, como ele próprio acrescenta: “desconforto, insatisfação”; ao passo que haveria outro momento, o da fixação das crenças, do ajuizamento, ligado à acomodação quase que natural dos seres, em algum momento de suas buscas. Aliás, Peirce flerta, de modo arejado, sim, com o evolucionismo de sua época, naturalizando um pouco essa questão do método. A troca de lugares entre dúvida e crença como movimento necessário nem de longe lembra a dialética e mais parece um organicismo.

A crença para ele assume um papel importante em seus postulados, tornado-a mesmo questão de método. É assim que apresenta quatro métodos de fixação de crenças¹⁴⁸: método da tenacidade (individualista ou da “teimosia”); da autoridade (das imposições coletivas, religiosas ou políticas); *a priori* (metafísico, de crenças duvidosas, não fundadas em fatos,); científico (aquele que acredita superior, por ser o do método científico). Vejo aí os estados de A. Comte: faz a defesa de verdadeiro inventário de associações causais, que tem, é claro, seu gênio, entretanto, tal positivismo se mostra extremadamente crédulo na razão, de modo um tanto linear.

Trata-se, agora, de mostrar a “naturalidade até” da procura por fios nos quais se segurar! Fios que devem ser apreciados como estabelecimento de fidelidade ou confiança nas relações que redundam em existência.

Teimosia, ceticismo ao duvidar da segurança dada pelo concreto? Vejo os pactos como “pontes estendidas para o mundo” e cuja extremidade menos incerta e insegura é aquela apoiada nas coisas e seu lugar. Admirável o vigor do pensamento de Edmund Husserl, o conhecimento por evidência é por ele posto como problema¹⁴⁹. Estudar suas idéias não é tarefa para o tempo rápido.

Não apenas no âmbito filosófico estabelecemos verdadeiras relações de fé. Ao discorrer

¹⁴⁸ De acordo com a operação da razão e do modo como as premissas são colocadas no raciocínio (*princípios-guias da inferência*). Serão adotados os métodos de fixar crenças. Charle Sanders Peirce (2008: 39-58).

¹⁴⁹ Marilena Chaui (2002: 24).

sobre a importância histórica e psíquica das crenças na vida humana, Julian Marías¹⁵⁰, distingue-as das idéias e mostra como se relacionam na prática social, mostrando seu papel fundamental na orientação e solução de conflitos, aludindo a uma espécie de compensação de uma pela outra. Mostra, também, as distorções na relação entre ambas.

As circunstancias de Jose Ortega y Gasset¹⁵¹ parecem requerer que se estabeleçam os tais “pactos ou regras de confiança” nas bases da experiência e da percepção, assim como critérios consistentes de avaliação das investigações, mais completos que a lógica analítica. Se bem que, para Edmund Husserl, não pode haver dúvidas dessas evidências de que as coisas existem, prescindindo das tais garantias¹⁵².

Tudo leva a crer que: carrego uma idéia, uma imagem que, sendo apenas minha, também não é estranha aos outros, e é ela que se “antepõe” ao pensamento em qualquer aproximação, seja como atitude natural, seja como análise da realidade (tentativa de esgotar os ângulos do objeto), referindo-se aos acontecimentos de um lugar em uma temporalidade exaustiva, sem a consideração de que ao falar dele, escrever sobre a tal localidade, fazemo-lo com auxílio do artifício da retenção (memória, lembranças) das vezes em que estivemos em contato com os objetos estudados, raramente por nós vivenciado cotidianamente...

Ajuda-nos a introduzir a problemática das crenças em filosofia e ciência, Julián Marías; em conferência, traz à tona a vida humana como contingência, pois “*el hombre necesita certidumbres; evidentemente, el hombre necesita saber, el hombre necesita entender, necesita alcanzar certidumbre respecto de algunas cosas*”¹⁵³.

Também em conferência¹⁵⁴, afirma que

“La diferencia intelectual y vital entre ideas y creencias es muy grande y esto es engañoso porque precisamente la formulación de las creencias las convierte en ideas, las asimila a las ideas. Ahora bien, son mucho más importantes las creencias. La vida humana descansa sobre un suelo de creencias, en las cuales nos apoyamos. Sobre la mayor parte de las cosas estamos en ciertas creencias – de diferente orden, algunas son enormemente básicas, otras son más circunscritas a aspectos particulares de la vida –

¹⁵⁰ Julian Marías (1999).

¹⁵¹ Reiterando que tais circunstâncias me dão o sentido de mundo e que não são estranhas às noções de “mundo da vida”, de Edmund Husserl e de *dasein*, de M. Heidegger.

¹⁵² A. Dartigues (1992:85).

¹⁵³ Julian Marías “Inseguridad y certidumbre” (1999a)

¹⁵⁴ Julian Marías “La Filosofía y el Restablecimiento de las Creencias” (1999b),

pero, en todo caso, son mucho más sólidas, mucho más fuertes, vivimos mucho más de ellas. La función de las ideas es una función supletoria: cuando yo no estoy en ninguna creencia espiritual – o porque es una situación nueva, algo nuevo que surge –, tengo que buscar una orientación, una forma de iluminación o de certidumbre sobre esto. Entonces tengo que pensar y buscar ideas que suplan precisamente la ausencia de creencias. O bien una creencia está en crisis, una creencia se ha limitado, ya no tiene vigencia, no es suficiente, deja de funcionar en su papel propio de creencia sustentadora de la vida. Entonces tengo que ejecutar una operación casi que lógica: apoyar, defender, completar esa creencia vacilante o insuficiente con ideas”.

Foram chamados *pactos de confiança* o estabelecimento de relações afiançadas pelas vivências de tudo que tomamos por evidente. Relações que, em sua espacialidade, põem-se como meio que precisaremos como lugar com diversas dimensões e situações da vida (meio que tende ao filosófico, reflexivo; lugar que aponta para o cartografável, operante).

São pactos renovados a cada instante, principalmente com o advento do novo, tanto no senso comum, quanto na ciência e na filosofia. Se no senso comum tenho de confiar em minha cognição, experiência, intuição, em ciência é em meus (considerando-me como sujeito) métodos em que deposito “minha fé”, e assim por diante. Dinâmicas distintas, desde a solicitação de respostas ao tempo de realização das ações.

Os pactos de confiança – sejam as crenças, a fé de Julian Marías; ou as pontes entre mim e as coisas – permitem uma certa consistência dos lugares, e a vivência do mundo, compartilhando-o. Conforme as citações de Julian Marías, Marilena Chaui ao analisar Maurice Merleau-Ponty, nos aproxima dos pactos ao falar de uma “continuidade apaziguadora”, com superação pela filosofia, Marilena Chaui¹⁵⁵.

Discutir os problemas de apreensão da realidade é uma tarefa imensa e infundável, mas a colocação das dificuldades já é boa reflexão; é o que faz Maurice Merleau-Ponty ao chamar de “*estado de não-filosofia*”¹⁵⁶ tem alguma semelhança com a referência que Milton Santos faz à uma “*história do hoje*” e “*aceleração histórica*” (1996: 10-11).

Maurice Merleau-Ponty fala em dois casos de relacionamento Ser-Nada: 1) de um intelectualismo antropocêntrico, idealista e logicista; 2) e de outro, um materialismo que

¹⁵⁵ Marilena Chaui (2002:11).

¹⁵⁶ Marilena Chaui, (2002: 10-1); (Merleau-Ponty, 1989: 133),

não chega ao concreto¹⁵⁷. Critica o encaminhamento finalístico da dialética¹⁵⁸; expõe sua concepção de boa dialética, que chama “dialéticas subordinadas”¹⁵⁹. E daí, critica também a fórmula totalizante de Sartre¹⁶⁰.

Consciência: sustentada, subentendida pela unidade pré-reflexiva, pré-objetiva do corpo. Único corpo, único mundo: o mundo privado de cada um é envolvido pelo mundo de todos os outros, dele colhido, constituindo, todos juntos, um sentiente em geral, diante de um Sensível em geral.

Para Henri Léfèbvre¹⁶¹, considerando toda a turbulência factual e cognitiva (...) dos primeiros anos século XX, e a despeito de todas as mudanças da modernidade, haveria continuidades e o cotidiano é tido por ele como lugar das permanências que, é claro, ajudam e atrapalham a apreensão do real: “...*Le quotidien se consolide comme lieu du maintien de l'ancienne réalité et des anciennes représentations, privées de repères mais se perpétuant dans la pratique. 'On' continue à vivre dans l'espace euclidien et newtonien, alors que la connaissance se meut dans l'espace de la relativité. (...)*”.

É justamente esse “caráter viscoso”, ligado à quantidade de emoções, sentimentos, vivências ligadas às coisas como territorialidade, um tanto atávico, caudaloso – como o *fluxo heraclítico*, de Edmund Husserl –, essa relação com a temporalidade que confere ao cotidiano e ao mundo da vida suas balizas, suas certezas mínimas para a locomoção diária, não obstante as devidas correções, comumente necessárias, nos “erros” pertinentes a esse nível. Para Henri Léfèbvre, por exemplo, o cotidiano está mais ligado a considerações sociológicas sem a riqueza que terá na última fase do pensamento de Edmund Husserl e de Maurice Merleau-Ponty, como manancial de significados e referências; podendo ser complementares, como sugere o próprio Henri Léfèbvre (1986: 212-3), pois reputa como profunda a análise empreendida por Maurice Merleau-Ponty da relação entre o visível e o invisível, embora o acuse de não relacioná-la a “prática espacial”.

É preciso, apoiados em Maurice Merleau-Ponty, Marilena Chaui, Jose Ortega y Gasset e Julian Marías, deixar bem claro que a vida estabelece na existência o meio geográfico,

¹⁵⁷ Maurice Merleau-Ponty (2005: 71-3).

¹⁵⁸ Maurice Merleau-Ponty (2005: 88).

¹⁵⁹ Maurice Merleau-Ponty (2005: 91).

¹⁶⁰ Maurice Merleau-Ponty (2005: 90).

¹⁶¹ Henri Léfèbvre (1981:48-9).

portanto junto com aquilo tudo que, pela atitude natural, achamos que está fora da gente, os objetos ou o mundo de fora, como conjunto de crenças e idéias que devem ser superadas.

Dessa fé perceptiva que me deixa numa circularidade fechada, é preciso acreditar na razão e dialeticamente superar o aparente, numa substituição sucessiva das percepções e ilusões. Aí, sim, é possível começar a discutir os modos como aparecem o tempo e o espaço, como relação (meio geográfico) de que participa o sujeito *sui generis* que é o corpo inteiro.

A questão é saber, então, em outro nível: qual é o Centro que tenho, aquele que vejo? Ainda neste momento, as respostas vêm da vivência (experiência e normas), não ainda como ciência.

3. O lugar tem sentido no mundo fechado?

“Até ontem, os objetos nos podiam falar diretamente; hoje, nós os miramos e eles nada nos dizem, se não houver a possibilidade de uma tradução”. Milton Santos (1996: 180).

“Se pude compreender como nasce em mim esta vaga (de uma relação do visível consigo mesmo que me atravessa e me transforma em vidente...), como o visível que está acolá é simultaneamente minha paisagem, com mais razão posso compreender que alhures ele também se fecha sobre si mesmo, e que haja outras paisagens além da minha”. Maurice Merleau-Ponty (2005:137).

A abertura já discutida requer seu outro lado, o “*fechamento*”, ocorrendo tanto no corpo-sujeito percipiente, sentiente¹⁶², quanto nas coisas visadas que, juntos, perfazem o visível e o invisível¹⁶³. O *fechamento*, mote deste capítulo, é sempre relativo, e a reflexão segue as idéias de Milton Santos e de Maurice Merleau-Ponty, em epígrafe. *Fechamento*, que pode dar-se tanto pela falta de conhecimento e até de sentido, quanto pelas relações entre corpos e distâncias, e acuidade sensiente dos sujeitos.

No primeiro caso, para Milton Santos, o requerimento da tradução referida para o desempenho das mais simples atividades cotidianas produz segregação socioespacial com base na seletividade da informação e é por ela agravada, lembrando-nos das afirmações de H. M. Enzensberger, sobre “O elogio ao analfabetismo”¹⁶⁴. No segundo caso, para Maurice Merleau-Ponty, são as paisagens que do mesmo modo que se abriram, fecharam-se para os sentidos, “*o visível que está acolá é simultaneamente minha paisagem, com mais razão posso compreender que alhures ele também se fecha sobre si mesmo, e que haja outras paisagens além da minha*”. De qualquer maneira, o que está fechado, o foi política e cognitivamente, mas sempre no espaço e geograficamente. As duas vias nos interessam, posto que trazem as os processos instituintes e constituintes.

¹⁶² “*A sensação é intencional porque encontro no sensível a proposição de um certo ritmo de existência – abdução ou adução – e porque, dando seqüência a essa proposição, introduzindo-me na forma de existência que assim me é sugerida, reporto-me a um ser exterior, seja para abrir-me seja para fechar-me a ele*”. Maurice Merleau-Ponty, (1999:288).

¹⁶³ Além do exemplo merleau-pontyano, citado por Luis Damon S. Moutinho, do inconsciente como invisível dos objetos de análise que dele emergiriam – os visíveis (2004b: 17). Marilena Chaui diz que visível e invisível “*são os dois lados do Ser, direito e avesso irreduzíveis porque [citando Maurice Merleau-Ponty] ‘no mundo vertical todo ser tem essa estrutura’*”. (2002:118).

¹⁶⁴ Quando critica as bases ideológicas da educação iluminista, com sua instrumentalidade industrialista, pois analfabeto era aquele incapaz de operar as máquinas do “progresso” que requeriam leitura e a impunham como condição. H. M. Enzensberger (1995).

A configuração desse movimento perceptivo, existencial¹⁶⁵, de abrir e fechar de sujeito e coisas, reciprocamente, supõe o *invisível* do *visível*, seu *avesso*. Marilena Chaui nos dá pistas sobre esse invisível de Merleau Merleau-Ponty, como “*o que nos faz ver mais longe do que vemos*”, dando os exemplos do odor e o paladar (como invisíveis) de um visível, que o ressaltariam; assim como o “*‘ponto-cego’ da consciência*”; o invisível no visível, nele presente; como sentido na ligação entre as coisas (a clareira das árvores); sinestesia, “*diferença dos mundos com relação ao mundo visual*”, oferecendo a visibilidade em geral, por contraste. São noções do núcleo de sua ontologia, fundamentais ao entendimento da “*carne do mundo*” (*leib*) que nos ajudará a desembaraçar alguns dos problemas aqui suscitados e, não estão, de longe, no campo das metáforas, pois sustentam a “*reflexão operante*” do filósofo.

Logo no primeiro capítulo o mundo veio como integridade, tocado pela ontologia indireta¹⁶⁶, e formado por natureza, humano, pensamento. Volta o mundo, o mesmo, porém em dois aspectos comunicantes: *um*, o mundo que se punha para os antigos, como se põe a nós, suscitando, assim, seu entendimento com um corpo compreensivo que se chamou geografia, tanto em sua vertente mais pragmática quanto naquelas cosmológicas; *outro*, trazido em consonância com aquela busca ontológica, porém, considerado num nível intermediário entre o pensamento puro da filosofia e aquele das formas espaciais dos *quinto e sexto capítulos*, sobre a ciência geográfica.

O primeiro aspecto, um mundo próximo daquele que despertou a geografia como saber, no começo de nossa história de ocidentais, quando para os gregos em um mundo por séculos plano¹⁶⁷, muito antes de despontar a superfície de um corpo celeste esférico¹⁶⁸, de

¹⁶⁵ Portanto, genuinamente espacial, territorial, diria, por enquanto, posto que a percepção também me dê dominância sobre extensões.

¹⁶⁶ Evoca-se a inseparabilidade da natureza e do humano, tanto no *Dasein* de M. Heidegger quanto na “*estrutura encarnada*” (*quarto capítulo*) de Maurice Merleau-Ponty, abordagem para nós a mais abrangente e adequada ao geográfico / espacial do mundo.

¹⁶⁷ Arredores conhecidos, com limites rígidos... Plano da visão, baliza do cognitivo...

¹⁶⁸ Com Tales de Mileto, Anaximandro, Parmênides e Platão (século VI a.C.), confirmada só no século IV a.C.. Depois daqueles que se preocuparam com a esfericidade da Terra nessa geografia matemática, vieram aqueles que estabeleceram as medidas em mapas, como Dicearco (século IV a.C), aperfeiçoados por Eratóstones, com a introdução de planos e paralelos neste mapa, no século III-II a.C.. Mais tarde, Ptolomeu (século II d.C.), firmou-se como grande influência dos séculos vindouros. C. R. Figueira (1977) e C. C. Ferreira e C.C. Simões (1986).

linhas e medidas, ocupam-se das “marcas” de si¹⁶⁹ e de outros povos¹⁷⁰. No medievo europeu¹⁷¹ a imagem da Terra, do universo, é aquela que convêm à teogonia católica.

Na fundação da geografia moderna, de Humboldt e Ritter a La Blache e Sorre, o que há de real e de imaginário no mundo desse modo entendido e, assim, criado, é questão importante, a qual a fenomenologia pode contribuir decisivamente, calcando-se naquilo que de fato importa, o sentido.

Além do quê o problema se complica muito com o mundo imposto pela propagação de idéias globalistas, com suas imagens¹⁷², totalizantes, do âmbito da política. Nossa pesquisa não é de geografia política, embora seja mais um indicativo para a ação de transformar lugares, e também para a compreensão destes.

Como dissemos, nesse mundo determinado pelos modelos científicos estamos na transição¹⁷³, na forma que permitirá falar das formas pela geografia. Transição, pois, ajudada pelo modo como Maurice Merleau-Ponty concebe o mundo em sua obra:

*“Con la aparición de **Phénoménologie de la perception**, Merleau-Ponty reformula su noción de mundo, aunque manteniendo ciertos lineamientos. Permanecen, por ejemplo, los vínculos de la noción de mundo con el concepto de estructura, la corporalidad, la perspectiva, la intersubjetividad, el lenguaje, y –sobre todo– la conciencia perceptiva y el carácter virtual de la percepción del mundo (que no se da plenamente a una percepción actual sino en el horizonte de las cosas, más allá de lo dado).*

*Finalmente, en los últimos trabajos con que se cierra el período fenomenológico de la obra de Merleau-Ponty, se reafirman algunas tesis sostenidas con anterioridad, particularmente en **Phénoménologie de la perception**. (...). Sin embargo, junto a estas continuidades, encontramos también una reflexión que se asienta en lo ya establecido, llevando más allá algunas cuestiones introducidas con anterioridad.* Carlos Belvedere (2002: 35-6).

E C. Belvedere continua discorrendo sobre o “*desarrollo de la noción de mundo centrada en la subjetividad a otra más firmemente asentada en la intersubjetividad*”; esta

¹⁶⁹ R. Figueira (1977) e C. C. Ferreira e C.C. Simões (1986).

¹⁷⁰ Inventário dos outros povos: Heródoto, Estrabão. R. Figueira (1977) e C. C. Ferreira e C.C. Simões (1986).

¹⁷¹ Da Terra no centro do universo, aí colocada pelo geocentrismo.

¹⁷² Milton Santos (1996, 2000).

¹⁷³ Do ponto de vista do cientista, que perscruta o mundo das idéias – aqui, tomadas por operantes, conforme Maurice Merleau-Ponty – como instrumentos para interferir na realidade. É um nível que precede à ação efetiva, no entanto, crucial a esta.

intimamente ligada à comunicação, que é *“perceptiva y sobre ella se asienta el edificio de la cultura; el mundo cultural se arraiga en el mundo de la percepción”*. O argumento de Merleau-Ponty, segundo Belvedere é o da coexistência, que permite que a coisa percibida exija *“una comunicación intersubjetiva pues ella tiene la capacidad de imponerse como real a todo sujeto que comparta mi situación”*.

Partindo do movimento desse pensamento o mundo que ora enfocamos, também em sua integridade, vem, porém, como realidade falseada, velada, modelada para esconder enquanto superexpõe; daí o recurso ao território ou espaço geográfico, instância de manifestação da realidade¹⁷⁴. Mundo da informação veloz, da movimentação de pessoas e objetos pelas modernas redes de comunicação e transporte (questão técnica, de engenharia e de semiologia...); porém, muito importante: isso tudo muito concentrado espacialmente, visível e invisível, acessível virtualmente a todos por meio da percepção, abertura e fechamento. E mais importante, o invisível¹⁷⁵ como negação que garante presença¹⁷⁶ atado às coisas do “mundo natural” manifesto, “complemento”¹⁷⁷ ao estatuto ontológico da abertura do capítulo anterior, como fechamento¹⁷⁸ perceptivo da experiência das coisas. Aqui se coloca grave problema técnico na construção de nossa ponte: clarificar as noções abertura-fechamento, visível-invisível, dentre muitas outras¹⁷⁹, cuja complexidade aumenta ao se lhas aplicar ao mundo da vida, das coisas concretas, posto que no plano de sua elaboração seja da ordem dos existenciais. Logo, torna-se necessário clarificar os termos de sua ontologia e estabelecer um plano de aplicação, inserção no pensamento científico, geográfico especificamente.

O filósofo reconhece a potencia da situação, cabendo-nos a tarefa de lê-la mais aprofundadamente, como meio, lugar, território e paisagem. Território cuja aparência amalgamada ninguém melhor do que o geógrafo para decifrar, é agora exposto nessa

¹⁷⁴ C. Raffestin afirma que o território tem a propriedade de evidenciar as relações, mesmo aquelas que se quer esconder (1993). Não por acaso a visibilidade como dimensão ontológica merleau-pontyana nos permite associação epistemológica com a ciência geográfica que, segundo Maurice Merleau-Ponty como ciência também constitui sua própria busca ontológica. Maurice Merleau-Ponty (2005).

¹⁷⁵ Relação visível-Invisível. Merleau-Ponty (2005:).

¹⁷⁶ Merleau-Ponty (2005:). Luis Damon S. Moutinho (2004b).

¹⁷⁷ Marilena Chaui (2002).

¹⁷⁸ Merleau-Ponty (2005); O. Fontes Filho (2006: 2-3, 9, 17).

¹⁷⁹ Merleau-Ponty propõe a substituição as noções de conceito, idéia, espírito e representação, noção lógica de sujeito, pelas noções de articulação, nível, charneiras, pivôs, configuração. Merleau-Ponty (2005:206).

forma, como aglomerado de coisas indivisas e objetos indistintos ao senso comum, à parcialidade da abordagem científica, quer em sua vertente positivista de tomada de objetos reais, quer a maneira de posição da realidade como atividade, golpe de consciência; ambas em ilusão de simetria. A ponte é revestida por novas visões da ciência geográfica¹⁸⁰, que tomam para si o objetivo de superar a fragmentação produzida pelo próprio pensamento e fazer científicos.

Os pactos na base da descoberta e da abertura das coisas em meio à fé perceptiva permitem-nos vislumbrar “*Ora, uma vez enleados neste estranho domínio (de uma idealidade não estranha à carne, que lhe dá seus eixos, profundidade e dimensões), não vemos como seria possível sairmos dele*”. O raciocínio de Merleau-Ponty segue demonstrando as relações entre as estruturas homólogas do corpo e do visível, deste e das coisas, concluindo que *a distinção imediata e dualista entre o visível e o invisível, a extensão e o pensamento, sendo rejeitadas, não porque a extensão seja pensamento e o pensamento extensão mas porque uma está para o outro como o avesso está para o direito, e para sempre colocada uma atrás do outro*”¹⁸¹. Continua o parágrafo evocando o milagre das passagens da carne às idéias, destas novamente à carne, fiel às suas propostas.

As dificuldades referidas são enfrentadas pela noção de carne do mundo, membrura do real, dada pelo quiasma¹⁸², com a qual Maurice Merleau-Ponty pretende dar conta da totalidade, implicada por sujeitos corporais e coisas, cujos vínculos o filósofo “esclarece”. Dificuldades, em verdade, no coração do próprio mundo da vida, de sua dinâmica como senso comum relacionado com as diversas dimensões do conhecimento – da reflexão operante merleau-pontyana.

Nessa ontologia indireta¹⁸³ a percepção daquilo que se mostra, sendo assim percebido, é sempre parcial, e numa “operação assimétrica”¹⁸⁴, faz aparecer um objeto preservando as coisas em sua totalidade a um só tempo visível e invisível; este, responsável pela

¹⁸⁰ Milton Santos fala da produção de redes de circulação de pessoas, objetos, informações de todo tipo, seletivas e perversas...

¹⁸¹ Merleau-Ponty (2005:147).

¹⁸² Abordadas, as “dificuldades” e a noção de “carne” proposta como *correção filosófica* em nosso trabalho, no próximo capítulo.

¹⁸³ Ontologia indireta, dirigida a um ser opaco, rejeitando a transparência realista do objeto e o domínio das coisas pelo idealismo.

¹⁸⁴ Assimetria se a referencia for a geometria clássica, muito restritiva do olhar.

objetividade sempre relativa à situação que significa perspectiva. Esse raciocínio¹⁸⁵ remete, em nossa pesquisa, à superação, ao ultrapassamento do lugar como mundo e deste pelo enraizamento e sentidos representados pelo lugar.

Lugar *e* mundo, cuja versão “oficial-mercadológica” é o local-global, proposição contemporânea de “unidade falsa”¹⁸⁶, expressa precisamente pela partícula aditiva, além de representar mais um dos disfarces do dualismo *fazer-pensar* promovido pelos agentes do mercado, Estado inclusive, como grande gestor moderno das transações econômicas. Contudo, são faces da mesma realidade, por isso devem ser cotejadas e, finalmente, fundidas no pensamento que se realiza.

O mundo, assim abordado, é mais concreto e mais abstrato¹⁸⁷ que o do primeiro capítulo. Envolve a um só tempo **mais observações**, ocorrendo a incomensurável teia de experiências do senso comum que tomam o mundo como dado pelo “excesso de confiança” (mais concreto, porém de maior confusão) e **mais inferências**, que tomam o conceito como verdadeiro por si (mais espessas camadas de significados implicados no aumento da redundância, do aprendizado de adestramento; mundo abstrato pelo fechamento), levando-nos ao limite de ambos¹⁸⁸, incorrendo na ultrapassagem, não superação, que Maurice Merleau-Ponty denomina esquecimento da ciência de si mesma, no que se refere aos excessos que configura um reino da *objetividade concreta*¹⁸⁹ pela observação do mundo percebido, em que objetos e práticas cotidianas aparecem-nos como o verdadeiros e acabados por si mesmos; já a extrapolação pela “*reflexão intelectualista*” dá-se pela via do idealismo que vê no conceito a substância do mundo¹⁹⁰, doando-lhe sentido. Não se pode continuar a interpretar e explicar natureza e ser humano

¹⁸⁵ Luis Damon S. Moutinho (2004b).

¹⁸⁶ Em mais rica referência a G. Deleuze, em alusão a *conceitos* (finitos) ligados ao *plano de imanência* (infinito) que lhes dá sentido, ajuda a explicar o período atual, de conceitos disparatados, caóticos, com relação ao *plano de imanência*, porém articulados ideologicamente com o propósito de justificar a ordem global como se fosse de verdade local (2000: 51ss; 59). Aliás, as asserções de Deleuze estão próximas daquelas da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, quando este menciona a passagem promovida pela ciência, do mundo indeterminado ao determinado.

¹⁸⁷ Os eventos fariam parte dessa categoria de coisas que nos levariam, então, a estados de maiores desorganizações pelo que trazem confrontando aquilo que encontram, estruturas diferentes. Milton Santos (1996:122).

¹⁸⁸ Talvez resida aí a razão da atração exercida pelo pensamento husserliano: Maurice Merleau-Ponty afirma que Husserl **reuniu o máximo de subjetividade com o máximo de objetividade**.

¹⁸⁹ Referência a um materialismo tosco.

¹⁹⁰ Maurice Merleau-Ponty (2000).

separadamente, como se ambos depois juntados virasse o mundo do Atlas. Maurice Merleau-Ponty parece apontar algumas soluções para ajustarmos ambos pela origem, o mundo da ontogênese e este dos sentidos e dos instrumentos; porém o presente capítulo é ainda sobre problemas. Mais alguns deles.

Buscamos, então, as barreiras ao entendimento e operação da reflexão no mundo, que persistem, exigindo a continuação do diálogo. Tratamos das coisas que podemos abrir pela presença e com nossas faculdades “naturais”; agora os passos vão na direção daquilo que se fechou; não obstante vivamos em período de superexposição dos objetos por luzes, mensagens em átomos, bits, por todo lado.

A aparência das coisas e nossos usos que lhes modelam sendo por elas afetados, atribuem-se qualidades e sentidos mutuamente. Sejam aqueles da emergência de valores econômicos, morais, estéticos, entre outros, próprios ao *reino do instituído*, levando-nos a terrenos de crescente abstração, sejam os sentidos legítimos, *constituídos*, conferidos pela vivência; de qualquer modo, é a **unidade de ação e conhecimento** defendida por Maurice Merleau-Ponty¹⁹¹ que acaba sendo depauperada em visão dualista e naturalizante das coisas, do mundo.

A instituição da realidade não se refere apenas à análise do aparelho estatal e de sua ideologia, embora tal raciocínio seja conseqüente, e pode ser representada em mapas¹⁹², gráficos, cartas, índices, estatísticas, produzidos ou encomendados pelo poder, cujos limites e delimitações são nítidos, prontos para serem “aprendidos, sem discussão”. Além disso, esse mundo, universo instituído que nos antecede é naturalizado, sempre nos constringendo à manutenção de pactos primários de confiança.

Passamos por essa “natureza” não como parte de nossa existência, mas como aspecto imobilizante, de conteúdo contraditório e tosco (fatalistas e pré-liberais), embora brilhantemente insuflado nos lugares.

E se vamos do lugar ao mundo, acompanhando o movimento da vida social, cuja tônica é quantitativa, devemos fazê-lo com os pés no chão, carregando a formação da qualidade

¹⁹¹ Relação fundada no mundo percebido.

¹⁹² No sexto capítulo a referência cartográfica dos percursos e algumas fotos do trabalho de campo são elencadas para indicar as coisas fechadas, incluindo nossa percepção / representação.

universal da constituição¹⁹³, que se define por ser “ultrapassamento” dos horizontes dados, instituídos, aí sim, encontrando o mundo, *que se abre mesmo com o fechamento perceptivo das coisas*; ambos unidos pela membrura do mundo, nosso tema central do próximo capítulo, que propõe uma correção filosófica. Isso posto, reiteramos que o fechamento das coisas têm ao menos dois significados complementares: *um*, merleau-pontyano, quando vamos às coisas referentes ao aspecto invisível da realidade no qual está entranhado o visível, mutuamente dependentes¹⁹⁴; *outro*, quando somos invadidos (nosso território o é, nossas paisagens o são) por novas formas espaciais de significações externas que promovem o afastamento do lugar, no ápice do paradoxo, bem descrito por Milton Santos.

Continuamos alicerçados em Maurice Merleau-Ponty, que traz a *situação* como condição de conhecimento e expressão acerca do mundo, seu *conteúdo* e *movimento* como *comportamento*¹⁹⁵; e em Milton Santos que aponta a falácia do discurso do mundo globalizado¹⁹⁶, cujas inúmeras pontes (diálogos que manteve com obras e autores) permitiram-nos a construção desta¹⁹⁷. Se em alguns momentos nossa aplicação mostrará perda de alcance relativo ao plano das idéias, noutros acreditamos que ancorados nos próprios preceitos da fenomenologia, poderemos ir mais longe¹⁹⁸, e isso na própria ciência.

Da idéia de invisível vamos para a de fechamento e desta para a de eventos, como (des)organizadores dos meios geográficos. Os eventos nos levariam, então, a uma mais rigorosa abordagem dos processos sociais. Daí, a questão da escala¹⁹⁹ encontra um novo lugar, mas antes Milton Santos se pergunta:

*“Será mesmo adequado distinguir os **eventos** segundo a escala de sua origem e segundo a escala de sua incidência ou eficácia? No primeiro pensamos nos eventos como fluxos. E aqui caberia indagar se existe mesmo*

¹⁹³ A constituição merleau-pontyana não é idealista, refuta o realismo e o intelectualismo, pretendendo superá-los.

¹⁹⁴ Maurice Merleau-Ponty (2002).

¹⁹⁵ No quinto capítulo é um dos conceitos-chave para a consideração da forma, inclusive no trabalho de Milton Santos (1996:63-4); adiantada aqui pontuando seu alcance e potencial profundidade.

¹⁹⁶ “Do mesmo modo que não há um tempo global, único, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas apenas espaços da globalização, espaços globalizados reunidos por redes”. Milton Santos (1996:268).

¹⁹⁷ Referências à Edmund Husserl, à M. Heidegger, a Maurice Merleau-Ponty .

¹⁹⁸ Carlos Belvedere (2002).

¹⁹⁹ Abordada mais diretamente no próximo capítulo.

um fluxo-evento mundial? No segundo caso, ao falarmos de incidência de eventos, a consideração do mundo é também sujeita a caução. Através de seu poder de império, um país pode tomar ou deixar de tomar decisões que alteram o acontecer dentro de suas fronteiras. O mesmo se pode dizer qualquer outra entidade cujo poder se exerça sobre uma totalidade: pessoas, de empresas, de instituições, de relações, de lugares, por exemplo, entidades regionais (como estados federados; regiões autônomas, províncias) ou entidades locais (municípios, comunas, regiões metropolitanas). Mas uma empresa multinacional não tem diretamente poder sobre a totalidade mundial de empresas. E os próprios organismos supranacionais têm influência relativa sobre o mundo tomado como um todo”. (1996: 122).

Procurando o solo comum de nossa existência e interrogações, o meio como circunstância e *lastro* de nossos saberes, encaramos os caminhos que se abrem para o mundo. Então, a abertura, ela própria, é vislumbrada por Maurice Merleau-Ponty como conquista dialética e superação à “dicotomia entre o Ser e o Nada”. Continua numa espécie de correção à reflexão sartriana e, sobre a “*implicação dos homens no mundo e dos homens uns nos outros*”, parece repor como facticidade²⁰⁰ o acesso à realidade, aproximando o próprio Em-si que põe diante do sujeito, como “*nossa implicação no ser*”, e que Sartre colocou no imaginário, e assim se exprime:

“A abertura a um mundo natural e histórico não é uma ilusão e não é um a priori, é nossa implicação no ser. Sartre o exprimia dizendo que o Para Si é necessariamente perseguido por Em-Si-para-si imaginário. Dizemos somente que o Em-Si-para-si é mais do que um imaginário. O imaginário é sem consistência, é inobservável, desaparece quando se passa à visão”. Maurice Merleau-Ponty (2005:87).

Abertos os caminhos para o mundo compartilhado, Milton Santos apresenta uma via bastante rica para acompanharmos o movimento conjunto da realidade por meio dos **eventos**, que são gerados intersubjetivamente (intercorporalmente) no âmbito próximo que chamamos de lugar e se precipitarão em novos lugares, com **formas-conteúdo** transformadas. Temos, aqui, uma questão escalar²⁰¹, abordada por Maurice Merleau-Ponty como “*superação da ontologia do Em-si*”, na verdade, de um em-si inalcançável, tornado integrante de toda atividade humana.

Quando vamos para o mundo, a aventura requer que se vença a cosmológica

²⁰⁰ Com esse propósito Maurice Merleau-Ponty vê no mito, como vivência, uma maneira de tornar o imaginário operante, isso porque se instala no vivido, dando sentido ao projeto, ao plano.

²⁰¹ Maurice Merleau-Ponty (2005:208).

ideológica (no mercado movido por fluxos de investimentos de capitais, turistas, compradores, clientes em geral) que o fantasia de inóspito e de acolhedor, com novas roupagens do ecúmeno e anecúmeno, conforme seja conveniente atrair ou afugentar as massas seguindo estratégias geopolíticas e comerciais. Milton Santos, em várias passagens²⁰² demonstra a gênese e o comportamento dos objetos, e numa delas afirma que “*Toda criação de objetos responde a condições sociais e técnicas presentes num dado momento histórico*”²⁰³, porém apresenta a contemporaneidade como de *estranhamento vivido pelo sujeito* no relacionamento com os objetos, lugares e as próprias ações. Tal estranhamento está associado ao que chama de uma “*metafísica no meio técnico-científico informacional*”. Pois “*As ações são cada vez mais estranhas às pessoas e aos lugares*”²⁰⁴. Fala em “*sociedade dos tradutores*”. E continua a tratar dessa estranheza, afirmando que “*No mundo de hoje, é freqüentemente impossível ao homem comum distinguir claramente as obras da natureza e as obras dos homens e indicar onde termina o puramente técnico e onde começa o puramente social*”²⁰⁵.

Milton Santos apresenta uma concepção bastante dinâmica e complexa do tempo, explicando-o, conforme já foi lembrado, pelas *ações, objetos e localizações*²⁰⁶. Quando se refere à gênese dos eventos, e cotejando suas idéias com as de J. J. Goblots, afirma que: “*As ‘condições’, as ‘circunstâncias’, o meio histórico que é também meio geográfico, devem paralelamente ser considerados, pois ‘não podem ser reduzidos à lógica universal’. No exame do processo que levou à constituição de um evento, é insuficiente considerar, apenas, o universal (...)*”²⁰⁷. A problemática do universal deve primeiramente vencer seu caráter de abstração e parecem estar muito próximas das observações de Maurice Merleau-Ponty sobre necessária rejeição à pretensão de uma “*História Universal inteiramente desdobrada diante do historiador, como sob o olhar de Deus*”. (1989:133).

Desta reflexão sobre as relações entre a idéia de invisibilidade-visibilidade no real, a de abertura-fechamento e desta, vamos para a de meio, um passo na expansão geográfica até o

²⁰² Milton Santos (1996: 65;81;180;261).

²⁰³ Milton Santos (1996:56).

²⁰⁴ Milton Santos (1996: 65).

²⁰⁵ Milton Santos (1996: 65).

²⁰⁶ Milton Santos (1996: 125-6; 114-126).

²⁰⁷ Milton Santos (1996: 101).

lugar, amparada no “ajuste” da carne, que tudo comporta. A tessitura alcançada é cotejada com os elementos fundamentais à nossa reflexão, trazidos por Milton Santos, como a noção de forma-conteúdo e eventos, que incorpora ao pensamento geográfico.

4. Meio constituído, entre lugar e mundo sendo ambos.

“Tomando o trabalho do geo-grafo, como aquele indicado pela composição dos fonemas do próprio vocábulo que o designa, podemos constatar que este trabalho pretende ser uma descrição do mundo, do meio, ou melhor, do lugar-entorno de existências humanas, onde eventualmente o próprio geógrafo existe.

Tradicionalmente este trabalho tem sido voltado para uma arrolamento e descrição de elementos deste meio (casas, vegetação, pessoas, ocupações, montanhas, rios, estradas, etc.), e para um registro de diferentes ocorrências e transações destes elementos em ou entre si mesmos. O grande desafio é: como manter a riqueza da idéia de meio, especialmente em sua articulação com um lugar qualquer por ele abrangido, formando uma totalidade, em um simples exercício geográfico de enumeração e descrição de elementos do meio?” Murilo C. Castro. (2007f).

O grande desafio, então, é o de: ao tratar do meio circundante saber que se está num terreno de abertura, de universalização. Abertura que é própria ao vivido, e tanto um vocábulo quanto outro definem o lugar pela proximidade contingente aos horizontes, um casamento necessário e renovado da consciência com o mundo encarnados²⁰⁸, numa comunidade de sujeitos em atividades; sujeito situado que encampa e usa as coisas, e no território, necessariamente. Eis a urdidura da escala que, advinda da experiência permite constituir a mim continuamente com meu entorno, como meio²⁰⁹ que é relação entre ambos, dando a idéia de lugar, suas grandezas subjetivas e intersubjetivas que nele desembocam.

A escala²¹⁰ é mais um “estágio” em nossa ponte em direção à ciência. É através dela que se podem vislumbrar as variações espaciais das relações que envolvem sujeitos e coisas percebidas, e isso é verdadeiro quer minha entrada para a totalidade seja lógica ou ontológica (representada pela cartografia ou ocupada com a busca pela *ontogênese* espacial do ser); para tanto é exigido aprofundamento e é de novo Maurice Merleau-Ponty que fundamenta o que imaginamos ser uma *correção filosófica*, proposta neste capítulo, apontando a *junção* das noções de *meio* e de *carne do mundo*, assim como *escala* e *horizontes*; a dinâmica destes pares tomada como passo em direção à geografia como

²⁰⁸ Referência à dupla encarnação de Maurice Merleau-Ponty . Luis Damon S. Moutinho (2004: 266; 280, 281Nota; 283; 291).

²⁰⁹ O meio como atributo do ser (ontogênese) e condição (ontogênese) do lugar (encarnado). Atributo ontológico, posto que expresse as propriedades da realidade percebida, forjada pela constituição – coisas, horizontes e sujeitos –, implicando tal relação uma unidade coerente como campo, necessariamente espacial, um jeito, modo do ser.

²¹⁰ Escala, por Maurice Merleau-Ponty . Também em B. Nunes e C. E. Reboratti, entre outros.

ciência: a escala determinando os horizontes²¹¹ e o meio determinando a carne do mundo, membrura do real.

Primeiramente, apresentamos as noções de escala e de meio, tradicionalmente geográficas, passando na seção seguinte a caracterizar aquilo que Maurice Merleau-Ponty denomina carne (o *Leib* husserliano de falamos), membrura do real, quiasma, perfazendo a juntura no percebido. A ponte, assim, não deve admitir fragmentações ou dualidades, senão como momento da realidade captada.

²¹¹ Os horizontes comentados são contribuição husserliana e importante condição da percepção.

4.1. Escala. Movimento no espaço-tempo dos horizontes das coisas

“O percebido é que me defronta; o seu noema descrito acha-se presente, algo que também me confronta apreendido em “carne e osso”. Mas é pouco chamar esse algo de objeto. Seria o perceptível apenas sujeito? Em vez de uma relação dual, não teríamos, no caso, uma relação escalar?”

Não sou apenas sujeito pensante (res cogitans) e o percebido não é apenas objeto. A escala, que une os termos numa totalidade indefinida ou inacabada, é o mundo. Como ser-no-mundo, enquanto Dasein, ser aí, tenho uma visada pré-objetiva do que me cerca, correspondendo isso a um espaço e a um tempo. Mas o ter essa visada comparte com o que sou. Eu a tenho na medida em que existo. E existindo incorporo o que me cerca, dando-lhe sentido, o que significa transcender a situação que ocupo no mundo, situação espacialmente localizada. Mas que espaço é esse senão aquele que meu corpo ocupa? É um espaço convertido àquela medida escalar do mundo, um espaço que eu ocupo”. B. Nunes (2004:273-4).

A noção radical de *escala* sobre a qual a reflexão de Benedito Nunes²¹² inicia a seção, refere-se a um corpo que é também consciência, desse modo ocupando e transformando coisas e lugares ao tomar posse de seu entorno. Ajudando-nos no caminho que estamos percorrendo em busca do espacial originário, constituído pelo e com os seres humanos, a *escala* é trazida por Maurice Merleau-Ponty, explicitamente nesta *nota de trabalho*, longa mas muito rica e pertinente, do filósofo²¹³, comentada em seguida:

“É superação da ontologia do Em-si, - e exprime-a em termos do em si – Escala (graduação): noção projetiva: imagina-se um ser em si descrito num plano em si, onde figura transposto segundo tal proporção que as representações dele em diversas escalas são diferentes ‘quadros visuais’ do mesmo e m si – Dá-se um passo mais suprimindo o Em si modelo: não resta mais do que representações em escalas diferentes. Mas que permanecem na ordem do ‘quadro visual’ ou do em si por inevitável incoerência, isso, enquanto não se tiver acesso à problemática da filosofia. – Trata-se de compreender que as ‘visões’ em escalas diferentes não são projeções sobre corporeidades – anteparos de um Em si inacessível, que elas e sua implicação lateral uma na outra são exatamente a realidade; que a realidade é uma membrura comum, seu núcleo, e não algo por trás delas: atrás delas, só existem outras ‘visões’ concebidas ainda segundo o esquema em-si-projeção. O real existe entre elas, aquém delas. O macrofenômeno e o microfenômeno não são duas projeções + ou – engrandecidas com um real em si atrás deles: os macrofenômenos da evolução não são menos reais, os microfenômenos não mais reais. Não existe hierarquia entre eles.

O conteúdo de minha percepção, microfenômeno, e a visão em grande escala dos fenômenos-envólucros não são duas projeções do Em si: o Ser é a sua membrura comum. Cada campo é uma dimensionalidade e o Ser é a própria

²¹² Partindo das considerações de Maurice Merleau-Ponty, associadas às contribuições de C. E. Reboratti (2001),

²¹³ “Escala – Significação ontológica dessa noção. Endo-ontologia cf. o absoluto fenomenológico de Husserl. 20 de janeiro de 1960. (2005:208).

dimensionalidade. É, portanto, acessível também através de minha percepção. É ela mesma quem me oferece como espetáculo a transferência de transcendência lateral das ‘aparências’ à essência como núcleo de Wesen (verbal) – os conhecimentos em > ou < escala (macrofenômenos-micro-físicos) são determinação em pontilhado (através de instrumento matemático, i.é., inventário das estruturas) dos núcleos de ser cuja atualidade só a percepção me dá e que não podem ser concebidos senão por empréstimos à sua membrura.

É preciso suprimir o pensamento causal que é sempre: visão do mundo exercida de fora, do ponto de vista de Kosmotheoros levando consigo como antítese o movimento de retomada reflexiva antagonista e inseparável – Não é mais necessário que eu me pense no mundo, no sentido da espacialidade ob-jetiva, o que vem a ser repor-me e instalar-me no Ego uninteressiert – o que substitui o pensamento causal, é a idéia da transcendência, isto é, de um mundo visto na inerência a esse mundo, graças a ela, de uma intra-ontologia, de um Ser englobante-englobado, de um Ser vertical, dimensional, dimensionalidade – E o que substitui o movimento antagonista reflexivo e solidário (a imanência dos ‘idealistas’) é dobra ou vazio do Ser possuindo por princípio um exterior, a arquitetônica das configurações.

Não existem mais – consciência - projeções - Em si ou objeto.

Existem campos em interseção, num campo dos campos onde as ‘subjetividades’ são integradas, como Husserl indica em Inédito acerca da teleologia e do absoluto fenomenológico, pois que elas levam na sua infra-estrutura uma leistende subjectivität inteiramente apoiada nelas”.

A própria idéia de sujeito como evocação de dependência leva a pensar na justeza de se estabelecer a realidade a partir da relação entre as coisas e os sujeitos que se colocam diante delas. A escala entra no raciocínio como problema com vistas à sua aplicação ao terreno concreto. Cabem alguns comentários sobre a nota de trabalho de Maurice Merleau-Ponty .

A superação de que fala Maurice Merleau-Ponty dá-se pelo movimento. Diz ele que é uma “*noção projetiva*”, evocando espaço e tempo, que nos leva aos **graus** da diversidade espacial e temporal, bem como ao **movimento** das formas espaciais no tempo.

Evoca alguma liberdade do observador, estudioso ou não, ao sugerir a “*supressão do modelo estabelecido*”, que em nosso caso é o terreno em tamanho real²¹⁴. Está, de fato, advertindo para que ultrapassemos as simples representações ou variações vazias, de imagens sem conteúdo, como operações inconseqüentes. Inconseqüência a ser corrigida pela filosofia, reitera Maurice Merleau-Ponty .

As “*visões diferentes*” não são projeções sobre corporeidades, algo como imagens,

²¹⁴ Sugestão que é o oposto do ideal de perfeição científico comumente estabelecido, exemplificado pela brilhante alusão de J. L. Borges ao princípio científico da perfeição, da ciência apresentando-se como tradução, negando seu caráter de aproximação e representação da realidade. Tanto na geografia quanto no Reino do conto de Borges (1995:119).

aparências, figuras açambarcantes de corpos (aqui, as coisas e os corpos-próprios de Maurice Merleau-Ponty), anteparos de um *Em si inacessível*, que têm mais a ver com aparências, formatos, invólucros, recipientes platônicos para as coisas da terra, pois as visões em escalas diferentes implicam-se e com significados interdependentes são o *Ser* ou realidade estabelecida como membrura comum, carne do mundo, e não apenas algo por trás delas; posto que ainda existem outras visões concebidas segundo o esquema *em-si-projeção*: as tais imagens vazias ou instrumentais... Ideologia, talvez. O real existe entre as “visões” e aquém delas...

Passa a não haver hierarquia ontológica, mas, possivelmente, epistemológica: campos ao modo de dimensionalidades. O *Ser* é a própria dimensionalidade: essência com regiões. Possivelmente, essas implicações laterais das “visões” que são *Ser* entre e aquém delas, umas nas outras sejam uma pista para resolver a questão dos limites, delimitações “concretas”. Visões, no sentido de imagens, de representação, como cartas ou plantas, por exemplo. Cabe um cotejo com a abertura e o fechamento das coisas com esse questionamento da escala, que parece também nascer junto com o lugar, e demais instâncias do espaço.

Portanto, a noção de meio, no sentido aproximado de *Umwelt*, leva-nos mais próximos da solução desse problema, pois o entorno (i)mediato serve de parâmetro, como delimitador e, a um só tempo, demonstra os termos / objetos da realidade instituída e constituída (mutuamente produtoras). Está-se falando, então, que da relação espacial que se estabelece como meio surgem, assim, organicamente, não apenas no sentido biológico, os lugares, com seus territórios e suas paisagens de existência, configurando-se sob uma prática e um pensamento escalar os territórios e paisagens. Esse é um dado constituído, daí, fundamental.

4.2. O lugar é já um meio envolvido pelo tecido do mundo.

“A realidade radical, aquela com que me encontro independentemente de qualquer interpretação ou teoria, é minha vida. E a vida é o que fazemos e o que acontece conosco. Em outras palavras, encontro-me com as coisas, numa circunstância determinada tendo que fazer algo com elas para viver. Encontro-me, pois, na vida que é anterior às coisas e a mim; a vida me é dada, mas não me é dada feita, e sim como afazer. A vida, com efeito, diz Ortega, dá muito que fazer”

“A fórmula mais sintética da filosofia de Ortega é a frase das Meditaciones del Quijote (...): Eu sou eu e minha circunstância. As coisas aparecem interpretadas como circunstância, como o que está ao redor do eu, referidas, portanto a ele. Trata-se, portanto, de um mundo, que não é a soma das coisas, mas o horizonte da totalidade sobre as coisas e distinto delas; as coisas estão - como eu - no mundo; mas, esse mundo é meu mundo, ou seja, minha circunstância”. J. Marias (2004: 508)

Não se trata de solipsismo a referência a J. Ortega Y Gasset, posto que o “mundo do eu” seja apenas possível considerados todos os “eus”. O passo dado por nós encaminha-se para o meio como condição ontológica do *mundo constituído*. Assim, o meio implica movimento e mundo e, ao levar ao lugar, que é esse *mundo constituído* (circunstancialmente, território e paisagem), leva também, complementarmente, ao *mundo instituído*. O sujeito apropria-se seletivamente das coisas erigindo um campo²¹⁵, que na perspectiva política torna-se o território²¹⁶, e na perspectiva estética, paisagem²¹⁷. Ambos,

²¹⁵ Campo de atividades, de locomoção, da mecânica e do material, mas, também, da estesia, da escala e portanto do fronteiroço.

²¹⁶ “...há três tipos distintos de semiose, caracterizados pelos diferentes papéis de transmissor e recipiente no processo semiótico e que, portanto, preenchem diferentes funções. (1) 'Semioses da informação'. Nesses casos o ambiente inanimado desempenha o papel de quase-transmissor. Esse contexto ambiental não está envolvido em nenhuma função semiótica, que é inteiramente preenchida pelo recipiente. O recipiente designa uma significação aos sinais recebidos (portadores sígnicos ou semânticos), como por exemplo aquela de um **território** [grifo nosso], uma via de fuga, um canal ou - no caso do observador humano - de causas mecânicas, que podem ser estimulados mediante manipulações. (2) 'Semioses da sintomatização'. Aqui o transmissor é um ser vivo que transmite sinais por meio de seu comportamento ou sua disposição sem direcioná-los rumo ao recipiente esperado para responder. Refere-se a este tipo de signos como sintomas. Eles dão ao experiente observador indicações do estado ou condição do ser vivo que emite os sinais. Eles são de importância central na ciência médica. Aqui, também, é o recipiente sozinho que preenche a função de interpretação. G.H. Mead batizou os signos desse tipo como 'gestos tolos', e destacou que eles não são capazes de organizar nenhuma atividade grupal, mas tão-somente estágios preliminares delas. (3) 'Semioses de comunicação'. É apenas esse tipo que permite ao transmissor e ao recipiente compartilhar suas funções semióticas, em que ambos são também recipientes de informação sobre o interpretante, que atribui a significação intencionada pelo transmissor aos signos transmitidos. Mead batizou-os de 'gestos inteligentes' e declarou que eles são um pré-requisito para, e a base de, todas as atividades grupais”. T. Von Uexküll (2004).

²¹⁷ Se somos tentados a tratar da paisagem como hipostasia da dinâmica social, é preciso considerar a temporalidade como fundamental à sua compreensão, pois como diz Luis Damon S. Moutinho “o tempo, que é um meio só acessível se nele ocuparmos uma situação e o apreendermos através dos horizontes dessa

território e paisagem, entrelaçam-se historicamente, assim como nos mostra Maurice Merleau-Ponty, afirmando que o tempo depende da situação, de um ponto de vista em sentido estrito; reafirmando ainda mais sua importância para este trabalho.

A. C. Moura também comenta o pensamento merleau-pontyano sobre os fundamentos da história ao afirmar que *“o tempo nos oferece um tipo de ser em que o nada é constitutivo, feito de passagem e de abertura (...) um tipo de unidade aberta, feita da simultaneidade entre o constituinte e o instituinte: um ímpeto ou uma deiscência única que só se realiza saindo de si, transcendendo-se”*. (2006: 8).

O meio geográfico faz-se lugar (ou lugares) ao envolver as coisas abarcadas pela ação humana, social, sendo também natureza ou *physis*. Envolvimento que, não apenas se dá pelos usos e atividades, mas também pela linguagem, pela comunicação. Apresenta-se o lugar envolvido pelo tecido do mundo.

Tratando-se de uma relação, chegar ao lugar pelo meio, é relacionar-se com ele e daí nele. Aí, estamos no âmbito do espaço geográfico. Maurice Merleau-Ponty vem na esteira do mestre Edmund Husserl, com a noção fundamental de *carne do mundo* ou quiasma para uma discussão sobre a noção de “forma integradora”, estruturadora de todas as dimensões da realidade. Tal noção baseada na de quiasma evoca aquilo que há de elementar no mundo – a forma dos lugares compartilhados por todos, uma totalidade.

Umas breves colocações sobre o meio pareceram necessárias ao raciocínio.

Ao referir-se à metafísica tradicional procurando pelo “meio”, Murilo Cardoso de Castro (2007a), afirma que *“a natureza individual de todo ser, sua individualidade em um determinado estado de manifestação, procede da relação de dois elementos de ordem diferente: o ser em si mesmo, lado interior e ativo, e o conjunto das influências do meio no qual o ser se manifesta, lado exterior e passivo”*. Reside nesta passagem a oportunidade de enfocar o parâmetro de Maurice Merleau-Ponty para estabelecer a junção na forma (corpo-sujeito) da atividade e da passividade²¹⁸, pois se raciocínio encampa o tempo na construção da realidade pela ação sobre o mundo que a antecede, transformando-a, portanto superando as dicotomias aristotélicas da lógica formal²¹⁹. Além disso, Murilo

situação”.(2004:291-2).

²¹⁸ Luis Damon S. Moutinho (1998:28; 66-7).

²¹⁹ A presença da lógica formal na tradição geográfica é tratada por Élvio Rodrigues Martins (1996).

Cardoso de Castro fala que um *“pensamento identitário tenta reduzir a diferenciação a uma alternativa entre a confusão e a separação de duas determinações que partilham o campo do dado. De maneira geral, o espaço separando as duas determinações de referência se encontra totalmente vazio”*²²⁰. Esse “vazio” é que traz algo de “assustador” presente em todo pensamento único com presunção de solução acima e abaixo de qualquer debate ou discussão e cujas *“aporias deste pensar identitário vêm justamente desta ignorância do meio entre determinações extremas”*²²¹. Um meio que, embora ignorado, acaba por separar *“apesar das forças de unificação”* e, religar, apesar dos processos de separação e de exclusão, vistos de modo maniqueísta, extremistas. E o autor se pergunta *“Como tornar possível uma inteligibilidade deste meio, através do qual transitam o Mesmo e o Outro? Como definir o estatuto deste 'entre lugares' (mi-lieux), para ele não ser agregado de novo às determinações extremas”*²²²?

A argumentação de Murilo Cardoso de Castro, no texto citado, dá-se com base no reconhecimento da *“cristalização de uma zona mediana”*, da *“emergência de um intermediário em qualquer díade, enfim, de um 'meio' (...) que pode oferecer-se ao tratamento conceitual e simbólico, visando reduzir o poder da chamada razão identitária, de origem aristotélica”*. De novo, a pujança do aristotelismo cujo formalismo torna-se obstáculo ao pensamento de superação, dialético em sua essência. Para ele *“o 'meio' pode, de fato, ser um auxiliar a mais na problematização da oposição e relação de determinações extremas, desde que sua noção implique e manifeste o reconhecimento de uma certa comunidade de essência, entre dois termos irreduzíveis entre si”*²²³. Tal irreduzibilidade remete ao próprio fundo não relacional de Maurice Merleau-Ponty (âmbito da realidade ao qual a ciência não alcançaria com seus modelos e instrumental convencional calcado de equivalências, medidas e instituições).

Ainda Murilo C. de Castro (2007b), traz considerações disciplinares que mostram migração da noção de meio da física para a biologia, além de outras considerações sobre sua presença na história em formas menos comentadas, como as relações mútuas entre alma e mundo no renascimento e o meio na filosofia da natureza do romantismo alemão,

²²⁰ Murilo Cardoso de Castro (2007a).

²²¹ Murilo Cardoso de Castro (2007a).

²²² Murilo Cardoso de Castro (2007a).

²²³ Murilo Cardoso de Castro (2007a).

em oposição ao mecanicismo cartesiano e newtoniano. Mesmo apontando as limitações Georges Canguilhem ao não considerar descobertas científicas que julga fundamentais à noção de meio, a exemplo do magnetismo, da eletricidade, apóia boa parte de sua exposição neste, citando-o.

“Canguilhem afirma que a partir de Galileu e Descartes, se teve que escolher entre pelo menos duas teorias de meio: uma teoria baseada em um espaço centrado, qualificado, onde meio (mi-lieu) é um centro; e outra, baseada em um espaço descentrado, homogêneo, onde meio é um campo intermediário. Pascal afirmava, dentro de uma concepção orgânica do mundo: o homem não está no meio, ele é o meio. Desta maneira, identifica-se desde a emergência da ciência moderna três sentidos para meio: situação mediana, fluido de sustentação, ambiente vital”. (2007b).

Do modo como pensamos, não deve haver escolha entre as teorias, mas complementaridade, pois além dos tais centramento e descentramento serem caros ao pensamento merleau-pontyano de que nos servimos, os “*três sentidos*” referidos permitem-nos uma série de considerações sobre as possibilidades do conceito. E segue comentando a preciosa contribuição de Humboldt e Ritter ao pensamento geográfico, e para este “*a história humana seria ininteligível sem a ligação do homem ao solo*”, à Terra como o suporte da vida social. “*O espaço terrestre e sua configuração são, por conseguinte, objeto de conhecimento não só geométrico, não só geológico, mas sociológico e biológico*”²²⁴.

Afirma Murilo Cardoso de Castro que “*Canguilhem, concluindo sua trajetória histórica sobre a noção de meio, constata ainda que ela caminha, desta maneira, para se tornar um instrumento conceitual universal, com o poder de dissolução das sínteses orgânicas individualizadas*”²²⁵. E em nossas afirmações sobre o organismo²²⁶ encontramos com aquelas do autor (2007c) e, ao comenta alguns aspectos da relação de Humboldt com Goethe, destaca a empreitada do primeiro no sentido de “*preservar ao mesmo tempo a unidade e a multiplicidade*” e de sua contribuição “*ainda dentro da perspectiva organicista da noção de meio, duas abordagens que tem se mantido ativas ainda hoje, mesmo que sob novas roupagens: a visão morfológica e a visão sistêmica*”. Daí, como que a justificar o título do capítulo segue a citação:

²²⁴ Murilo C. de Castro (2007b).

²²⁵ Murilo C. de Castro (2007b).

²²⁶ Aspectos de interesse do termo organismo além dos vários trechos do artigo de Murilo C. de Castro (2007c), cujo título já remete à analogia de forma constituinte.

“A maneira como uma forma real é composta, sua ordem interna, sua estrutura, são tão importantes quanto os elementos dos quais ela é formada, e isto é válido para todos os níveis de complexidade, nos quais as unidades mais elementares vem se ordenar em seus conjuntos de nível mais elevado na hierarquia de graus de composição.

Dizer que estas diferentes formas de realidade existem segundo modalidades que lhes são próprias, quer dizer ao mesmo tempo e sobretudo, que elas coexistem em um mesmo mundo. O que não implica, de maneira alguma, que este mundo deva ser pensado como um sistema de todos os sistemas. Ou seja, o meio ou a ordem local de cada forma de realidade deve ser pensada sobre este fundo de coexistência das formas, não sendo este fundo, por sua vez, simplesmente redutível ao ajuntamento das partes de um sistema englobante, único e universal”.

Para exemplificar, no mesmo texto recorre a uma abordagem etológica de Jean-Marc Drouin, em que este diz que “... o meio do cachorro é um; o meio da pulga é outro, e, em grande parte, é o próprio cachorro”. Ao que acrescenta, muito próximo de T. Von Uexküll, que “a existência de um sistema, em um meio dado, deve considerar sua inscrição em um contínuo, sobre o horizonte de coexistências diversas com outros sistemas, ao mesmo tempo que reconhece sua organização em articulação com seu meio imediato...”, meio imediato do qual retira seu sustento, prolongando-se no tempo e no espaço, mantendo “modalidades de interação e trocas específicas, maneiras de durar e de se especializar”. Murilo C. de Castro (2007c).

Dadas as acepções básicas da palavra meio, “centro, entorno e intermediação”, afirma Murilo C. Castro que o termo é “um forte candidato à categoria de conceito transversal (trânsito entre disciplinas)” e “apenas tomando estas acepções básicas, poderíamos afirmar, sem qualquer ironia, que estamos lidando com um termo que se refere a tudo e todas as coisas”. Esclarece que “conceitos transversais, como aqueles indicados pelo termo meio, se fixam em um momento dado, em uma disciplina, como neste caso, na biologia e na geografia, por exemplo”²²⁷.

A discussão sobre a noção de meio trazida de modo breve, permite-nos tomar meio como uma espécie de grandeza geográfica dessa “massa interiormente trabalhada”, carne, “meio formador do objeto e do sujeito”²²⁸ é um lugar estabelecido pela experiência e pela

²²⁷ Murilo Cardoso de Castro (2007d).

²²⁸ Maurice Merleau-Ponty reitera: “É preciso pensar a carne, não a partir de substâncias, corpo, espírito, pois seria então a união dos contraditórios, mas, dizíamos, como elemento (no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo), emblema concreto de ser geral”. (2005: 136;

percepção; é relação. O lugar do mundo dito objetivo em nossa reflexão procede da dimensão analítica e processual do percurso, naquela relação enraizada: o mundo pelas práticas. Falar em relação é, além de reafirmar o meio como campo, imprecisar a localização por coordenadas, porém estabelecendo a localização²²⁹ qualitativa; pois como relação estabelecida estende-se pelas coisas abertas, pela intersubjetividade.

Ficamos a perguntar **onde**²³⁰ coisas, objetos e sujeitos estão; mas não podemos nos esquecer de perguntar **onde** o mundo está; aí reside nosso interesse, pois o meio é esse caminho pelo qual avistamos o ser e o estar.

Ao desdobrarmo-nos espacialmente, do meio surge uma construção, o lugar: no entre mim e as coisas encontramos um **meio** que é **vivido**, cotidiano, lugar do sensível, formas e experiência, aqui, do e para o geógrafo. A **dialética** que leva a **vida** ao lugar e ao mundo; e volta; movimento de retorno, sempre à vida.

Há sempre um mundo no qual desembocam todas as vivências, lugar das experiências e idéias compartilhadas que a ele levam (o mundo). Esta é uma Idéia recorrente.

Entre o eu e tudo aquilo que povoa concretamente o espaço do mundo (total, aquele compartilhado), tem-se, aqui, uma idéia riquíssima, a de meio ou relação como objeto de investigação. Qual é a **espacialidade** de que se trata agora, nessa abertura? Tida como *categoria de captura* do meio permite devolver, reelaborar essa apropriação com uma com novo e maior alcance, isto é, como intervenção na ordem física, aí instaurando o conteúdo simbólico da relação, o meio geográfico, enquanto este também a realiza. Relação que pressupõe os sentidos dos objetos tomados pelos sujeitos integrados na noção de natureza experimentada como *Umwelt*, referida por Maurice Merleau-Ponty²³¹, sempre acompanhada da recusa à exterioridade da visada, da abordagem. A articulação *Umwelt* (meio) e *Welt* (mundo) definiriam a dimensão simbólica da realidade humana, posto que o mundo é cada um dos meios, paisagens que abrimos e constituímos.

O que nos dá o caráter tangível do lugar (abertura das coisas) juntamente à escala, é a experiência e seu estabelecimento como meio que me conduz ao mundo, e este, assim,

143).

²²⁹ Localização é um feixe de forças se exercendo em um lugar. Milton Santos (1985).

²³⁰ Maurice Merleau-Ponty (2005: 136).

²³¹ Maurice Merleau-Ponty (2000).

como conversibilidade. O abstrato está mais para os lugares, de imposta temporalização de processos globalizantes²³², que quebraram tal continuidade, impondo símbolos exteriores à existência (local) dos povos. Populações inteiras construíam cada qual sua cosmologia e, portanto, seus mundos com todo o sentido de que precisavam; forma operante, para Maurice Merleau-Ponty .

Lugares vão perdendo história, i.é., densidade da vivência com sentido, que Milton Santos chama horizontalidade, embora ganhe densidade informacional externamente atribuída. É o lugar cuja historicidade passa a depender do que lhe é externo, com os acontecimentos que para ele convergem, exigindo ritmos e velocidades que mais aceleradas e com sentidos “fechados”, posto de chegam como os objetos descritos por Milton Santos, inseridos pelas verticalidades... Parecem os círculos concêntricos, de Maurice Merleau-Ponty . (p.135).

Para Armando Corrêa da Silva uma “*ideologia do cotidiano*” forma-se “*na vivência do espaço e do tempo que é, antes de tudo, o “ver”. Mas, trata-se de um ver com os olhos da teoria, vale dizer, a visão é interior, porque já carregada de significados. A objetificação dos significados transforma o ver interior no olhar que seleciona, classifica, identifica, etc*”. (2000:18).

Talvez se possam equiparar, em certo sentido, as noções de horizontalidades à abertura das coisas e de verticalidades ao seu fechamento como abstração, associando Milton Santos e Maurice Merleau-Ponty , além da sugestão da matriz de eventos, pela professora M. A. de Souza. E aqui, possivelmente em virtude da multiplicidade de referências, esforçamo-nos para que o texto, mais do que o permitido a uma tese de doutorado, não resvale para o terreno ensaio.

Mais uma via de entrada para o espacial, localizado e generalizado, é pensar os eventos, como sugere Milton Santos, que implica indagar sobre suas determinações e condições de ocorrência nos lugares, de geração interna e externa a ele. A singularidade dos lugares – relativa, pois ao se cruzarem os mundos vão se “ajustando” – depende de quanto as pessoas individual e coletivamente mantenham sua “dinâmica própria” em meio às mudanças. Algo como as observações de H. Léfèbvre, aqui registradas, sobre a distância entre percepção e ciência. A crítica à vida cotidiana nos termos de atavismos e viscosidade, confundidos

²³² Milton Santos (1994:31-2).

pelas modernizações, é um de seus pontos forte.

Vamos considerar o Centro da cidade de São Paulo, com seus lugares: Praça da República, Parque do Anhangabaú, Parque Dom Pedro II, Praça das Bandeiras, Praça Princesa Isabel, Largo do Arouche, etc. É o lugar dos percursos trazidos à luz no *sexto capítulo* e que me vem chamando mais à atenção na cidade toda. Suas transformações, algumas aparentes, outras documentadas como processos e resultados, explicam e são explicados pelos projetos de sociedade, de cidade, distintos, as mais das vezes conflitantes.

Apenas numa alusão ao lugar citado, tem a seu favor, para mim, que desde o século XVI vem sendo alvo direto e indireto de projetos, os mais ambíguos. Falando do Parque Dom Pedro II, a ambigüidade advinda de sua própria condição ligada à ocupação do sítio para a construção da cidade: combinação de sentidos sempre cambiantes, *limite geográfico*, barreira (obstáculo), demarcação e fronteira. Um portal de boas novas (entrada de mercadorias, mensagens e delegações coloniais e imperiais, vindas do Rio de Janeiro e de Santos), além de más notícias. O melhor e o pior! Várzea de rio, lugar da insalubridade e de “esconderijo dos bandidos”, como proclamado pelas crônicas policiais. Nunca aludindo aos “nacionais” ou trabalhadores locais como brasileiros, como diz C. J. F. dos SANTOS (2003).

O *mundo da vida*, nos termos de Edmund Husserl, constitui-se no referencial básico à cognição da ordem do mundo, além dos parâmetros mínimos para aceitação das conclusões dos cientistas. Para o sujeito que reconhece tais referenciais, o mundo afigura-se como sentido, indo além das simples coisas, pois, entrecruzam-se, os sujeitos e as coisas, como uma espécie de carne que recobre de mundo interno e externo os lugares de sua existência (corpo senciente e sensível), permitindo tanto sua re-elaboração na subjetividade, como âmbito da **espacialidade** e da **temporalidade**, quanto interferir nas primevas inferências ou suspeitas quanto ao espaço geográfico e ao “tempo real”. O raciocínio vai ao encontro daquilo que ensina J. Ortega y Gasset sobre as circunstâncias, como meio da vida e o mundo, já citado.

A questão mais importante do ponto de vista operacional, é: qual é possibilidade real de uma *avaliação geográfica dos lugares*? A determinação de um ou mais *critérios de coerência* em termos “**estruturais**”, com base na *forma* de Maurice Merleau-Ponty, com sua “**temporalidade periodizada**”, com base em Milton Santos. Quer-se ainda tornar este

lugar, como todas as áreas desse centro, parte integrada, articulada, da cidade, para além da funcionalidade viária de *relais* de transporte. Para a avaliação geográfica dos lugares são propostas três ordens da realidade, dimensões estruturais definidoras dos lugares, para poder prospectar; isso, com a enorme dificuldade de ainda pensar nas dimensões humana e física integradas de uma cidade gigante, íntegra em suas partes, como a realidade. Esse é o exercício com pretensões a um esboço de prognóstico, no plano das práticas espaciais e correspondentes intervenções técnicas, configurando a tese de doutoramento.

4.3. A carne do meio, armadura e chão do lugar.

“A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo ‘elemento’, no sentido em que era empregado para falar da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de sentido encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, a carne é um ‘elemento’ do Ser.

Não fato ou soma de fatos e, no entanto, aderência ao lugar e ao agora. Ainda mais: inauguração do onde e do quando, possibilidade e exigência do fato, numa palavra, facticidade, o que faz com que o fato seja fato. E também simultaneamente, o que faz com que tenham sentido, que os fatos parcelados se disponham em torno de ‘alguma coisa’”. Maurice Merleau-Ponty (2005:136).

Nada mais geográfico do que essa procura de um ponto de partida ao tomar a “carne” *“no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia, espécie de sentido encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua”*. Emerge daí a própria estrutura que deixa de ser abstração por estar num nível situada; situação ou sentido espacial genético que permite carregar diversidade para a estrutura encarnada da realidade histórica, ou seja, o espaço terrestre ou geográfico, com a *exigência da facticidade*. Sobre as noções de horizontes, carne do mundo, zonas opacas e claras do ser, Maurice Merleau-Ponty diz o seguinte:

“Minha carne e a do mundo comportam, portanto, zonas claras, focos de luzes em torno dos quais giram suas zonas opacas; a visibilidade primeira, a dos quais e das coisas não subsiste sem uma visibilidade segunda, a das linhas de força e das dimensões, a carne maciça sem uma carne sutil, o corpo momentâneo sem um corpo glorioso. Quando Husserl falou do horizonte das coisas – de seu horizonte exterior, aquele que todos conhecem e de seu ‘horizonte interior’, esta treva plena de visibilidade cuja superfície é apenas o seu limite – é preciso tomar a palavra rigorosamente; ... constitui um novo tipo de ser, um ser de porosidade, de pregnância ou de generalidade, e aquele, diante do qual o horizonte se abre, aí é preso e englobado. Seu corpo e suas distâncias participam da mesma corporeidade ou visibilidade em geral que reina entre eles e ele, e mesmo além do horizonte, aquém de sua pele, até o fundo do ser”. Maurice Merleau-Ponty (2005: 143-4).

A “carne”²³³ ... não é união ou composição de duas substâncias, mas pensável de per si, se há uma relação do visível consigo mesmo que me atravessa e me transforma em vidente, este círculo que não faço mas que me faz, este enrolamento do visível no visível pode atravessar e animar tanto os outros como o meu”. A noção aparece como a base do

²³³ Maurice Merleau-Ponty (2005:136-7). E também “A Carne é pacto de nosso corpo com o mundo e pacto entre as coisas, entre as palavras e as idéias, ‘textura que regressa a si e convém a si mesma’”. Marilena Chaui, (2002:111).

grande salto é o que me leva, como vidente, ao visível – por meio de “*minhas paisagens*” entrecruzadas pelas outras – percebido como ordens física, vital e social. Porém, pela “novidade”, as noções de carne, de forma, serão ainda aprofundadas na continuidade da pesquisa. As notas referem-se à comunhão ontológica que a carne manifesta e sustenta.

“O visível está além e aquém do homem, ao mesmo tempo em que se efetua no e através do homem. A natureza, carne e matéria trabalhada ou internamente diferenciada pelo quiasma, é o outro lado do homem, o entrelaço homem-animal. O Logos não se manifesta pelo e para o homem, mas se fala nele ao ser falado por ele. Encruzilhada no devir do sentido, o homem não é consciência soberana nem efeito na superfície do ser, não é liberdade desencarnada nem figuração singular do absoluto, é experiência corporal que se sublima em experiência espiritual. O Visível, a Natureza e o Logos são matrizes simbólicas irredutíveis à positividade das coisas e das idéias. São mistério. E freqüentemente, se transformam em fetiches”.
(Marilena Chaui, 2002: 55-6).

A autora evoca a “razão alargada” pela ambigüidade intencional que “*não se manifesta pelo e para o homem, mas se fala nele ao ser falado por ele. Encruzilhada no devir do sentido, o homem não é consciência soberana nem efeito na superfície do ser, não é liberdade desencarnada nem figuração singular do absoluto*”, além da tomada do ser humano como “*experiência corporal que se sublima em experiência espiritual*”. As mesmas considerações críticas sobre uma dialética finalística vão aqui como recusa do sujeito de posição e do “*ser como ser posto*”; o que confere ainda mais sentido à noção de carne ou *quiasma*. Marilena Chaui, (2002:56-7).

“é produzida por duas recusas que percorrem Le visible e l’invisible [o livro póstumo de Maurice Merleau-Ponty]: a do sujeito como atitude ou posição e, conseqüentemente, a do ser como ser-posto. Não havendo tese inicial, não há ponto de partida nem poderá haver ponto de chegada, pois não há síntese final. O mundo não é, como queria Leibniz, produto de um cálculo dos possíveis que passam ao real por uma posição infinita, mas criação real de seus possíveis próprios. Também não é unidade dos objetos postos pela unidade sintética da consciência transcendental, mas transcendência ou totalidade de horizonte sem síntese.

Enfim, essa ruptura confere sentido à noção de carne, que não é substância nem espírito, mas interioridade sensível e elemento, quase como a physis pré-socrática. Não é projeção humana resvalando para uma antropologia filosófica, mas ‘protótipo de uma maneira geral de ser’. O quiasma, entrelaço ou entrecruzamento reversível do mundo, da animalidade e do homem, anula a idéia de principium ou de principia”. (Marilena Chaui, 2002: 57ss).

Há um encaixamento (não como continente e conteúdo), “*mas como participação, de parentesco, de ‘recíproca inserção e de entrelaçamento um no outro’*. A descrição da

experiência do entrelaçamento é feita por meio de ‘dois turbilhões’, ‘dois círculos concêntricos’ que, quando interrogados, são percebidos como levemente descentrados (...)” Marilena Chaui, (2002:105).

O pensamento sobre a carne envolve o tatear do olhar, não somente das coisas, mas dos outros, que as veste (as coisas) de carne, impedindo-nos de vê-las nuas... Além disso, o visível do mundo não é película ou envoltório do ser, “*mas aquilo que está entre os quales, tecido conjuntivo dos horizontes exteriores e interiores*”.

A visibilidade resulta do avesso e o direito de meu corpo e do mundo, intercalados. Corpo e mundo como modelos referentes recíprocos

A carne também aparece como “tecido” que recobre, prende e envolve os corpos, as coisas como mesmo elemento percebido como visível e invisível; tecido envolvente como pressuposto do mundo para além de mim.

Associada a esta idéia de fracasso vem a do visível que se abre e fecha (com a distância, por exemplo), tornando-se paisagem para os outros. Em minha paisagem, agora, instaura-se o outro; mundos que se abrem uns para os outros... Marilena Chaui, (2002:137).

A carne leva cada um de nós a pensar o lugar, não como concreção primeira, e sim como resultado de “minha” experiência das coisas, que “me” levam a experienciar os lugares de minhas relações, inclusive como concreto, determinado.

A carne do mundo justifica a abordagem estrutural e significa um interrogatório, um caminho que avança da “atitude natural” em direção a novos pactos; levando-me do engano dos limites aparentes do vivido aos sucessivos pactos, refeitos em várias dimensões. Maurice Merleau-Ponty , (2005:48-9); Marilena Chaui, (2002:111).

Não se pode esquecer que já Husserl tornara abordagem estrutural possível “quando, em 1912, falara na simultaneidade do real – Natureza, animais, espíritos”. Marilena Chaui, (2002:7).80; 87.

Edmund Husserl considera não a consciência, mas a experiência para confirmar suas declarações. “*O que Husserl pretendia, portanto, era que o pensamento fosse capaz de compreender a junção simultânea da natureza, do corpo e do espírito, já que somos essa junção*”. (Marilena Chaui, 2002: 87ss; 96-7). “*Husserl, conclui Merleau-Ponty, despertou um mundo selvagem e um espírito selvagem, nos quais as coisas não estão em perspectiva*

como no espaço euclidiano, mas estão de pé, insistentes e arranhando o olhar, reivindicando uma presença absoluta que só terão juntamente com as outras, em configuração”. (...). Mundo no qual o sentido não é concessão do espírito à Natureza, mas está em toda parte e em toda parte pedindo para ser criado”. (Marilena Chaui, 2002: 88).

Edmund Husserl é um grande manancial de idéias para MP, e para tantos outros. E dele ressalta o “termo *Leib* como simultaneidade da natureza, do corpo e do espírito enquanto intersubjetividade transcendental, termo que se tornará o núcleo radiante da ontologia merleau-pontyana – a *Carne*”. Marilena Chaui, (2002:79). Para ambos as noções de *entre-dois* (a transcendência e a imanência), de cruzamento, são importantíssimas. É o que parece deve ser discutido pela geografia.

A consideração de uma **geografia inspirada** nos caminhos propostos por Maurice Merleau-Ponty, uma elaboração de cunho espacial desenvolvida a partir do vivido em sua variedade, permite uma abordagem do território com uma concepção própria de tempo. O que parece trazer a historicidade para os objetos e sua organização, aquilo que é e o que não é aparente como territorialidade, é a integração pelas ações, em geral, pelo trabalho em particular, das dimensões física, vital e simbólica, esta, que subsume os espaços vivido, percebido e concebido, de H. Léfèbvre.

Maurice Merleau-Ponty vê uma “racionalidade alargada”, o que é confirmado por Marilena Chaui, (2002:14), embora JBM, considerando parte pequena da obra, identifique hesitação; “racionalidade alargada” para compreender aquilo que precede e excede à razão, “universalidade oblíqua” e “vertical”, com “tensão entre inerência e transcendência”. A chave da interpretação está na coexistência que fundamenta “nosso mundo” Marilena Chaui, (2002:7).

A questão, agora é: Como o Centro de São Paulo faz parte de mim e eu dele, por tê-lo vivido, experimentado pelos sentidos, sobre ele pensado? De que modo a carne veste as coisas a partir da espacialidade, como paisagens urbanas? Como se põe na realidade, prática?

Continuemos, adentrando nos domínios da geografia instituída, do espacial instituído se se preferir, nosso outro lado do mesmo caminho.

5. Do mundo ao lugar: uma nova abertura ao vivido, agora científica.

“A ‘**ciência**’ é uma percepção que esquece suas origens e se crê acabada”’. Maurice Merleau-Ponty (1999: 89).

“Todo o universo da ciência é construído sobre o **mundo vivido**...”. Luis Damon S. Moutinho (1998:22).

“... a *gestalt* comportamental, entendida como fonte de estruturação, permitia dessubstancializar o em-si (*partes extrapartes*) tanto quanto o para-si (*partes intrapartes*) porque recusava a individualização de ‘partes’ elementares positivas, autônomas e separáveis e trazia uma totalidade feita de diferenças e de relações internas, qualitativamente diversificada segundo o comportamento fosse físico, vital ou humano. Três aspectos simultâneos marcavam a inovação introduzida pela *forma*: princípio unificante, diferenciante e articulador da unidade e da diferença”. Marilena Chaui (2002: 64-5).

“Toda pesquisa ‘mista’, que queira dar conta, ao mesmo tempo, ‘das idéias e dos fatos’, é vista como um ‘procedimento bastardo – nem ciência nem filosofia’”. (Luis Damon S. Moutinho, 1998:18).

Tradicionalmente, a volta ao lugar é mítica, arquetípica, envolvendo ao menos uma abordagem do engrandecimento do viajante, na viagem, e aquela que é o próprio ciclo dialético do pensamento, no caso de Maurice Merleau-Ponty pensamento encarnado. Este pensamento nos leva diretamente ao ser do percurso, existência nos caminhos de ida e volta; recorrência ascendente, que junta tanto experiência e pensamento²³⁴ quanto passado e futuro, linearidade e circularidade no espaço geográfico. Um percurso é geografia viva, movimento, cheia de história²³⁵. Procuramos, dessa maneira, uma *correção científica*, delineada pela filosófica²³⁶, antecedente. Dois movimentos, geografias que se enroscam. O analítico, da razão geográfica reflexiva, e o dialético existencial, vivido e situacional da razão geográfica “operante”²³⁷. Juntamente a um **ciclo da experiência**, teríamos um **ciclo analítico**.

Estamos falando da instituição e da constituição da realidade, agora pensada em sua espacialidade e como espaço vivencial; isso num esboço que segue:

²³⁴ Marilena Chaui (2002).

²³⁵ É preciso observar as especificidades da história para a geografia, conforme. Milton Santos e A.C. Silva.

²³⁶ François Dosse fala da autonomia progressiva das ciências humanas na década dos 60. (2007:73-6).

²³⁷ Referência à *reflexão operante* de Maurice Merleau-Ponty.

- **Ciclo da experiência** 1. Mundo instituído, aquilo que me precede, cujo “conhecimento” beira ao realismo, neste horizonte que o tornaria possível; 2. Mundo constituído pelo fluxo das vivências, o vivido como anterioridade do vivo a ser pensado; 3. Carne do mundo que implica coerência na coexistência.
- **Ciclo analítico:** 1. Estrutura de Maurice Merleau-Ponty que leva do pensado ao vivido, como fluxo de vivências; 2. Mundo constituído agora pensado; 3. Mundo instituído, vivenciado como objetividade.

Então, o retorno leva ao lugar, tão caro à geografia, **determinado**, reduzido, se compararmos ao lugar da ontogênese do mundo²³⁸, no início do texto; grandioso, se reconhecermos a volta traz consigo aquele lugar de indeterminação e esse de nossas reflexões e operações. Vivências refletidas, verdadeiro significado de vivido²³⁹, depuradas, sim, mas não apagadas, como adverte Maurice Merleau-Ponty, referindo-se inúmeras vezes ao risco husserliano²⁴⁰.

Maurice Merleau-Ponty fala da relação entre percepção e ciência²⁴¹, especificamente, da incorporação daquela nesta; além de suas observações sobre a determinação²⁴². Aponta as *demarchés* do mundo **indeterminado** ao **determinado** dessa “*suposição que ciência e filosofia fazem daquilo que deveriam explicar*”, “*sem perguntar pela origem da idéia de mundo..., sem mergulhar na história da constituição dessas determinações, passando-a em silêncio*”²⁴³. Daí, Maurice Merleau-Ponty acusa o principal “*erro da análise reflexiva*”: o da “*teleologia*”, de ser o prejuízo maior, e que leva a ‘*nos esconder o núcleo vital da consciência perceptiva*’, é justamente o fato de ela ‘*buscar as condições de possibilidade do ser absolutamente determinado*’, passando em silêncio ‘*o momento decisivo da percepção*’, que é o ‘*surgimento de um mundo verdadeiro e exato*’”²⁴⁴. “Assim”, Luis Damon S. Moutinho acrescenta, “*o recuo ao fenômeno não nos deve levar a concluir que a*

²³⁸ Mais precisamente, do espacial do mundo, aí **indeterminado**.

²³⁹ J. M. Salanskis (2006:19-31).

²⁴⁰ Maurice Merleau-Ponty e MC.

²⁴¹ Também em Luis Damon S. Moutinho (1998:70-1).

²⁴² Luis Damon S. Moutinho (2004:278-9).

²⁴³ Luis Damon S. Moutinho (1998:79-80).

²⁴⁴ Luis Damon S. Moutinho (1998:81).

percepção se mova em um ambiente de indeterminação absoluta, que o mundo vivido seja sem qualquer relação com o mundo exato da verdade”. E volta àquela que é questão recorrente no trabalho de Maurice Merleau-Ponty, mostrando que de fato “*o recuo ao pré-objetivo deve justamente mostrar a gênese do mundo objetivo, ou, mais precisamente, mostrar ‘a passagem do indeterminado ao determinado’, a passagem efetiva e não meras condições de possibilidade do determinado*”. Daí, Maurice Merleau-Ponty acusa o “*erro da análise reflexiva*” e é Moutinho que comenta a relação entre a percepção e o que chama de “*prejuízo do mundo*”, pois

“O prejuízo do mundo determinado não vem portanto da ciência, ao contrário, ele se assenta na própria percepção, é a percepção que me leva à ‘obsessão pelo ser’, fazendo-me esquecer o perspectivismo de minha experiência efetiva – pois é a própria percepção que se orienta para um em si como para seu fim, é ela que se dá como percepção de um ser, e não por outra razão o objetivismo não acreditou necessário fazer uma genealogia do ser. De modo que desvelar os fenômenos é ir ‘contra o movimento natural do conhecimento, que atravessa cegamente as operações perceptivas para ir diretamente ao seu resultado teleológico’, é inverter esta inversão natural inscrita na própria percepção. Daí porque é fácil ao senso comum dizer o que ele percebe: uma mesa, uma folha de papel, um livro etc. Mas, desde que se recua aos fenômenos, desde que se recua do objeto percebido à percepção efetiva, nada é mais difícil do que saber ao certo o que nós vemos”. Luis Damon S. Moutinho (1998:81-2).

Voltar ao lugar, assumindo as perdas com o esquecimento referido, numa ontologia que, segundo Maurice Merleau-Ponty, expurga o mistério, pondo pela explicação e seus instrumentos o ser transparente; voltar, no circuito da intersubjetividade e nesse terreno da geografia ciência, proporciona outra gênese, a do *mundo instituído* e suas imbricações²⁴⁵ a um só tempo concreto e ideal de objetos, de coisas perdidas com as delimitações, escalas fixas, horizontes esboroados. Estamos à procura de objetos geográficos, formas sempre espaciais²⁴⁶. Esse lugar é disciplinado, pleno de normas, como veremos logo²⁴⁷.

Ao regressar a esse lugar, na próxima seção, percebemo-lo agora como forma cujas dimensões integram a unidade do mundo percebido. Tal estrutura nos será preciosa e bastante abrangente, mantendo-se crítica e abarcando o espectro da ocupação geográfica, as disciplinas físicas e as humanas, com pouca ou nenhuma conexão em qualquer nível.

²⁴⁵ Milton Santos (1996).

²⁴⁶ Milton Santos (1996).

²⁴⁷ É o meio técnico-científico-informacional. Milton Santos (1996).

Aqui, isso é tomado como um problema.

Essa é uma nova abertura ao vivido, agora científica, voltando-se para a **estrutura**²⁴⁸ dos lugares (coisas e pessoas), a dimensão física, a da vida e a da simbolização.

Maurice Merleau-Ponty critica o que chama de “*ontologia científicista*”²⁴⁹, que para ele encerraria a “*totalidade do real*” em uma “*rede de relações*”, tendo sido assim o existente dominado. Ao que Maurice Merleau-Ponty, a partir de sua análise da percepção enraizada na realidade objetiva, opunha a procura do “fundo não relacional que escapa à ciência”²⁵⁰, lamentando o rompimento do acordo entre esta e a metafísica, pelo que chama “pequeno racionalismo”²⁵¹, associado à referida ontologia. Seus maiores esforços vão em direção à superação das posições objetivistas e idealistas.

Nossa relação com as coisas é produto de “*experiência sinestésica*”, de mutualidade, pois se tenho para mim seu sentido como sua alma nelas encarnadas, organizadas, e “*embora a coisa, ao termo da exploração sensorial, esteja carregada de predicados antropológicos, (...) ela nos ignora, ela está enraizada ‘em um fundo de natureza inumana’, ela é natural*”²⁵². É quando surge o problema, nas palavras de Luis Damon S. Moutinho, do “*em-si-para-nós*”: “*como compreender ao mesmo tempo em que a coisa seja o correlativo de meu corpo cognoscente e que ela o negue?*”²⁵³. É como entramos nas ordens da estrutura agora apresentada.

²⁴⁸ Estrutura como a vimos definindo, principalmente na nota 84 (p. 33).

²⁴⁹ Luis Damon S. Moutinho (1998:11). A reflexão de Maurice Merleau-Ponty sobre a relação entre ciência e ontologia é extremamente profícua, original, todavia, segue dialogando em profundidade, as idéias de Edmund Husserl. Luis Damon S. Moutinho (1998:19ss).

²⁵⁰ Maurice Merleau-Ponty tem seu ponto de partida no *irrefletido*. Luis Damon S. Moutinho (1998:7-8; 2004:280).

²⁵¹ Luis Damon S. Moutinho (1998:13).

²⁵² “*Dizer que a coisa é correlato de meu corpo, dizer que eu percebo com o corpo significa dizer que eu não constituo a coisa, que eu não ponho ‘ativamente...’*”. Luis Damon S. Moutinho (2004:288).

²⁵³ Reiterado por Maurice Merleau-Ponty (1999:428-433); Luis Damon S. Moutinho (2004:287-8).

5.1. No vivido, a geografia encontra o humano.

“Ciertamente no era la primera vez (década de los setenta) que la Geografía era calificada de Humanista, recordemos algunos trabajos de Sauer em los años veinte, pero ahora se pretende algo más, bien sea, construir una alternativa a la dominante Geografía de corte neopositivista, bien sea consolidar una nueva actitud a la hora de enfrentarse con su objeto de estudio”. Aurora Garcia Ballesteros (1992: 9).

Novas ondas, a culturalista e a humanista, chegam à geografia no século XX, perfazendo as bases de um movimento importante que se põe em diálogo com a filosofia, a arte, a história, entre outros ramos do fazer humano, articulando os sentidos das expressões e visões humanas, seja pela percepção espacial desses elementos lidos como paisagem ou como lugar, respectivamente nas denominadas geografia cultural e geografia humanística. A geografia cultural é mais afeita às abordagens espaciais com ênfase na paisagem, foi fundamental no processo de construção do conhecimento geográfico, trazendo inovações nesse campo e tendo C. Sauer²⁵⁴ como marco do movimento, conforme atesta o trecho a seguir:

“É impossível falar na Geografia Cultural sem citar Carl Sauer ou a 'Escola de Berkeley'. A Geografia Cultural surgiu no início do século, na Alemanha: era a 'Kulturlandschaft'. Na Geografia Cultural alemã as paisagens eram um conhecimento específico que servia para diferenciá-la das outras ciências. Esta geografia considerava a paisagem como uma unidade espacial definida em termos formais, funcionais e genéticos.

A primeira obra teórica importante de Sauer foi The Morphology of Landscape, publicada em 1925. Neste trabalho, Sauer revitaliza a Corologia como área de estudo importante da ciência geográfica. Foram os enunciados contidos neste artigo que fundamentaram a Geografia Cultural norte-americana, entre eles: a valorização da relação do homem com a paisagem (ambiente), que por ele é formatada e transformada em habitat; a análise desta relação sempre feita a partir da comparação com outras paisagens, formatadas de forma orgânica gerando uma visão integral da paisagem que individualiza a geografia enquanto disciplina”. Werther Holzer (2004).

²⁵⁴ “Sob a orientação do geólogo Rollin Salisbury, Sauer se especializou na geografia física. Entretanto, suas pesquisas de campo sobre as formas geomorfológicas do vale do Alto Rio Illinois e da região das montanhas de Ozark em Missouri (projeto de doutorado) também incluíram a história do povoamento em cada região. Ao mesmo tempo, Sauer leu muitas obras de geógrafos alemães e franceses – algo que os seus mentores e colegas de estudo em Chicago não cogitavam. Essas leituras o apresentaram ao conceito de paisagem cultural dos autores alemães e à abordagem histórico-regional da escola francesa de Vidal de la Blache. Essas influências “franco-germânicas” não eram apenas perspectivas que Sauer ia incorporar e preservar ao longo da sua carreira. Elas também lhe serviram como referências para a sua base teórico-metodológica que posteriormente seria concebida como história cultural baseada no meio ambiente – uma abordagem que mostra muitos paralelos e afinidades com diversas correntes da história ambiental contemporânea”. K. Mathewson e J. Seemann (2008). Também: R. L. Corrêa e Z. Rosendahl (2000).

Aurora Garcia Ballesteros²⁵⁵, em seu texto sobre a geografia humanística, sublinha a importância da fenomenologia (por ela colocada como método), além do enfoque privilegiado do mundo vivido, advertindo que o humanismo em pauta é uma atitude, enquanto a experiência é social.

Intercalando as referências propriamente geográficas, umas palavras sobre o humanismo. Este, apesar de sua aparência inofensiva, foi posto sob suspeição em algumas análises políticas, como naquela realizada por Merleau-Ponty²⁵⁶ em seu livro “Humanismo e Terror” (1947) e no “As aventuras da Dialética” (1955), em que crítica a ortodoxia marxista e marca suas divergências políticas com J. P. Sartre. Nestes escritos, tece considerações sobre as interpretações mecanicistas do marxismo que afetam a compreensão da dialética, dos movimentos revolucionários e da História. Merleau-Ponty viveu intensamente a sua época e, mesmo tendo participado do movimento da Resistência Francesa e do Partido Comunista, irá se despedir de certa concepção dialética que se cristalizou ao perseguir uma síntese totalizadora, recusando a dimensão da historicidade, da concretude, do cotidiano e até mesmo do sonho como perspectivas de horizontes para a filosofia, para a política e para a própria existência²⁵⁷.

Anne Buttimer, expoente da geografia humanística²⁵⁸, trata das influências recebidas de Max Sorre²⁵⁹, além de reiterar o pioneirismo da chamada geografia cultural, de Carl O. Sauer. Para esta autora a escola deflagrada pelo trabalho de ambos prefigura as mudanças na geografia abstracionista, no caminho de sua superação.

Conhecida pelo que trouxe de novo no emprego de instrumental das artes, antropologia, psicologia, o confronto da geografia humanística com o positivismo rendeu-lhe inimigos em campos opostos, tanto no lado dos combatidos como dos “revolucionários”, na vaga da geografia crítica, principalmente marxista.

²⁵⁵ Aurora Garcia Ballesteros (1992:11).

²⁵⁶ “Merleau-Ponty colocou o problema do 'humanismo socialista' com muita clareza, rejeitando a alternativa entre 'humanismo' e 'terror'. Para este filósofo sutil, não há alternativa entre violência e não-violência, mas apenas entre dois modos de violência: a violência capitalista e a violência socialista. (...). Tal como Jean-Paul Sartre, Merleau-Ponty considera que o marxismo, mesmo na impossibilidade de ser realizado, devido à integração social e cultural da classe trabalhadora no sistema capitalista e ao fracasso da revolução socialista na U.R.S.S., continua a ser a filosofia inultrapassável do nosso tempo...”. J Francisco Saraiva de Sousa. (2008).

²⁵⁷ NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente.

²⁵⁸ Anne Buttimer (1992:19-55).

²⁵⁹ Anne Buttimer (1986).

As idéias e práticas do movimento geográfico citado, assim como os geógrafos que o representam, vêm ao texto por que remetem à recolocação da imprecisão na análise. O movimento é formado mais por oposição aos postulados positivistas que interferem nas condições do imaginário e da própria experiência da percepção, que por uma coesão ou núcleo ideológico único. Nossa ocupação é com a síntese, sendo para tanto necessário atentar para esse pensamento em sua unidade, que a partir de nossa percepção já passa a padecer dos males da redução... Assume-se que esta está na base de nosso conhecimento, dentro das possibilidades da consciência; e assim desembocamos na fenomenologia, com suas reduções operantes.

No que concerne à geografia-ciência, é preciso considerar algumas das idéias da geografia cultural e da geografia humanística, que se encaminharam para uma busca do humano no mundo e do mundo no humano, de modo a privilegiar os aspectos humanísticos manifestos na paisagem ou na almejada medida humana na ciência, de fato, as marcas no mundo. São inúmeros nossos contatos com essa vertente da geografia, pois nossa própria busca passa pela afirmação do humano; humano dado, na relação estabelecida entre sujeito e mundo, na referida ontologia comum, realidade produzida e inteligível nessa relação.

Para nós, a elevação do status da ambigüidade²⁶⁰ a momento importante do método, desde que priorizando a dimensão ou escala humana, implica expansão dos limites e convenções epistemológicos que já há muito rejeitaram, descartaram o mundo vivido, portanto o improvável. Ambigüidade que pode nos levar além das possibilidades de superação das dicotomias do sujeito-objeto, da razão-sentimentos, e a do lugar-pessoa. A ambigüidade permite, e até favorece a busca de uma unidade indeterminada²⁶¹, lugar de sentido, parte memória histórica, parte apenas intuitiva; caminhar, aqui, explorando mais metáforas.

Ao partir dos caminhos percorridos pela geografia humanista, A. Buttimer empenha-se em apresentar um quadro bastante promissor e dinâmico dos caminhos baseados na crítica, na busca do conhecimento²⁶², no aprendizado e na intervenção das práticas sociais.

²⁶⁰ Aurora Garcia Ballesteros (1992:10).

²⁶¹ A. Buttimer cita Vico sobre “a lógica da imaginação” e o “olho do ingênuo” (1992:20;46), lembrando a idéia de integridade da vida nos mitos, evocada por Maurice Merleau-Ponty.

²⁶² Anne Buttimer (1992:24ss).

Convida-nos a olhar para o humano integrado ao lugar, nem secundário nem alternativa, lembrando-nos das perspectivas já esboçadas por Paul Vidal de La Blache, com seus gêneros de vida. Quando fala da prática da geografia como um modo de vida²⁶³, pensando na empresa do conhecimento, afirma politicamente o método quando equipara as linguagens, do aparato institucionalizado e esta, da geografia humanística, da emancipação do pensamento e da vida, de quaisquer das tiranias herdadas ou impostas²⁶⁴.

Afora as controvérsias sobre a apropriação do conceito de humanismo, os movimentos denominados geografia humanista e geografia cultural propõem a valorização do sentido do humano como balizante e unificador da unidade de abordagem e da realidade.

Nos comentários sobre o texto de O. Mongin²⁶⁵, Jacques Levy ao mesmo tempo que reforça o projeto de nossa ponte entre as bases filosófica e geográfica, afirma a importância da abordagem desse autor como representativa dessa expansão conceitual, com destaque para a experiência e percepção, preenchendo lacunas de fenomenólogos, como Maurice Merleau-Ponty²⁶⁶.

²⁶³ Anne Buttimer (1992:41).

²⁶⁴ Anne Buttimer (1992:41).

²⁶⁵ O. Mongin (2005).

²⁶⁶ Jacques Lévy afirma que “*Ainsi, Mongin rouvre-t-il le chantier de la relation individuelle, et plus précisément phénoménologique et sensorielle, à la ville. Après Maurice Merleau-Ponty, Michel de Certeau, Georges Perec et Italo Calvino, nous manquons de travaux sérieux en la matière*”. (2006).

5.2. De volta ao lugar, a estrutura encarnada é condição de coerência.

*“O resultado do trabalho do geógrafo é uma forma, no sentido de modo.
Só assim é possível considerá-la em movimento.*

O movimento da forma é seu existir no tempo. Daí, sua história. No entanto, o geógrafo faz abstração da historiografia da forma, considerando-a como particularidade espacial. O que importa é seu existir aqui ou ali, tendo um significado teórico em cada lugar, como área, região, ou território, com suas populações presentes. Como já se disse: ‘o espaço é uma acumulação de tempos’. Essa acumulação é diversa é múltipla. Cabe captar sua lógica, ou seja, seu sentido.

Esse trabalho é um procedimento mental.

Cabe por isso, compreender, ou melhor, apreender a consciência da forma e os usos que dela faz a população. Esta, valoriza-a diferentemente. Essa valorização do espaço tem relação com o espaço vivido enquanto memória da forma. É assim que a geografia é também uma ciência da sociedade, enquanto consciência do espaço. Armando Corrêa da Silva (2000:21).

A verdadeira tentação é transpor a estrutura merleau-pontyana para o pensamento geográfico ao modo do anunciado em epígrafe que, embora soe temerário dado o critério de coerência e organicidade para empregos em âmbitos distintos; mais valendo em nossa opinião as construções o mais cautelosas possível. Precisemos, então, nosso caminho. A forma, alcançada após sucessivas refutações²⁶⁷, nos levou à estrutura, aparato de intensa e extensa inteligibilidade, quando no nível do pensamento. Ajuda-nos no raciocínio, Armando Corrêa da Silva, ao afirmar que *“é a sobredeterminação da idéia, no projeto e no plano, que procura dar coerência ao mundo fenomênico, a partir do qual são organizados pela mente os pedaços”*. Trata-se do que podemos ler do papel da espacialidade como momento conceitual ligado à percepção, tão importante quanto vem a ser a intervenção, e acrescenta que *“Não que o real não tenha um sentido apreensível: mas, é uma lógica plural, que o apropria como forma, estrutura, símbolo e movimento, numa composição que, se retém o cotidiano, também o transfigura”*²⁶⁸; o que encaminha a discussão sobre a reelaboração constante da realidade vivida, subvertendo as certezas.

Esta construção não me permite restringir o mundo ou as explicações do mundo a uma das ordens física, vital, simbólica, posto que vivamos todas; além de não sermos fatores

²⁶⁷ Refutações (dialéticas) das posições mecanicistas, fisiologistas, psicossociais auto-referenciadas. A forma junta momentos de percepção e conhecimento. E mais importante, são irreduzíveis umas às outras.

²⁶⁸ Armando Corrêa da Silva (2000:11).

(variáveis), sermos, sim, criadores (produtores, organizadores). Esse argumento parece invalidar ou deixar sob suspeição os estudos de morros, cursos d'água, casas, ou do ser humano, de per si, como soma das partes externas do “composto-mundo”. A forma que Merleau-Ponty resgata movimenta-se com tudo que ela carrega das ordens estruturais expostas desde o início do texto. O raciocínio invalida também o Em-si sem o para-nós, mais um argumento contra a redução alternativa às ordens, pois a forma deve sempre ser tomada como unidade²⁶⁹.

O *racionalismo* de Maurice Merleau-Ponty é caracterizado pela recuperação de um sujeito na constituição da objetividade, passando da “*unidade da razão*” husserliana ou “*unidade do sujeito*” pensando o comportamento como forma – que articula matéria, vida e espírito – daí, uma tal unidade:

“deverá se transformar no **problema** de uma unidade mais vasta, que envolve sujeito e objeto, ou ainda no **problema** da unidade da forma, que, por ser ambígua, põe em questão justamente a clivagem entre o subjetivo e o objetivo. Ou, mais precisamente, trata-se do problema da unidade das formas, pois no comportamento se articulam matéria, que vai aparecer então como forma física (e que, por ser forma, deverá envolver uma relação com o sujeito); vida, que vai aparecer como forma orgânica, e espírito, como forma psíquica. Diferentemente dos clássicos, que buscavam a união de substâncias ontologicamente distintas, o subjetivo e o objetivo, a alma e o corpo, a teoria da forma teria encontrado um fundamento comum entre estes desiguais (...) que se apresentam como forma”. Luis Damon S. Moutinho (1998:37).

Como o intento deste trabalho é trazer as contribuições de Maurice Merleau-Ponty para o pensamento geográfico, embora para Maurice Merleau-Ponty a geografia apareça ligada à situação, ao meio físico, quando faz referência à fisiologia, menciona que a ação de um estímulo (sobre um organismo), dá-se “*menos por suas propriedades elementares que por sua distribuição espacial, seu ritmo ou o ritmo de suas intensidades*”²⁷⁰. O espaço em Maurice Merleau-Ponty merece mais atenção e devidas “correções” para aplicação adequada, acreditando que um pensamento como o seu possa vir a ser aplicado.

Para ele o **cientista** demonstra ignorância da *idealização* do fato bruto, essencial ao seu

²⁶⁹ Para Maurice Merleau-Ponty o maior benefício da forma é o de trazer um tipo de unidade, de totalidade, que não pode ser encontrada em um ser da natureza, ou seja: “Ao tornar-se capaz de fundar a unidade das ciências, a forma revela sua verdadeira ‘significação filosófica’. Ela vai integrar os três diferentes campos, na medida em que eles aparecerão como ‘três tipos de estruturas’, não como três tipos de substâncias, o que permitirá tanto escapar às antinomias clássicas quanto evitar o recurso a uma transcendência”. Luis Damon S. Moutinho (1998:38).

²⁷⁰ Luis Damon S. Moutinho (1998:26).

trabalho²⁷¹. Fala desse **esquecimento** da *experiência* e da *idealização*²⁷². É o que cabe, aqui, resgatar, procurar por essa lembrança.

Aqui introduzida, “*a **forma** remete para campos cada vez mais largos de relações, a tal ponto que ‘um curso das coisas’ conduz às leis e não pode nunca ser ‘definitivamente resolvido nelas’*”. Luis Damon S. Moutinho fala, também, da “*remissão de totalidades parciais para totalidades cada vez mais vastas...*”²⁷³. **Forma de integração**, que nesta parte do texto é reiterada quando do retorno ao lugar, servindo para operarmos a avaliação dos lugares partindo de quem os vivencia, considerando aquilo que Armando Corrêa da Silva há duas páginas sobre a apreensão do sentido da realidade como “*uma lógica plural, que o apropria como forma, estrutura, símbolo e movimento, numa composição que, se retém o cotidiano, também o transfigura*”.

Do mundo ao lugar ou o mesmo que do oceano à terra firme; redução ao “mundo determinado”. Aqui é o lugar pelo mundo que, de modos diferentes, invade nosso cotidiano. Atinente ao caráter analítico do percurso dá-se o encaminhamento para a prática, aproximando-se com todos os perigos, do empírico.

Fatos e significação²⁷⁴ são próprios dos lugares como “concretude”, com seu sentido corpóreo. O mundo e suas estruturas são considerados para o Centro da experiência vivida posto para a geografia. Olhar para o mundo e para o lugar, deste modo, não guarda semelhança com a ideologia da globalização e sua coleção de “conceitos” (metrópoles mundiais, gentrificação, *city market*, entre outros); mais se aproxima das observações de Merleau-Ponty sobre a escala e suas considerações sobre a forma. Sem dúvida, é um pensamento pujante de uma tradição que ainda não foi aproveitada em toda a sua riqueza.

Sem a “*experiência do outro*” não há ética ou política verdadeira, pois esta assenta na diversidade inerente à variedade ôntica. Aqui vislumbramos uma ligação para a operacionalidade da abordagem estrutural, no que diz respeito às práticas políticas, básicas ao alinhamento das ordens da realidade²⁷⁵.

²⁷¹ É o esquecimento já mencionado. Luis Damon S. Moutinho (1998:20-1).

²⁷² Luis Damon S. Moutinho (1998:21; 82).

²⁷³ Luis Damon S. Moutinho (1998:21; 43).

²⁷⁴ Luis Damon S. Moutinho (1998:68).

²⁷⁵ Marilena Chaui (2002:75ss).

Segue, como argumento de autoridade sobre engajamento político, um trecho da fala Marilena Chaui em Seminário:

“... minha formação filosófica foi marcada pela fenomenologia, através de Merleau-Ponty, que se erguera contra o ‘legado cartesiano’ da existência como coisa ou como consciência. Por isso também considero a subjetividade uma estrutura de experiências significativas e significantes que não começam nem terminam na consciência de si de um sujeito, uma teia de tecidos tecida na relação intercorporal e no diálogo com o outro. Na estrutura do comportamento, Merleau-Ponty distinguiu a ordem física (a natureza como estrutura atual, ou um indivíduo molar, resistente às influências externas e definida por um sistema de forças em busca de um equilíbrio interno de ações e reações que tendem para o repouso; em suma, um sistema de causalidade necessária ou de leis), a ordem biológica (a vida como comportamento, isto é, como estrutura vital em que o equilíbrio não é obtido por ações e reações atualmente dadas, mas como reação do organismo às condições virtuais, postas por ele como condições de sua existência; em suma uma estrutura adaptativa e inovadora que cria normas e sistemas de sinais) e a ordem humana ou a estrutura simbólica como lógica da expressão, isto é, como capacidade para relacionar-se com o ausente e com o possível e, portanto, como transcendência, isto é, como capacidade para dar um sentido novo e inédito às condições dadas de fato. A ordem humana é a ordem do tempo, da linguagem e do possível ou criação histórica propriamente dita. A subjetividade é um nó de ações corporais e simbólicas originariamente intercorporais e intersubjetivas, das quais a consciência de si enquanto sujeito é um dos aspectos e não a definição”. Marilena Chaui (1997: 18-25).

As duas primeiras ordens (física e biológica) são comumente trabalhadas na “geografia física”, produto da separação no pensamento geográfico, que coloca do outro lado “geografia humana”²⁷⁶. É também sobre isso que Milton Santos afirma que “*Os eventos dissolvem as coisas, eles dissolvem as identidades, propondo-nos outras, mostrando-nos que não são fixas (...)*”. A velocidade e as “armadilhas” do processo concentrador que organiza a vida em suas dimensões psicossociais, continua o autor: “*Diante da nova história e da nova geografia é o nosso saber que também se dissolve, cabendo-nos reconstituí-lo através da percepção do movimento conjunto das coisas e dos eventos*”²⁷⁷. A referida separação perpassa todo o pensamento científico e boa parte do filosófico, resiste às investidas da postura de integração dos elementos e ordens da realidade, seja em ciência ou filosofia.

²⁷⁶ “O problema, não resolvido, e mal resolvido pelos geógrafos do passado, é o de limitar-se ao visível empiricamente. O problema, não resolvido ou mal resolvido, pelas geografias crítica e radical é, de um lado, rejeitar a pesquisa empírica como um momento do método, e, de outro, rejeitar a investigação concomitante, como procedimento mental. Separar as ‘idéias’ e os ‘fatos’ não conduz a nada, a não ser à repetição de procedimentos que a vida demonstra, mais cedo ou mais tarde, insatisfatórios”. Armando Corrêa da Silva (2000:19).

²⁷⁷ Milton Santos (1996:116-7).

Desejamos alinhar os níveis ou ordens da estrutura para a avaliação e proposição para os lugares, talvez até, indo além do ensaio. O alinhamento é, prioritariamente, ético e político. O Centro é tomado como **forma** mais ampla, ideal, sendo também **formas espaciais**, estas agora consideradas.

Com preocupações de geógrafo, vamos em direção a lugares da cidade e com instrumental consagrado captamos coisas que devem ser tratadas em suas conexões dadas pela espacialidade, para nós, abertura ao espaço geográfico do mundo. Contudo, a dificuldade na elaboração de instrumentos efetivos está ligada às reflexões muito próprias ao pensamento fenomenológico, em geral, e ao de Maurice Merleau-Ponty, que são encaminhados em níveis diferentes daqueles que o cientista atua; fato que Maurice Merleau-Ponty tem presente quando desenvolve seus pensamentos.

5.3. Espacialidade da forma e formas espaciais: caracterização e apontamentos.

“Não é possível separar o pensar da idéia, porque esta é seu conteúdo. O ver social relaciona a idéia à coisa. Ao fazê-lo, pode perder-se na reificação, ao não perceber-se como sujeito que constrói o significado do objeto realizado pelo trabalho manual ou maquinofaturado. Se o objeto fabricado oprime, ele pode ser rejeitado, num primeiro momento. Como disse o operário no filme famoso: ‘Quem fabrica estas porcarias?’”. Armando Corrêa da Silva (2000:19).

*“Será mesmo adequado distinguir os **eventos** segundo a escala de sua origem e segundo a escala de sua incidência ou eficácia? No primeiro caso pensamos nos eventos como fluxos. E aqui caberia indagar se existe mesmo um fluxo-evento mundial? No segundo caso, ao falarmos de incidência de eventos, a consideração do mundo é também sujeita a caução. Através de seu poder de império, um país pode tomar ou deixar de tomar decisões que alteram o acontecer dentro de suas fronteiras. O mesmo se pode dizer de qualquer outra entidade cujo poder se exerça sobre uma totalidade: de pessoas, de empresas, de instituições, de relações, de lugares, por exemplo, entidades regionais (como estados federados; regiões autônomas, províncias) ou entidades locais (municípios, comunas, regiões metropolitanas). Mas uma empresa multinacional não tem diretamente poder sobre a totalidade mundial de empresas. E os próprios organismos supranacionais têm influência relativa sobre o mundo tomado como um todo”. (1996: 122).*

A inseparabilidade de que fala Armando Corrêa da Silva, na abertura da seção, remete ao mundo da vida do qual estamos tratando; é nele que tudo está junto e também é nele, assim como ocorre na ciência, que esquecemos da gênese dos produtos, sejam quais forem. A temática é cara a Maurice Merleau-Ponty, presente em outros momentos deste texto. Daí, a espacialidade da forma (lugar) e as formas espaciais (desde lugares até objetos) como expressão empírica daquela, permitindo segundo nossa visão, a avaliação e proposição como “reflexão operatória”.

Forma evoca espacialidade e temporalidade. O antigo e recorrente debate sobre a natureza do tempo, registrado pela história da filosofia, apresenta-se para A. Comte-Sponville²⁷⁸ em duas vertentes principais: *uma*, que preconiza a precedência, dependência do “tempo real” ao tempo da consciência, subjetivo; *outra*, que reconhece a independência do tempo do mundo em relação ao sujeito.

Debate que supõe, portanto, as noções de temporalidade, consciência e história; isso, para o tratamento propriamente geográfico do tema. O conhecimento do tempo tem por

²⁷⁸ A. Comte-Sponville (2000:43).

condição a temporalidade, que somente é possível pela consciência que, além de ser temporal é, portanto, temporalizante, diz A. Comte-Sponville²⁷⁹. Mas o que para esse autor é objeto de uma breve seção, a relação do tempo com o espaço, com subordinação deste àquele²⁸⁰, neste texto toma o primeiro plano. Segue um trecho do autor sobre as categorias de espaço e tempo:

“Ser é ser no tempo; logo, o tempo tem de ser.

Ele contém tudo, envolve tudo, carrega tudo: tudo o que acontece acontece no tempo, e nada, sem ele, poderia ser nem devir. Ele é, exatamente, a condição do real.

Como o espaço? Sem dúvida. Mais que o espaço? Talvez. Porque um fenômeno, por exemplo lógico ou afetivo, pode parecer não ser rigorosamente situado, nem situável. Se eu lhes digo que 2+2 são 4 ou que estou apaixonado pode ser um tanto ridículo me perguntar “onde?”. Mas se me indagarem “desde quando?”, nada mais legítimo – o que não quer dizer que a resposta, em ambos os casos, seja fácil. Esqueçamos um instante o que sabemos ou cremos saber sobre a Relatividade. Para a simples consciência, o tempo parece mais vasto, se assim podemos dizer, do que o espaço: este pode ter começado (no tempo); não se vê onde ele poderia parar (no espaço)... Tudo o que ocorre (no espaço) advém ou dura (no tempo). Mas nem tudo que advém ou dura ocorre necessariamente. Quem pode me dizer onde se encontram a mecânica quântica, a justiça ou a Sinfonia Inacabada de Schubert? Mas elas têm uma história no tempo... Isso vai ao encontro, por outros caminhos, da assimetria assinalada por Kant: o tempo, dizia ele, é ‘a condição formal a priori de todos os fenômenos em geral’, enquanto o espaço é apenas a condição dos fenômenos exteriores. Eu diria antes: o espaço é a condição de todos os corpos; o tempo, de todos os acontecimentos. Ora, todo corpo é sem dúvida um acontecimento; mas nem todo acontecimento é um corpo”. A. Comte-Sponville (2000:22-3).

A. Comte-Sponville não se refere ao corpo-sujeito de Maurice Merleau-Ponty quando o classifica de subjetivista (...), melhor, não se refere à obra, mas a uma fração dela e outorga supremacia ao tempo. Pois, para aquele nem todo acontecimento tomaria corpo, dele dependendo e a ele referido. Ao que cabe contrapor a obviedade científica da importância fundante do *onde* como condição explicativa da realidade, assim como do tempo, a qualquer análise do ser social, o que é confirmado por Milton Santos, quando estabelece a leitura geográfica do evento. Não reconhece, A. Comte-Sponville, que os acontecimentos tomam corpo, idéias e as coisas que estão para as consciências corporificam-se, portanto, espacializam-se; e acaba fazendo, ao que parece, uma demarcação rígida entre idéia e

²⁷⁹ A. Comte-Sponville (2000: 31).

²⁸⁰ A. Comte-Sponville (p. 22ss; 63-67).

matéria.

Milton Santos oferece sua contribuição ao debate sobre o tempo, na perspectiva da geografia, com a noção da *empiricização do tempo* como espaço geográfico²⁸¹.

“O tempo como sucessão, o chamado tempo histórico, foi durante muito tempo considerado como uma base do estudo geográfico. Pode-se, todavia perguntar se é assim mesmo, ou se, ao contrário, o estudo geográfico não é muito mais essa outra forma de ver o tempo como simultaneidade: pois não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja idêntico para todos os homens, empresas e instituições. Pensamos que a simultaneidade das diversas temporalidades sobre um pedaço da crosta da Terra é que constitui o domínio propriamente dito da Geografia. Poderíamos mesmo dizer, com certa ênfase, que o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto, já que é o tempo da vida de todos. O espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo”. Milton Santos, (1996:127).

Com este trecho vamos refinando o debate com o filósofo citado, e por meio do “*tempo da vida de todos*” de Milton Santos, que estabelece as periodizações como maneira de reconhecer a concretude das temporalidades, negadas em seu momento de concreção por A. Comte-Sponville. O tempo, por meio das temporalidades, está presente nas formas espaciais, renovadas em seus conteúdos e relações pelos contextos em mudança e mudança de contextos; como muito bem mostram os trechos sobre os eventos de Milton Santos, já citados à título de expressão dialética do movimento *territorialização-desterritorialização-reterritorialização*. Caberia ainda refletir, espessando o diálogo, sobre o conceito de “inércia dinâmica” de J.P. Sartre, trabalhado por Milton Santos, para discutir as rugosidades. Mais uma observação: é possível que as noções de sedimentação e reativação, propostas por Edmund Husserl e desenvolvidas por Maurice Merleau-Ponty, pudessem nos servir para a discussão em pauta, conforme sugere a leitura de seu trabalho por Marilena Chaui²⁸².

Tal *empiricização* envolve a consideração da técnica do ponto de vista filosófico, como premissa para chegar à **espacialidade** à qual a técnica estaria incorporada e, para tanto, Milton Santos considera a racionalidade crescente do espaço. Assunto caro ao autor que já em “Espaço e Método” trazia como subtítulo à geografia, seu olhar para a realidade, como

²⁸¹ Milton Santos sobre o tempo (1996: 41ss; 61).

²⁸² Sedimentação relacionada à “intersubjetividade carnal (o sensível como presença original para sujeitos comunicantes). Marilena Chaui (2002: 84-6).

filosofia das técnicas. Sobre a técnica e sua importância à explicação, compreensão do mundo é preciso considerar a relação entre vida, território e técnica, a partir de Milton Santos, entre outros autores, como Martin Heidegger e José Ortega y Gasset; fontes do próprio.

O Centro ao se abrir para o mundo, o que traz? Fatos, significações, dados que podem ser avaliados. Agora, concreto com todo o prejuízo das “determinações” com que a ciência deve arcar. É empírico e, nessa condição, será abordado, complementarmente às tomadas anteriores.

Assumindo-se a escolha da região da realidade a investigar, de objetos e sujeitos enlaçados no cotidiano, sou levado, portanto, a negar a precedência das tendências internalistas em ciência, conforme advertência de Milton Santos²⁸³, complementada pela citação de Armando Corrêa da Silva:

“O tempo especificamente geográfico não é o histórico. Tudo se passa como se o geógrafo fosse incapaz de dar conta do movimento da natureza e da sociedade sem recorrer aos historiadores. Há um tempo de duração que se refere à idade dos artefatos da cultura e um tempo de percurso, que não é histórico”.

*Uma coisa é a **história** do povoamento e das migrações, outra é considerá-los como um movimento no espaço. Ora, é este que interessa ao geógrafo, enquanto especialista. E, para isso, é preciso conhecer também a geografia da **natureza**. Assim como o conhecimento dos espaços **organizados**.*

“Organização do espaço”, “produção do espaço”, “formação territorial”, “estudo do espaço produzido”, etc., são proposições que visam revelar o ser geográfico, conseguindo-o, mas como abordagens parciais.
Armando Corrêa da Silva (2000:19-21).

O Centro de São Paulo é o lugar que me vem chamando mais à atenção na cidade toda. Suas transformações, algumas aparentes, outras documentadas como processos e resultados, explicam e são explicados pelos projetos de sociedade, de cidade, distintos, as mais das vezes conflitantes.

Apenas numa alusão ao lugar citado, tem a seu favor, para mim, que desde o século XVI vem sendo alvo direto e indireto de projetos, os mais ambíguos. Falando do Parque Dom Pedro II, por exemplo, a ambigüidade advinda de sua própria condição ligada à ocupação do sítio para a construção da cidade: combinação de sentidos sempre cambiantes,

²⁸³ Milton Santos (1996: 19-20).

limite geográfico, barreira (obstáculo), demarcação e fronteira. Um portal de boas novas (entrada de mercadorias, mensagens e delegações coloniais e imperiais, vindas do Rio de Janeiro e de Santos), além de más notícias. O melhor e o pior! Várzea de rio, lugar da insalubridade e de “esconderijo dos bandidos”, como proclamado pelas crônicas policiais. Nunca aludindo aos “nacionais” ou trabalhadores locais como brasileiros, como diz C. J. F. dos Santos (2003).

A questão por nós colocada é: qual é possibilidade real de uma **avaliação geográfica dos lugares**? A determinação de um ou mais **critérios de coerência** em termos “**estruturais**”, com base na *forma* de Maurice Merleau-Ponty, e em sua “**temporalidade periodizada**”, com base em Milton Santos. Quer-se ainda tornar este lugar, como todas as áreas desse centro, parte integrada, articulada, da cidade, para além da funcionalidade viária de *relais* de transporte. Para a avaliação geográfica dos lugares são propostas três ordens da realidade, dimensões estruturais definidoras dos lugares, para poder prospectar; isso, se ainda for possível pensar nas dimensões humana e física integradas de uma cidade gigante, íntegra em suas partes, como a realidade. Esse é o exercício como tese de doutoramento. Isso requer um recuo ao pré-objetivo, ao pré-reflexivo, que em poucas palavras, Armando Corrêa da Silva, há poucos parágrafos veio em nosso auxílio.

Então, o meio, qual **espacialidade** nessa nova abertura, permite devolver, reelaborar essa apropriação com novo e maior alcance, isto é, como intervenção na ordem física, aí instaurando os conteúdos vital e simbólico da relação, como meio geográfico, enquanto este também a realiza. Relação que pressupõe os sentidos dos objetos tomados pelos sujeitos integrados na noção de natureza experimentada como *Umwelt*, sempre acompanhada da recusa à exterioridade da visada, da abordagem. A articulação *Umwelt* (meio) e *Welt* (mundo) definiriam a dimensão simbólica da realidade humana, posto que o mundo é cada um dos meios, paisagens que abrimos e constituímos.

O que define o homem é a capacidade de superar estruturas e criar outras... Maurice Merleau-Ponty²⁸⁴. A afirmação, aqui, é tomada como máxima e justifica as pretensões de avaliação dos lugares. Tem sentido histórico e considera as atividades como o trabalho.

O caminho é uma “reflexão operatória” que, para Maurice Merleau-Ponty, é aquela enraizada no vivido, situada. A avaliação das *formas construídas*, com base nos sentidos

²⁸⁴ Maurice Merleau-Ponty (1989:152; 2000:272).

técnico e ético da escala humana, deve levar-nos a uma proposição.

A forma é, em princípio, ideal e o conteúdo carrega as atividades sociais; daí, consideramos a noção de forma-conteúdo de Milton Santos, moldadas pela espacialização dos eventos, com seus ritmos, integrando as categorias analíticas internas que apenas têm sentido, coerência externa, por intermédio das estruturas exteriores²⁸⁵. Forma-conteúdo que, tomada como espaço, é possível superar visões como aquela de A. Comte-Sponville, que rebaixam a importância do espaço na formação da realidade, repensando as relações mantidas entre a forma e o empírico.

É preciso alinhar as ordens física, vital e simbólica na análise de modo correspondente ao arranjo que têm na realidade. Está sendo chamado de alinhamento sua unidade, simultaneidade como estrutura.

A intenção é a de aferir algo como uma **vocação** das formas espaciais (objetos mais ou menos tecnificados) e, para tanto, vislumbrou-se a **avaliação das estruturas do mundo vivido**, do modo como apresentado por Maurice Merleau-Ponty e comentado por Marilena Chaui. Vocação dos lugares, que não são coisas, mas, assim como o organismo tem existência fenomênica.

A **coerência geográfica** é o nexos entre existência, percepção, sentido e ciência e é necessário refinar os critérios para a aferição dessa coerência; o encaminhamento da busca é dimensionado pela estrutura de que vimos falando. A noção de estrutura de Merleau-Ponty é abrangente o suficiente, pois ao abarcar a organização das ordens “natural” à simbólica; a partir dela é que posso pensar a relação que [se] estabelece entre mim e as coisas como lugar, retendo a própria relação como meio privilegiado para o tratamento geográfico das ações sociais que se territorializam.

A consideração de uma geografia inspirada nos caminhos propostos por Maurice Merleau-Ponty, a elaboração de cunho espacial desenvolvida a partir do vivido em sua variedade, permite uma abordagem do território e da paisagem com uma concepção própria de tempo. Por meio das ações, em geral, e do trabalho, em particular, o que parece trazer história para os objetos e sua organização, aquilo que é e o que não é aparente como territorialidade, é a integração das dimensões física, vital e simbólica; esta que subsume os espaços vivido, percebido e concebido, de Henri Lefebvre.

²⁸⁵ Milton Santos (1996:19-20; 59-71).

Se a forma de Maurice Merleau-Ponty e os eventos de Milton Santos permitem-me entrever um movimento que vai do *horizonte próximo* do lugar (território usado e paisagem) para a *totalidade* que lhe atribui sentido (também como forma), o que esperar desse mundo de conteúdos aberto pela vida e questionado pela reflexão situada, quando se está analisando e interrogando os significados que deve aos lugares, mais especificamente, ao pedaço de São Paulo estudado? A reflexão continua com a superação da tão importante atitude natural.

5.4. Superando os **pactos de confiança**. Para onde o trabalho aponta.

“Cabe (...) compreender, ou melhor, apreender a consciência da forma e os usos que dela faz a população. Esta, valoriza-a diferentemente. Essa valorização do espaço tem relação com o espaço vivido enquanto memória da forma. É assim que a geografia é também uma ciência da sociedade, enquanto consciência do espaço”. Armando Corrêa da Silva (2000:22).

*“A **filosofia** é a fé perceptiva interrogando-se sobre si mesma”. (Maurice Merleau-Ponty, 2005: 103).*

“É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar. Nesse sentido pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma”. Milton Santos (1996:271).

A geografia ciência junto com a fenomenologia, acreditamos, leva-nos para além da “*fé perceptiva*”. Nessa direção Armando Corrêa da Silva aponta-nos uma via ao falar de uma dupla relação com a forma: como consciência construída pelos usos que dela fazemos no mundo da vida, unindo concepção e ação; e que supõe nossa atitude natural nesse espaço vivido. A forma é, então, memorável por que vivida, estando, portanto, na base da valorização espacial discreta que ocorre nessa relação; sendo o vivido a síntese que se põe para a geografia como formas produzidas pelo trabalho. Uma geografia do intencional determinado tanto quanto do mundo difuso indeterminado, que a tudo permeia e transcende, às vezes desafiando, às vezes “assustando” o cientista ou mesmo ambos. É preciso frisar tal caráter ambíguo do conhecimento, pois a opção realista ao modo positivista por aquele que é tomado como caminho da certeza, no qual objeto e conceito justapõem-se, não é a única, havendo, pois, o caminho do enfrentamento do desconhecido, da assunção do mistério e do limite já mencionados como recursos do método.

Aqui, neste texto, representação são os círculos concêntricos, levemente descentrados, conforme Maurice Merleau-Ponty, que sugerindo a citada figura da carne do mundo, emprega a imagem da experiência e da realidade visada como círculos entrelaçados:

“(...) Meu corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo. Mas meu corpo vidente subtende esse corpo visível e todos os visíveis com ele. Há recíproca inserção e entrelaçamento de um no outro. Ou melhor, se renunciarmos, como é preciso ainda uma vez, ao pensamento por planos e perspectivas, há dois círculos, ou dois turbilhões, ou duas esferas concêntricas quando vivo ingenuamente e, desde que me interrogue, levemente descentrados um em relação ao outro”²⁸⁶. (Sublinhas nossas).

²⁸⁶ Maurice Merleau-Ponty (2005: 134-5).

Nesse caminho é que os pactos de confiança admitidos *naturalmente*, são, agora, questionados, interrogados. Merleau-Ponty critica a conversão da “fé perceptiva” em “tese do mundo inteligível”. Propõe uma superação (p. 201) que permite à noção de estrutura, junto com a de carne...

Percepção e valoração sociais são indissociáveis e participam da configuração espacial armada e da análise desta, confirmando a assertiva de Milton Santos da abertura da seção: “...*localmente, o espaço territorial age como norma*”, implicando tanto a mencionada construção da consciência geográfica no plano do vivido, de Armando C. da Silva, quanto o “descentramento dos círculos” de Maurice Merleau-Ponty como momento de coincidências diferenciadas no espaço, desencadeadas ou simplesmente percebidas pela interrogação filosófica da relação visível-invisível. A realidade permite, então, uma abordagem estrutural, cuja ordenação é a de Maurice Merleau-Ponty²⁸⁷, contra sua imagem mais difundida, que é apresentada separadamente de suas intencionalidades; noção que Milton Santos resgata de Franz Brentano e de Edmund Husserl. As intenções estão presentes não só como desenvolvimento e espacialização, mas como concepção espacial no projeto, devendo ser procuradas, num movimento de busca pela significação no meio, contra a atribuição de espontaneidade. O caminho, então, aponta para a superação da confiança comentada, isto é, da fé perceptiva que está na base de qualquer conhecimento, devendo ser interrogada; não descartada²⁸⁸.

Este capítulo merece aprofundamento conjunto na pesquisa filosófica e da ciência geográfica, na linha do mote merleau-pontyano: “*Contra o cientificismo (a ciência envolve inevitavelmente a filosofia) e contra o criticismo (impossibilidade do giro copernicano)*”²⁸⁹.

O instrumento de aferição / verificação, como uma prévia para a avaliação, deve ser, de algum modo, um resultado do método; tal *instrumento metódico* é, então, desejado para poder olhar as idéias e a existência das coisas. Pois, como olhar para os antecedentes do objeto sem perde-lo? Como chegar ao que ele é, sem esquecer sua gênese? Daí, a questão do abrir e fechar das coisas, *in loco*, que é o aque segue.

²⁸⁷ A realidade tomada em suas ordens física, vital e simbólica.

²⁸⁸ Maurice Merleau-Ponty (2005:30).

²⁸⁹ Luis Damon S. Moutinho (1998:24-5).

6. O caminho do mundo pelo abrir e fechar

“Todavia, o apelo do caminho do campo fala apenas enquanto homens nascidos no ar que o cerca forem capazes de ouvi-lo. São servos de sua origem, não escravos do artifício. Em vão o homem através de planejamentos procura instaurar uma ordenação no globo terrestre, se não for disponível ao apelo do caminho do campo. O perigo ameaça, que o homem hoje não possa ouvir sua linguagem. Em seus ouvidos retumba o fragor das máquinas que chega a tomar pela voz de Deus. Assim o homem se dispersa e se torna errante. Aos desatentos o Simples parece uniforme. A uniformidade entedia. Os entediados só vêem monotonia ao seu redor. O simples desvaneceu-se. Sua força silenciosa esgotou-se”. M. Heidegger (1969: 70).

“... o mundo percebido não é uma soma de objetos, no sentido que as ciências dão a esta palavra; e nossa relação com ele não é a de um pensador com um objeto de pensamento e que, enfim, a unidade da coisa percebida, a respeito da qual muitas consciências concordam, não é assimilável a de um teorema que muitos pensadores reconhecem, nem a existência percebida à existência ideal”. Maurice Merleau-Ponty (1990: 48).

Heidegger e Merleau-Ponty, na advertência contida nestes trechos, apontam a tecnociência arrogante e surda. O primeiro falando de desenraizamento num nível muito profundo, desvirtuamento em seu sentido radical, evoca a perda de potência daqueles que perderam suas raízes, portanto suas virtudes; enquanto o outro faz uma dura provocação em uma das respostas à sabatina promovida pela Sociedade Francesa de Filosofia, que às suas idéias se opôs de modo veemente.

Da pergunta já feita, de onde vem o lugar, passamos, agora, aquela que é sua consequência, e que foi levada ao campo: até onde vai o lugar?

Se a forma de Maurice Merleau-Ponty e os eventos de Milton Santos permitem-nos entrever um movimento que vai do horizonte próximo do meio ou território usado para a *totalidade* que lhe atribui sentido (também como forma), o que esperar desse mundo de conteúdos aberto pela vida e indagado pela pesquisa, reflexão situada, quando se está analisando e interrogando sobre os significados que deve aos lugares, mais especificamente, ao pedaço de São Paulo inquirido?

As transformações na ontologia clássica promovidas por Maurice Merleau-Ponty têm implicações epistemológicas e metódicas neste trabalho, aproximando-nos de algo como um “instrumento de aplicação”, associado a “procedimentos de campo”.

A confecção de tal instrumento, em muitos pontos convencional²⁹⁰, teve como premissa seu alinhamento ao arcabouço fenomenológico, basicamente o de Maurice Merleau-Ponty, e geográfico, de Milton Santos, Armando Corrêa da Silva, Eric Dardel, Carl Sauer. Em sua elaboração, o trabalho de campo requereu que fossem seguidos certos critérios, atinentes à abordagem geográfica que ora é realizada.

O Trabalho de campo (TC), como já o dissemos, é instrumento clássico e soava como insubstituível²⁹¹, pois o movimento iniciado pela “*experiência situada*”, que abraçando as coisas torna-as conosco “*unidade de sentido estruturada*”, efetivando e reiterando nas práticas sociais a “intuição” merleau-pontyana da ontologia homóloga entre sujeito e mundo, contra a matematização e o formalismo sugeridos na epígrafe.

A comunicação do trabalho de campo é momento fundamental, sendo ele próprio comunicação, coroando experiência e registros. É preciso haver organicidade, coerência, entre pesquisa e instrumentos de aplicação, pois já é pressuposto o prejuízo da abordagem científica. Para Ângelo Serpa²⁹² alguns pressupostos devem ser atendidos, tais como a necessidade de estudos sobre o estado da arte da geografia, seus recortes ou escalas, além da superação das dicotomias geográficas, com o quê concordam L. A. B. Venturi e Ricardo Baitz²⁹³, propondo métodos para diminuir a distância entre sujeito e objeto, apontando prejuízos com os excessos técnicos e com certo afastamento analítico do mundo, reclamando a ida diretamente aos processos²⁹⁴; o que, todavia, vimos com Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty ser algo ideal.

Daí, então, a facticidade dos grupos em campo: as bases do ajuste do método.

²⁹⁰ Boletim Paulista de Geografia. (2006).

²⁹¹ L. A. B. Venturi (2006:69-76).

²⁹² Ângelo Serpa (2006:7-24).

²⁹³ Ricardo Baitz (2006:25-50).

²⁹⁴ Bernard Kaiser (2006:93-104).

6.1. Grupos e roteiros

“O espaço do cotidiano é, em primeiro lugar, o espaço da gravitação, que dá origem ao vertical, ao horizontal, ao plano, ao declive, ao aclone, à postura ereta, ao equilíbrio, ao desequilíbrio. Esse espaço é trabalhado pela cultura. Esta o percebe como agradável, desagradável, onírico, pesado, leve, base, conteúdo, atributo, mágico, feio, bonito, vazio, repleto, ocupado, desocupado, livre, aberto, etc.

O espaço é o real e o imaginário”. Armando Corrêa da Silva (2000:18).

As palavras de Armando Corrêa da Silva orientam, uma vez mais, nossa reflexão. Ao fazer referência às condições de apreensão das coisas no plano do cotidiano, do conhecimento mais imediato, fala do “*espaço da gravitação*” dando origem “*ao vertical, ao horizontal, ao plano, ao declive, ao aclone, à postura ereta, ao equilíbrio, ao desequilíbrio*”, trazendo as qualidades das coisas estruturadas, que remetem aos “*qualia*”²⁹⁵ a que se referiu Maurice Merleau-Ponty, ao arrolar a lista de “adjetivos” do espaço percebido, possibilitadas também culturalmente.

Seguem algumas considerações sobre os trabalhos de campo²⁹⁶ domingueiros realizados no centro da cidade de São Paulo²⁹⁷, um, do primeiro grupo, em 16/12/2007, outro, do segundo grupo, em 27/1/2008.

O ponto inicial, 1 (Copan), do trajeto sem definição prévia, posto que tenha sido indicado ao grupo apenas o ponto de destino, o Mercado Municipal, o ponto 21 do mapa. A escolha dos pontos de origem e destino foi arbitrária, com base em algumas considerações: a) a delimitação do centro, inspirada no perímetro oficial, deu-se na escala do pedestre, já que circularíamos a pé; b) são os limites aproximados, institucionalizados, dos centros *velho* e *novo* (o que facilitava a comparação das concepções objetiva e subjetiva dessa área); c) adoção de um marco simbólico, o edifício Copan, permitiria uma referência mais concreta para o grupo, quando indagados sobre sua percepção. E defesa da escolha temos a metodologia própria à pesquisa ora realizada; a escala humana e o sentido

²⁹⁵ *Qualia* [singular: *quale*, em latim e português]. Termo filosófico que define as qualidades subjectivas das experiências mentais. Por exemplo, a vermelhidão do vermelho, ou o doloroso da dor.

²⁹⁶ M. A. Venturi (2005:225-232).

²⁹⁷ O centro vem carregado de significados pessoais e coletivos; meus próprios e aqueles que me antecedem.

histórico já estabelecido desse Centro como originário²⁹⁸, antes de sua expansão e desdobramento.

O centro vem com uma densidade inigualável, tanto como lugar, quanto como território, paisagem, ou mesmo área²⁹⁹. Os roteiros³⁰⁰ foram desenvolvidos livremente, apenas com os pontos de partida e destino sugeridos, o que se justificava em razão de nosso interesse na *abertura e fechamento* das coisas, no nível mais concreto da experiência de que nos ocupamos³⁰¹, mostrados nas fotos que seguem daqui a pouco (p. 121-132). Abertura e fechamento que estão no núcleo do trabalho.

E no que concerne ao ciclo metodológico: norma, controle e avaliação do trabalho de campo, foi muito gratificante observar o comportamento das pessoas dos grupos nas ruas, olhando as coisas, atraídas ou repelidas, reiterando na prática aquilo que vinha sendo constatado nos escritos de Maurice Merleau-Ponty e em seus comentadores.

Arrolar comentários recolhidos em campo acerca do visível nos trajeto no centro, e de seus objetos³⁰², levaram-nos às condições fáticas da *instituição* e da *constituição*, assim, constatadas empiricamente.

O caminho analítico da *razão geográfica teórica* nos trouxe até aqui montando a estrutura experiencial e interpretativa, ao passo que com a reflexão operante nos percebemos revestidos pelo “material” do mundo, que é o do corpo, que caminha³⁰³ unindo as dimensões da natureza e do simbólico.

O campo foi concebido, como já dito, para averiguar a abertura e o fechamento das coisas à percepção, de modo a recuar ao pré-reflexivo, pré-objetivo, resgatando um tempo e um espaço anteriores ao dado científico costumeiro, tomado no esquecimento³⁰⁴ dessa

²⁹⁸ H. K. Cordeiro (1980).

²⁹⁹ Bem ao gosto da administração de espaços, a noção de *área* liga-se às determinantes externas, tendo estatuto precário de realidade, pois é móvel, plástica de acordo com as necessidades técnicas, aliás, institucionais.

³⁰⁰ Os roteiros traçados no Mapa: “Referência cartográfica” (p. 120).

³⁰¹ Capítulos 2 e 3.

³⁰² Como seria interessante “tomar o depoimento” dos cronistas da cidade, associando-os aos os relatos e descrições dos indivíduos dos grupos...

³⁰³ O “Caminho no campo” de Heidegger não se dá exclusivamente nos âmbitos agrário ou rural, evoca uma razão geográfica existencial; caminho com os pés..

³⁰⁴ Que remetem aos comentários de Maurice Merleau-Ponty, no início do texto.

“vida pregressa” dos dados. E essa é a chave para ampliar a visão do espaço, contribuindo como só o cientista pode, com o diálogo das idéias com a empiria, que deve ajudar, procurando as medidas.

Conforme esquemas dos ciclos, há pouco colocados, temos que a análise principia pela disposição da constituição diante da instituição do mundo anônimo, tudo prenhe da carne do mundo, emergindo da relação circular corpo-sujeito-coisas-lugar-mundo-objeto-lugar-corpo de novo. A “*Síntese perceptiva*”, trazida quando no percurso (*segundo capítulo*) falamos da constituição do *lugar* por meio da *percepção ativa* e também *anônima* ou *passiva* das coisas, parece bem apropriada à interpretação da aproximação do local visado que, mesmo com certo grau de deliberação quanto às trajetórias, continua em certa medida espaço vivido, e tendo na dialética a base da reflexão operante, é nele que principia uma nova análise.

O campo pretendeu participar da resposta ao modo de rebatimento dessas questões na ordem próxima, alguma recorrentes no texto:

- Até onde vai o lugar? Como geografizar os horizontes de Edmund Husserl³⁰⁵?
- Como a vida³⁰⁶ liga necessidades tornadas buscas e manipulação das coisas?
- Se por um lado filosofia e ciência entendem juntas como fazemos das coisas objetos e estes conosco lugar, como desvendar as espacialidades “vazias”³⁰⁷ no caminho mesmo da consecução da pesquisa? Conceitos atribuídos em terceira pessoa.
- Como esse encolhimento e expansão das dimensões das formas espaciais, conforme a vivência, podem servir à análise, avaliação das coisas e dizer com alguma segurança o que podem ser elas, para melhor continuar sendo? Esta a pergunta chave da pesquisa!

É preciso seguir Maurice Merleau-Ponty e ir ao momento anterior à objetividade, antes do dado; isso, no campo com os grupos³⁰⁸ ficou evidente, pois as coisas que foram abertas o foram para quase todos, enquanto o que se fechou partilhou de modo efêmero das

³⁰⁵ “Estabelecimento dos *horizontes* (husserlianos)”: Algo como baliza de experiência.

³⁰⁶ E o *fluxo dos vividos*.

³⁰⁷ Que assumem invólucros geográficos ao modo da área (distrito, centro, periferia, zonas) pela *démarche* científica (no caso, da geografia urbana que instala as bases para as ações do urbanismo, com as quais pretendemos contribuir).

³⁰⁸ Vide documentação fotográfica de campo, mais adiante.

paisagens.

O trabalho de campo mostrou como as áreas dispostas previamente para serem mais bonitas, acolhedoras, cumpriam seu papel ao atraírem mais as pessoas. A constituição merleau-pontyana está sediada no percebido, e é pela experiência e manipulação que vamos abrindo as coisas, chegando num mundo que nos antecede, com sentidos amontoados em todo lugar, estes instituídos, normalmente distantes, entretanto dando a impressão do contrário, pelos desígnios da promoção mercadológica. O trabalho muito criativo de Eduardo G. Simões (2006), mostra com sua proposta da noção de *focos qualitativos* as possibilidades do patrimônio ambiental urbano, aludindo a uma “tipologia” de abordagem do instituído que complementa a unidade constituída das coisas percebidas. A idéia de qualificar os espaços permeia este trabalho, projetando-o com base neste *modo de conhecer*, cujo logos carrega um norte ético, portanto mais completo, apto a encorpar um tal planejamento que tome o lugar genética e projetivamente.

Foi muito interessante constatar que a abertura das coisas pela experiência, apresentava e trazia à vida outros aspectos, diferentes daquele concebidos anteriormente. Acrescentava, assim, mais um momento aplicável à avaliação de coisas, como qualquer forma aparente, visível, e lugares, construtos e institutos. Coisas nunca percebidas, ruas, praças, avenidas, prédios (fotos 1, 6) abriram-se na caminhada a pé, sem endereço de destino obrigatório; outras coisas, como simples barreiras, tapumes, apareceram para repelir, afugentar o grupo (foto 2). Os jardins sempre se abriam para passarmos (fotos 3, 5), assim como belos edifícios também funcionavam como atrativos (fotos 4, 8, 9, 11, 14, 16, 17, 21), as igrejas (fotos 14, 16, 18), a luminosidade ou falta dela ao final dos corredores também favorecia a percepção e a abertura formando corredores e túneis (fotos 3, 7, 9, 10), coisas que variaram com a mudança da face observada, como o Mosteiro de São Bento pelas laterais (foto 19). A topografia junta-se à seleção visual, conduzindo-nos com a gravidade (foto 20). Os registros fotográficos poderiam ser mais bem explorados, contudo, a idéia básica é a da variedade de sensações e sentimentos provindos do contato que os grupos tiveram com as coisas, bem como os campos, meios, assim criados.

Também poderíamos analisar o modo como as pessoas lidaram com as formas espaciais, marcadamente arquitetônicas, algo próximo dos coremas de Roger Brunet ou as formas urbanas de Kevin Lynch, só que com conteúdo, sentido das várias dimensões aí

envolvidas. Um exemplo dessa abordagem é o caso de um “Y” que nos surge no caminho; pois ninguém pensou em seguir pela rua que não mostrava para onde bifurcava, local totalmente acinzentado, para onde uma criança quis seguir por onde mais ninguém queria, dizendo que *queria saber o que havia lá!*

Os depoimentos traziam lugares, pontos e perímetros os mais diversos e inesperados. Alguns viram lugares por que suas histórias e estórias envolviam-nos de alguma maneira, por evocação ou facticidade; alguns gostaram muito do trajeto e outros odiaram... Daí, tudo pareceu confirmar meus pressupostos de que esse momento pré-racional (nenhuma das pessoas era estudiosa de cidades, afeito à literatura correspondente), então as versões vinham das impressões “diretas”. E a importância desse momento tem ficado cada vez mais patente tanto nos experimentos, os trabalhos de campo mencionados, quanto em posições aleatoriamente colhidas sobre os lugares. Importância, no que diz respeito ao reconhecimento desse momento anterior ao dado já posto como pronto. É a outra face dos lugares, mostrando-se para quem quiser.

Da Praça Dom José Gaspar (Foto 7) podia-se ver à frente, em linha reta com o foco da visão, a Rua Marconi aberta e, ao lado com a caminhada que abriu novo trajeto para a Galeria Nova Barão (Foto 8), nova abertura. Assim, a possibilidade de experienciar algo que se põe para o observador – o óbvio, por definição – será estabelecida pela relação entre o corpo-sujeito e as coisas do redor, apreendidas como *uma unidade* de estruturas físicas, biológicas e simbólicas. O mesmo é retratado no trecho percorrido, marcado no mapa, cuja visão é a do Viaduto do Chá (Foto 9), mas que vai dar no Teatro Municipal, pois ao chegarmos na Praça Ramos de Azevedo, a forma dominante é a desse edifício.

Seguem as notas de campo.

Notas de campo (TC): dois grupos em momentos diferentes.

Grupo I – Notas sobre o trabalho de campo com referências às fotos (p.).

Percurso 1 – traçado verde no mapa, com fotos numeradas.

O primeiro trabalho de campo.

Domingo, **16/12/2007** - Ponto de encontro: Edifício Copan, às 10h, no Café Floresta.

Participantes convidados³⁰⁹:

Bianca (criança com menos de 10 anos).

Eduardo.

Gil.

Marisa.

Pedro.

Tainá (criança com menos de 10 anos).

O **Grupo I** tinha maior distanciamento da região. Segue registro de trabalho de campo com esse grupo, acompanhado de minhas intervenções.

1. Copan. Início do trajeto com a primeira esquina com a Praça da República em reforma (Foto 2). Aparece aqui a idéia de fechamento (Fotos 1 e 2).

2. A Bianca escolhe a primeira via, a avenida São Luis (Foto 3) , em virtude da presença de árvores e passarinhos, aparecendo a idéia de abertura, pois é acompanhada por todos.

3. Marisa (Fotos 5 e 6): observa que não havendo pessoas, vê-se melhor mais coisas. Todos concordam.

4. Ocupação dos prédios. O grupo comenta a variedade de usos e faz menção à ocupação percebida; paisagem também mais facilmente acessível à observação, pela presença reduzida de pessoas. (Fotos 7 a 10)

5. Mural da Galeria Nova Barão: todos o acham “muito bonito” (Foto 8). A galeria estava de portas abertas no dia do primeiro trabalho de campo; como aberta estava aos olhos do grupo que por admira-la quis nela adentrar. Com frequência disseram que não sabiam que havia um lugar como aquele no Centro.

³⁰⁹ Identificação sumária, respaldada no caráter essencialmente quantitativo da pesquisa.

6. Destaques até o Viaduto do Chá: Todos indicaram o Teatro Municipal, o prédio de projeto do Niemeyer, o Louvre (Foto 4), e a Praça Dom José Gaspar. (Fotos 5 e 6). Ao apontarem tais locais confirmam a noção de *focos qualitativos*³¹⁰ como sendo proeminentes, marcantes à percepção.

7. Os participantes do grupo comentaram que estavam exercitando um olhar “bem diferente” do habitual.

8. Referencia à afirmação do Gil: “Nada numa paisagem”³¹¹, quando avistávamos o vale do anhangabaú de cima do Viaduto do Chá!

9. Na Praça do Patriarca, primeiramente a Bianca, depois também os demais mencionaram a intensa pichação e o forte cheiro forte de “xixi”.

10. Em parada para coleta das impressões, os componentes do grupo comentam o que viram e sentiram sobre as áreas do Centro:

- a Bianca achou que viu “vários lugares”;
- a Marisa, um dividido em dois (parece vários, mesmo sendo um!);
- o Pedro e o Gil vêem no Centro Velho o verdadeiro centro, diferente do Centro Novo (“Praça da República é outra coisa”). Bem, acrescentamos, a praça realmente é outra coisa sem deixar de ser Centro. (Fotos de todos os lugares);

11. Num determinado momento da caminhada surge na confluência das ruas São Bento, do Comércio e Álvares Penteado a forma de um Y para Bianca, que movida pela curiosidade, para certo espanto do grupo propõe que sigamos para a bifurcação. Espanto, aqui, em razão do trajeto que vínhamos fazendo, de certa forma guiados pelas formas abertas, fáceis e convidativas; o que, e isso foi unânime, o tal Y de altas paredes acinzentadas não era. (traçado verde no Mapa). Poderíamos trazer os estudos de Roger Brunet sobre os coremas e os de Kevin Lynch sobre as formas básicas de composição do urbano, entretanto, apesar de seu interesse, parece-nos ser um outro caminho a ser buscado, o da percepção do geográfico associado às formas geométricas.

³¹⁰ Eduardo G. Simões (2006).

³¹¹ E pensando na proposta de Maurice Merleau-Ponty, “nada” para o geógrafo viria como o invisível de que falamos há pouco, como silêncio em música.

Notas de campo (TC): dois grupos em momentos diferentes.

Grupo II – Notas sobre o trabalho de campo com referências às fotos (p.).

Percurso 2 – traçado azul no mapa, com fotos numeradas. (p.).

O segundo trabalho de campo

Domingo, 27/1/2008 - Ponto de encontro: Edifício Copan, às 10h15, no Café Floresta.

Participantes convidados:

Maria Aparecida;

Maria Leopoldina;

Maria Thereza.

No **Grupo II** as participantes já haviam tido algum contato com o centro. Segue registro de trabalho de campo com esse grupo, acompanhado de minhas intervenções.

1. Comentários da Maria Thereza sobre o bom estado do Edifício Copan, além de menção a festas ali ocorridas, amigos moradores, etc..

2. Afirmam nunca ter prestado atenção à Rua Unai, em frente ao café, na saída. (Foto 1). Caracterizando-se, assim, como fechada para a percepção do grupo.

3. Falam do bom estado do Edifício Copan, reiterando a exclamação anterior. Com destaque para Maria Aparecida. Aspectos que se mostraram mais acessíveis ao grupo.

4. Seguimos pela Avenida Ipiranga em direção a Avenida São Luis, na qual entramos. Todas falam das árvores e dos passarinhos como razão da escolha. A foto 2 mostra a Praça da República em reformas, repelida e, portanto, fechada. Na esquina da Praça com a Avenida Ipiranga o gradil parece afastar o “pedestre”, em geral, que desejasse continuar em frente pela Avenida Ipiranga em direção ao Bairro da Luz, do mesmo modo que repeliu o grupo.

5. A foto 3 deixa evidente a abertura da Avenida São Luis. Opção de todos.

6. Viramos na Avenida São Luis. Escolhida também pelas mesmas razões do primeiro grupo: árvores, ordenada, caminho mais bonito! (Foto 4).

7. Maria Aparecida diz que vinha ao Centro com seu pai quando criança. A informação pontilha alguns momentos de nossa caminhada.

8. Maria Thereza faz observações sobre o que lhe parece a baixa renda dos transeuntes, em geral. O entorno não lhe estava causando boa impressão...

9. Fomos para a Praça Dom José Gaspar, a partir do Condomínio Edifício Louvre e todas comentários sobre o jardim bem cuidado, presença de equipamento público, porém com falta de informações nas estátuas, referindo-se à Praça como “lugar vazio”. (Fotos 5 e 6).

10. “*Um pouco deprimente, inseguro*”, diz Maria Thereza. Cruzamos a Rua Sete de Abril; hoje a Galeria Nova Barão estava fechada: dizem: “tudo fechado”. (Foto 8).

11. Todas, mas principalmente a Maria Leopoldina, indicam o prosseguimento pela Rua Marconi, onde encontramos “tudo fechado”. Rua Marconi que se abriu já da visada da Praça Dom José Gaspar como “caminho natural” próprio àquela trajetória, conforme a (foto 7).

12. Maria Leopoldina escolhe a Rua Barão de Itapetininga e lá, abertas, tem uma farmácia “Drogasil” e uma banca de jornais, dela abrindo-se um corredor para o Teatro Municipal, na Praça Ramos de Azevedo; para onde seguiu o primeiro grupo. (Fotos 9 e 11).

13. Segundo indicação de Maria Leopoldina nos dirigimos para a Rua Dom José de Barros, portanto, a alternativa na mesma Rua Barão de Itapetininga, agora na direção oposta, da Praça da República. (Foto 10).

14. Maria Thereza afirma que acha todo nosso percurso sem charme, sem atração. “Tudo fechado”. Tudo fechado na Rua Vinte quatro de maio! Isso parece “canalizar” a visão para as obras, para os prédios, alguns em reformas... As primeiras lixeiras aparecem ao lado do cine Marrocos, na Rua Conselheiro Crispiniano. É muito desagradável os odores da calçada e no terreno de “restauração” do Conservatório.

15. Maria Aparecida mostra-se surpresa por não haver em nosso trajeto gente espalhada pelas ruas, na condição de sem-teto. Passamos pelo Boulevard São João, que permaneceu fechado para o nosso olhar, posto que o grupo não respondeu aos estímulos para que o percebessem (Foto 12). Declara-se empolgada com nossa caminhada em direção ao Largo

do Paissandu, que era nosso saída óbvia do corredor no sentido indicado pela foto 14, não na orientação da visada da foto 13. É quando surge a primeira das igrejas³¹² do caminho, a Igreja dos Homens Pretos; as três querem entrar. (Foto 14).

16. Maria Aparecida achou a Igreja linda, com pesar pelas grades ao redor e pela má conservação da obra “Mãe Preta”. (Foto 15).

17. Maria Leopoldina observa que as praças, não apenas esta, estão ocupadas pelos que são muito pobres. Chamam-me à atenção para a grande variedade de pessoas ali presentes, ocupando a praça da igreja e o redor da região do Paissandu.

18. Seguindo pela Rua Antonio de Godoy, de restaurantes abertos, cruzamos a Avenida Casper Líbero, por onde todas quiseram ir, até chegarmos ao Largo de Santa Ifigênea, com igreja de mesmo nome. Maria Aparecida fala das muitas igrejas que passam a fazer parte de nosso percurso! (Fotos 16 e 17).

19. “Área depressiva” em direção ao Largo de Sta Ifigênea, comenta Maria Thereza. O trecho mais triste e deprimente é este que vem até aqui. Trecho da Rua Conselheiro Crispiniano até o Largo do Paissandu da I. dos Homens Pretos e, além do Largo e Viaduto de Santa Ifigênea. Prédio muito bonito ao lado da Igreja de Santa Ifigênea, percebido por todos, visto mais de perto a pedido de Maria Aparecida. (Foto 16).

20. Maria Thereza adora o aspecto do Viaduto de Santa Ifigênea, sem gente: faz uma exclamação de satisfação ao postar-se diante dele. Diz ter “*vontade de sair dançando pelo viaduto vazio*”... Dá para ver o desenho do piso, seus materiais e detalhes. (Fotos 17 e 18).

21. Maria Leopoldina diz conhecer toda essa região, pois trabalha nela, contudo gosta muito. Digo que o desafio é esse mesmo: ver algo mais, ou de modo diferente, aquilo que já se viu antes, ou que pensamos conhecer...

22. Maria Aparecida diz que é lindo a partir desse lado do Viaduto. “*Aqui é outra coisa*”! “Daquela parte da cidade (trecho já citado) eu não gosto, mas esse viaduto eu acho bonito”... O Centro Novo³¹³ estava legal até passar pela Rua Conselheiro Crispiniano, que

³¹² Como já muito se falou da paisagem eclesiástica do Centro, aqui, faremos apenas menção ao fato de serem unânimes na afirmação da beleza discreta dos templos dessa parte da cidade; gostaram muito.

³¹³ Centro novo é a área que fica depois do Vale do Rio Anhangabaú, em direção a Oeste, Praça da

expôs pobreza, miséria, com vários matizes...

23. Segundo o grupo, quase não havia gente até aqui: Mosteiro de São Bento, no horário de término de missa e velório de um Bispo, D. Cândido. As opiniões variam bastante! Às vezes combinam, como na concordância sobre o trajeto estar mais agradável. (Fotos 16ss).

24. Convido-as a conversarem sobre nossas experiências. Maria Leopoldina é mais econômica nos comentários, enquanto Maria Aparecida e Maria Thereza vão comentando suas impressões.

25. Do Largo de São Bento avistamos a bifurcação de nosso caminho nas ruas Florêncio de Abreu e Boa Vista. Por decisão de todas entramos pela Rua Florêncio de Abreu, com muito movimento de pessoas dirigindo-se à Igreja do Mosteiro, os sinos num badalar intenso. (Fotos 18 e 19).

26. Maria Leopoldina fala sobre o alvo de seu interesse e comenta suas impressões: *“Eu sou curiosa com as diversas lojinhas, eu gosto de entrar, ficar fuçando. Gosto de vir ‘sem tempo’, realmente descobrindo... e acho que é um mundo em que a gente pode descobrir detalhes e mais detalhes! (...) tem um vida latente, para se descobrir, tem muita gente, comum mundo inteiro por trás dessas portas”*. Alusão à abertura das coisas.

27. Maria Thereza também faz alguns comentários: *“Eu ‘adoro’ o Centro, mas para mim o Centro não é tão bonito quanto ela falou [a Maria Leopoldina]”!* *“Desperta em mim uma certa..., uma certa..., uma certa...”*. [hesita...]. [Repete]. *“As pessoas..., desperta alguns preconceitos meus (...) As ruas muito degradadas... , ... É bonito! Não é que não seja bonito! É como ela [Maria Leopoldina] falou, que ‘tem toda uma vida aqui, pulsa, né, durante a semana’. Mas, assim: é um outro mundo; é um mundo. Vim no Natal fazer compras na Rua vinte e cinco de março. A gente tá num mundo paralelo...”*... (Fotos 19 e 20).

28. Maria Aparecida continua a conversa: *“Tenho muita curiosidade de morar aqui, vir aqui a noite , ver o que acontece; muita curiosidade, mesmo! E não tem tanta violência quanto eu imaginava que tivesse; das pessoas que moram aqui, das pessoas que trafegam...”*. (Fotos 19 e 20). A Maria Thereza diz que não moraria!

29. Maria Thereza diz que “*durante a semana a partir das 18h o Centro vai-se esvaziando..., e daí você vê a miséria que reside aqui: muito menino de rua cheirando cola! Hoje, não, a gente não tá vendo tudo isso* (essa realidade). *Muito mendigo que faz qualquer coisa para ganhar seu dinheiro. Existe um mundo... que, a noite aqui, não é bonito! Eu não consigo dizer que é bonito! Bonita é a arquitetura; eu acho, assim, muita desigualdade, muita miséria que não tem que existir...*”. (Fotos 19 e 20). É bastante visível que as coisas desse olhar estão bem fechadas.

30. Tendo em mente o ponto de destino, o Mercado Municipal, parece “natural” que desçamos, com sugestão de todas, a Rua da Constituição, cruzando as ruas Vinte e cinco de Março e também a Abdo Schahin, olhando vitrines, apontadas por todas, nas quais se dispersa o olhar..., com muitas lojas abertas nessa região, desde a Constituição à esquerda. (Foto 20).

31. Maria Aparecida fala que a área tem a cara brasileira. Estamos na Rua Comendador A. Kerlakian, indo em direção à Rua da Cantareira, do Mercado. (Foto 21).

32. Maria Thereza lembra do avô, que vinha frequentemente ao Mercado. (Foto 21).

33. Maria Leopoldina fala da multidão bastante variada presente no local. (Foto 21).

34. Maria Aparecida comentários sobre o prédio e as pessoas. (Foto 21).

O desfecho do trabalho de campo deu-se por meio de perguntas sobre limites, delimitações, quantos lugares viram, entre outras questões eventuais? captação das impressões sobre as áreas do Centro.

Maria Aparecida responde

Não vê unidade, como vê Maria Leopoldina, nem “*unanimidade*” no que diz respeito aos locais vistos.

Viu uns 15 pontos importantes, mais ou menos próximos entre si. O Copan seria o primeiro ponto, tomando por referência as coisas percebidas, como prédios, gente, equipamentos, qualidades e quantidades.

Disse que tudo que viu foi diferente: “*Tudo diferente! Ficou legal no Viaduto Santa Ifigênia, do Centro Velho para o Novo, onde o astral melhora...*”.

Daí fala dos pontos: “Vi pontos limpos, sujos, bonitos, feios; prédios lindíssimos e requintados, horríveis; lugares alegres, tristes...”. “Vejo a história, o passado; não vejo o futuro, desconexo, não vejo se vai ser um Centro cultural, comercial, residencial...”.

Ponto que mais chamou a atenção [**coisas que se abriam**]: tantas igrejas no Centro!

Não vê como uma unidade entre os pontos avistados, “*de jeito nenhum...*”.

Maria Leopoldina responde

“*Vejo o Centro como unidade* [funcional, com base na instância do espaço geográfico]”. Tudo o que vimos do Centro Velho e do Centro Novo ela inclui num lugar. Fala do nível institucional em que se classifica os lugares como áreas. Fala de tres locais [lugares, corrige!]: 1) A Praça Dom José Gaspar; 2) As duas igrejas, dos Homens Pretos e do Largo de Santa Ifigênea; 3) Viaduto Santa Ifigênea.

Nessa visão do Centro como unidade, a Praça Dom José Gaspar seria “um vazio”! Surgiria um perímetro da ligação de seus percursos diários entre trabalho, escritório, comércio, encontrando diferenças entre o Centro Velho e o Centro Novo.

As diferenças nos levam à história: “*Vejo a história passar por ali! Mas vejo uma unidade*”. Fala de um fio condutor da história na elaboração da paisagem; um lugar só, atravessado pelo fio do tempo, dos fazeres...

Um lugar, mas com vários lugares [que se abrem]. Já, o Viaduto de Santa Ifigênea fica “meio escondido” [aí fechado é o acesso] quando com ele nos deparamos pela passagem que leva da Igreja de Santa Ifigênia ao Viaduto de mesmo nome.

Maria Thereza responde

Vê mais ou menos oito lugares importantes. “*O Centro tem uma unidade, mas passamos por vários pontos de referências* [corrige: lugares]; *uma unidade, o comércio um sistema*

conectado”.

Os pontos referidos dão-nos a idéia de abertura: no Viaduto Santa Ifigênea abre-se um *“espaço muito bonito; mais prazer em ver, andar... sem camelôs...”*.

Interessa-nos as afirmações sobre *“pontos”* e *“locais”* retratados para fazermos as nossas considerações sobre a experiência da percepção das coisas e da *“resultante”* lugar”. O lugar é, então, a construção que aventamos desde o começo; não uma coisa, mas, uma síntese espacial.

O Viaduto Santa Ifigênea, a época projeto da elite, porém por razões intrínsecas e extrínsecas à estética, segue para a funcionalidade a que foi destinado, sem que mudasse o gradil, o desenho do piso, etc. O mesmo para o mercadão. Mas, e as áreas *“sem identidade”*, se tal nos for permitido dizer? Como fica o Boulevard São João? O que quiseram que ele fosse? O que dele esperaram ao criá-lo? O que se pode esperar dele agora, fechado, *“sem atrativo”*?

O campo mais confirmou do que refutou o que imaginávamos: há predisposições nos sujeitos, ao locomovermo-nos em meio às coisas, em lhas avistarmos ou não e, ao fazermos, de algum modo, unirmo-nos com elas. Os lugares mereceriam, a partir desse raciocínio, um resgate de sua história, com base na temporalidade, que somente o corpo-sujeito repõe pela e para ação.

6.2. Referência Cartográfica e Fotos

GEGRAN

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO

SISTEMA CARTOGRÁFICO METROPOLITANO DA
GRANDE SÃO PAULO 1:50.000

REFERÊNCIA CARTOGRÁFICA

Percursos

Indicação Fotográfica

N

Escala
100m 0 200m
100

Elaborado por Adilson R. Camacho- 2008
Fonte: Cartas do Município de São Paulo- GEGRA fls. 139-02/139-03

“Unai desvelada”.

FOTO 1

Rua Unai, **fechada**: ninguém jamais tinha notado tal rua, que leva ao interior do condomínio Edifício Copan.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Praça da República Inacessível”.

FOTO 2

Primeiro lance do caminho no corredor da Avenida Ipiranga, cujas grades definem a mirada para o Colégio Caetano de Campos como repulsiva; **abertura** “precária”, constituindo minha paisagem por negação, desviando o trajeto para a Avenida São Luis.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Verde atrativo”.

FOTO 3

Abre-se o caminho na Avenida São Luis, arborizada e iluminada; visão de ordem.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“O Edifício Louvre”.

FOTO 4

Mesmo com todas as grades, **aberto** pela beleza.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

O verde e o canto de pássaros motivaram a guinada para a esquerda, na praça, **abrindo-a**.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“A praça de tapumes e monturos”.

FOTO 6

Aberta não sem hesitação, atração tácita entra na paisagem por “oposição” estética. As estátuas que atraíram o primeiro grupo, nesta segunda visita estavam tapadas.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“A Praça apontou para a Marconi”.

FOTO 7

Mas nos guiou para a Galeria Nova Barão.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

Galeria Nova Barão, em funcionamento na primeira visita, Natal; de portões cerrados na segunda.
Atraiu a atenção dos grupos. **Aberta** de longe para fechar-se perto.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Barão de Itapetininga”, sentido Sul.

FOTO 9

Corredor com final **aberto** no Teatro Municipal. Caminho seguido pelo primeiro grupo em direção ao V. do Chá, Praça do Patriarca, Lgo. de São Bento e Mercado Municipal.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Barão de Itapetininga”, sentido Norte-NE.

FOTO 10

Corredor com final **aberto** na Praça da República. Caminho seguido pelo segundo grupo.

Foto: Eduardo A. Simões Gerales

“Teatro Municipal, na Praça Ramos”.

FOTO 11

Abre-se para a visão; ponto de convergência.

Foto: Eduardo A. Simões Gerales

“Boulevard São João”, sentido Vale do Anhangabaú.

FOTO 12

Os aspectos favoráveis não o colocaram no roteiro, **fechado**, não foi nem cogitado!

Foto: Eduardo A. Simões Gerales

“Largo do Paissandu”.

FOTO 13

O mesmo: olharam? para a Rua Capitão Salomão, porém era a sinalização da Igreja Dos Homens Pretos que os estava atraindo. **Fechada.**

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

Abriu-se com tapumes, obstáculos, táxis, transeuntes, sem-teto, ônibus, atraindo o grupo, aliás, para seu interior, interessado em vê-la de perto e por dentro.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

Nos fundos da Igreja, “impossível” não vê-la de **abertura** “média”; queimada na base, provavelmente por velas, desperta o olhar, porém por tempo breve.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Igreja de Santa Ifigênia”.

FOTO 16

Atraiu muito a atenção do grupo, que quis olhar de perto.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Viaduto de Santa Ifigênia”.

FOTO 17

O ponto mais marcante de todo o percurso, arrancando suspiros e elogios por “vê-lo sem gente e coisas que o escondem”. **Maior abertura.**

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Mosteiro de São Bento”.

FOTO 18

O grupo quis se aproximar, entrar, em decorrência de sua **extrema abertura**.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“Florêncio de Abreu, esquina com o Largo de São Bento, lateral do Mosteiro”. FOTO 19

Mudam a atmosfera, as condições de territorialidade, de visibilidade¹, pois a lateral, que desdobra a forma propõe outra leitura.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

Sua conformação, topografia fiel ao perfil ancestral de drenagem, compondo com as demais ladeiras que dão para o antigo leito do Tamanduateí, escavado para ele na colina, hoje deságuam gente; muita gente, assim como nós, para quem se **abriu**.

Foto: Eduardo A. Simões Geraldes

“O mercado municipal”.

FOTO 21

O fim **aberto** do corredor da Rua Comendador Kerlakian.

Foto: Eduardo A. Simões Gerales

Referências Bibliográficas

- ALVIM, Mônica Botelho. *Experiência Estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre Gestalt-Terapia, Arte e Fenomenologia*. Rio de Janeiro: UERJ, ano 7, n. 1, 1º Semestre de 2007.
- BAITZ, R. A implicação: um novo sedimento a se explorar na geografia? *Boletim Paulista de Geografia*, n. 84, p. 25-50, Jul. 2006.
- BALLESTEROS, Aurora Garcia (ed.). *Geografía Y Humanismo*. Barcelona-España: Oikos-tau 1992.
- BELVEDERE, Carlos. El desarrollo de la noción de mundo en el período fenomenológico de la obra de Merleau-Ponty: de la subjetividad a la intersubjetividad. *Universidad de Buenos Aires*, Argentina, Marzo de 2002.
- BORGES, J. L. *El Hacedor*. Madrid: Alianza, 2005.
- BRUNET, R. *Les figures du carrefour*. Montpellier: Revue Mappemonde. v. 2, 1997.
- BUTTIMER, Anne. *O espaço social numa perspectiva interdisciplinar*. In: SANTOS, M. e SOUZA, M. A. de. (org.) *O espaço interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986.
- CAMACHO, Adilson Rodrigues. & LOPES. I.I. A “cidade dos endereços” ou de como o desejo de chegar suprime o interesse pelos caminhos. *Comunicação apresentada no 10º Encontro Nacional de Geógrafos*, Recife-PE, em 1996.
- CAMACHO, Adilson Rodrigues. & LOPES. I.I. Atração e repulsão ou os caminhos que levam às praças. *Trabalho apresentado no 5º Congresso Brasileiro de Geografia*, em Curitiba-PR, em 1994.
- CAMACHO, Adilson Rodrigues. A informalidade, da economia à geografia. *Anais do 6º Encontro Latino Americano de Geógrafos*, em Buenos Aires, 1997.
- CAMACHO, Adilson Rodrigues. *A praça apropriada ou uma geografia da ocupação no âmbito do público tardio...* Dissertação de mestrado. Presidente Prudente-SP, FCT-UNESP, 1994.
- CAMACHO, Adilson Rodrigues. *O cotidiano, o lugar e a cidade*. Simpósio de Geografia Urbana, 3, *Anais*, Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- CARMAN, Taylor. The Body in Husserl and Merleau-Ponty. *Philosophical Topics*. VOL. 27, NO. 2, FALL 1999.
- CASTRO, Murilo Cardoso de. "Meio" e pensamento tradicionalista: Uma passagem pela metafísica tradicionalista. *Speculum*. 22/04/2007a. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=15>>. Acesso em: 8/1/2008.
- CASTRO, Murilo Cardoso de. "Meio": um conceito nômade: o percurso histórico do

conceito de "meio" na ciência moderna *Speculun*. 22/04/2007b. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=16>>. Acesso em: 8/1/2008.

CASTRO, Murilo Cardoso de. "Meio": uma visão organicista: a noção de meio através da metáfora do organismo. *Speculun*. 22/04/2007c. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=17>>. Acesso em: 8/1/2008.

CASTRO, Murilo Cardoso de. Meio - uma noção transversal. *Speculun*. 22/04/2007d. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=12>>. Acesso em: 8/1/2008.

CASTRO, Murilo Cardoso de. Meio técnico-científico-informacional. *Speculun*. 22/04/2007e. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=23>>. Acesso em: 8/1/2008.

CASTRO, Murilo Cardoso de. O "meio" na Geografia: a noção de "meio". *Speculun*. 22/04/2007f. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=19>>. Acesso em: 8/1/2008.

CASTRO, Murilo Cardoso de. Objetos do meio: os híbridos de Latour: Uma avaliação da proposta de Bruno Latour. *Speculun*. 22/04/2007g. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=18>>. Acesso em: 8/1/2008.

CASTRO, Murilo Cardoso de. Uma ciência do "meio"? Uma tentativa de sistematizar o estudo do "meio". *Speculun*. 22/04/2007h. Disponível em: <<http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/AMS/article.php?storyid=13>>. Acesso em: 8/1/2008

CHAUI, Marilena. Comentários orais às conferências no “Seminário Subjetividades contemporâneas”. In: Subjetividades contemporâneas, Instituto *Sedes Sapientiae*, São Paulo, a. 1, n. 1. (p. 18-25).

CHAUI, Marilena. *Experiência do pensamento*: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORDEIRO, H. K. *O centro da metrópole paulistana: expansão recente*. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1980.

CORDEIRO, H. K. Reflexões sobre o tempo do cotidiano no centro metropolitano de São Paulo. In: *Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, 2, 1991, Rio Claro, Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro-SP, AGETEO, 1991.

CRESSWELL T (1997) 'Weeds, plagues and bodily secretion: A geographical analysis of metaphors of displacement' *Annals of the Association of American Geographers* 87, [No.2]: 330-345.

DARDEL, Eric *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: CTHS, 1990.

DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Moraes, 1992.

DELEUZE, G. *O que é filosofia*. São Paulo: 34, 2000.

DIAS, Geraldo de Souza. O corpo em mira: entrevista com Hermann Schmitz. *Novos estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 74, mar. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 abr. 2009. doi: 10.1590/S0101-33002006000100009.

EL-HANI, C. N. & PEREIRA, A. M. Notas sobre a percepção e interpretação em ciência. *Revista USP*, n.49, (148-159), 3-5, 2001.

EL-HANI, C. N. *O insustentável peso dos genes: A Persistência do Determinismo Genético na Mídia e na Literatura Científica*. Dissertação Apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2006.

ENZENSBERGER, H. M. *Mediocridade e loucura*. São Paulo: Ática, 1995.

ENZENSBERGER, H. M. *Guerra civil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FLORES, L. Fenomenología de la espacialidad em el horizonte de la corporalidad. *Teología y Vida*, Vol. XLIV (2003), pp. 265-269.

FONTES FILHO, O. Natureza, individuação e logos em Merleau-Ponty. *VERITAS* Porto Alegre v. 51 n. 2 Junho 2006 p. 37-54

FOUREZ, G. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: UNESP, 1995.

GERALDES, Eduardo A. Simões. *Condições para a constituição de um patrimônio ambiental urbano: proposta de focos qualitativos no centro de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo-SP, FFLCH-USP, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 2007.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o problema do ser; O caminho do campo*. Livraria Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70, 2002.

HOLZER, Werther. Nossos Clássicos - Carl O. Sauer (1889-1975). *GEOgraphia*. ANO II - Nº 4 - JUL-DEZ 2004 - Publicação on-line em dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/rev_04/carl%20sauer%20nossos%20classicos.pdf>. Acesso em 1.7.2008.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HUSSERL, Edmund. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale*. Paris: Galimard, 2004.

HUSSERL, Edmund. *La Terre ne se me pas*. Paris: CTHS, 1989.

HUSSERL, Edmund. *Chose et espace: leçons de 1907*. Paris: PUF, 1989.

KAISER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 84, p. 93-104, Jul. 2006.

KELKEL, Arion L. e SCHÉRER, René. Husserl. Lisboa: Edições 70, 1982. / Arion Kelkel & R. Schérer (1982: 31; 36; 39-42; 44;)

LARSEN, J. L. *Lefebvre's hermeneutics of the lived*. Roskilde University - First draft. Disponível em <<http://www.geogr.ku.dk/courses/phd/glob-loc/papers/lilliendahl.pdf>>. Acesso em 26/11/2005.

LÉFÈBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986.

LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne*. Paris: l'Arche, 1981.

LE MOS, Amália Inês Geraiges de. Repensando a cidade de São Paulo: O processo histórico da produção geográfica (1950-1970). In: *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

LEVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Campinas-SP: Papirus, 1998.

LÉVY, Jacques. "Notre urbaine condition", *EspacesTemps.net*, 20.03.2006. Disponível em: <<http://espacestemp.net/document1895.html>>. Acesso em 29/1/2008.

LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Martins Fontes, 1968.

MARÍAS, Julian. *História da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. [1941].

MARÍAS, Julian. Inseguridad y certidumbre. (Conferencia en Madrid, 1999. Edición: Renato José de Moraes). Disponível em <<http://www.hottopos.com/convenit/jm1.htm>>. Acesso em 26/11/2005.

MARÍAS, Julian. *La Filosofía y el Restablecimiento de las Creencias*. (conferencia en Madrid, 1999. Edición: Ana Lúcia Carvalho Fujikura). Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit/jm3.htm>>. Acesso em 26/11/2005.

MARTINS, Élvio Rodrigues. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. *GEOUSP*. São Paulo, Nº 21, pp. 33 - 51, 2007.

MATHEWSON, Kent; SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752008000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 1 set 2008. doi: 10.1590/S0104-87752008000100004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Primado da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Seleção de textos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Humanismo e terror: ensaio sobre o problema comunista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MOLES, A. A. *As ciências do impreciso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MOREIRA, Virginia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev 2007. doi: 10.1590/S0102-79722004000300016.

MOURA, Alex de Campos. *A relação entre liberdade e situação em Merleau-Ponty, sob uma perspectiva ontológica*. Dissertação de mestrado. São Paulo-SP, FFLCH-USP, 2006.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *A ontologia do vivido*. Tese de Doutorado. São Paulo-SP, FFLCH-USP, 1998.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. O invisível como negativo do visível: a grandeza negativa em Merleau-Ponty. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 27, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732004000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jul 2008. doi: 10.1590/S0101-31732004000100001

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. O sensível e o inteligível: Merleau-Ponty e o problema da racionalidade. *Kriterion.*, Belo Horizonte, v. 45, n. 110, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Fev 2007. doi: 10.1590/S0100-512X2004000200005.

MÜLLER, N. L. A área central da cidade. In: *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Merleau-Ponty: o filósofo, o corpo e o mundo de toda a gente! *XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Pernambuco. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/129.pdf>>. Acesso em: 15 Jul 2008.

NUNES, Benedito. *Heidegger & Ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

NUNES, Benedito. *Physis, Natura - Heidegger e Merleau-Ponty*. *Nat. hum.* [online]. dez.

2004, vol.6, no.2 [citado 23 Maio 2008], p.271-287. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1517-2430.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

REBORATTI, C. E. Una cuestión de escala: sociedad, ambiente, tiempo y territorio. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p. 80-93, jan/jun 2001.

RÉE, Jonathan. Heidegger. História e verdade em ser e tempo. São Paulo: UNESP, 2000.

SALANSKIS, J-M. *Husserl*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SANTIAGO, Homero. Espinosa e Merleau-Ponty: convergências?. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 27, n. 1, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jul 2008. doi: 10.1590/S0101-31732004000100002

SANTOS L. G. *Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: 34, 2003.

SANTOS, C. J. F. dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: _____. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Edusp, 1978. (p. 153-167).

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Uduerj, 1998.

SCARLATO, F. C. Em busca do Centro. In: CARLOS, A. F. A. & OLIVEIRA, A. U. de (orgs.). *Geografias de São Paulo: a metrópole do século XXI*. São Paulo: Contexto, 2004.

SERPA, Â. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 84, p. 7-24, Jul. 2006.

SILVA, A . C. da. *As categorias como fundamento do conhecimento*. In: SANTOS, M. e SOUZA, M. A . de. (org.) *O espaço interdisciplinar*. São Paulo: Nobel, 1986.

SILVA, A. C. A aparência, o ser e a forma. (geografia e método). *GEOgraphia*. Ano II, No 3, 2000. (7-25).

SMITH, J. Merleau-Ponty and the Phenomenological Reduction. University of Essex, UK *Inquiry*, Vol. 48, No. 6, 553–571, December 2005.

SOMBRA, José de Carvalho. *A subjetividade corpórea: a naturalização da subjetividade*

na filosofia de Maurice Merleau-Ponty. São Paulo: UNESP, 2006.

SOUSA, J Francisco Saraiva de. Humanismo e terror. *CyberCultura e Democracia Online*. Sexta-feira, 25 de Janeiro de 2008 Disponível em: <<http://cyberdemocracia.blogspot.com/2008/01/humanismo-e-terror.html>>. Acesso em: 15 Jul 2008.

SOUZA, M. A. de. Conexões geográficas: um ensaio metodológico. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB - São Paulo. N. 71, 1º semestre de 1992.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: UNESP, 2004.

VENTURI, L. A. B. O papel da técnica do processo de produção científica. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 84, p. 69-76, Jul. 2006.

VENTURI, M. A. Relato do trabalho de campo. In: VENTURI, L. A. B. *Praticando geografia: técnicas de campo e laboratório*. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.